

**Pós-graduação em  
Desenvolvimento Sustentável**

**REALIDADE REVELADA:  
OS CATADORES INFORMAIS DE MATERIAIS  
RECICLÁVEIS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA.**

**Marília Magalhães Teixeira  
Dissertação de Mestrado**

**Brasília-DF, março de 2010**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**REALIDADE REVELADA:  
OS CATADORES INFORMAIS DE MATERIAIS  
RECICLÁVEIS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA**

Marília MagalhãesTeixeira

Orientadora

Izabel Cristina Bacelar Zaneti

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF, março de 2010.

Teixeira, Marília Magalhães.

Realidade revelada: os catadores informais de materiais recicláveis no contexto da Universidade de Brasília.

Brasília, 2010. 189 p.

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília.

1. Resíduos sólidos 2. Catadores informais 3. Universidade de Brasília

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

---

Marília Magalhães Teixeira

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**REALIDADE REVELADA: OS CATADORES INFORMAIS DE MATERIAIS  
RECICLÁVEIS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.**

MARÍLIA MAGALHÃES TEIXEIRA

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Educação e Gestão Ambiental.

Aprovada por:

---

Prof<sup>a</sup>. Izabel Cristina Bacelar Zaneti, Doutora (UnB/CDS)  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi, Doutora (UnB/CDS)  
(Examinadora Interna)

---

Prof<sup>a</sup>. Vera Lessa Catalão, Doutora (UnB/FE)  
(Examinadora Externa)

Brasília-DF, março de 2010.



## **DEDICATÓRIA**

*Esse trabalho é dedicado aos catadores informais que participaram dessa pesquisa e a seus familiares, pelos laços constituídos, pela oportunidade de aprendizagem e pela troca de experiência.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Mário Pereira Teixeira e Nárlia Aguiar de Magalhães Teixeira, pelo apoio incondicional, amor e dedicação que me guiaram durante toda a minha trajetória e contribuíram para que essa Dissertação se tornasse realidade.

Às minhas irmãs, Marina Magalhães Teixeira e Lia Magalhães Teixeira, pela amizade e contribuição durante essa jornada.

À minha sobrinha, Iara Teixeira, que irradia luz e energia a todos que a cercam.

Ao grupo de catadores que compõe essa pesquisa, pela troca de experiência e pelo aprendizado inestimável no decorrer do trabalho de campo.

Aos estudantes que se dispuseram a responder os questionários no decorrer da pesquisa de campo.

Ao Victor Hugo Barros Costa por ter sido um companheiro incansável no decorrer do trabalho de campo, assim como pelo seu apoio e sensibilidade durante a realização das oficinas junto aos catadores.

À minha orientadora, Izabel Zaneti, cujo auxílio e dedicação foram fundamentais para a realização do presente trabalho.

À professora Vera Catalão, por acompanhar a minha trajetória desde a graduação, sendo sempre uma referência e uma fonte constante de inspiração.

À Laís Mourão e à Fátima Makiuchi pelas contribuições ao longo do curso.

Às queridas colegas do CDS, companheiras de mestrado, pelas trocas estabelecidas. Em especial à Jaqueline Fernandes, grande incentivadora e parceira de estudo.

Aos professores e funcionários do CDS, pela convivência e pela disponibilidade em ajudar sempre que necessário.

Ao Decanato de Extensão, por viabilizar a Exposição “Realidade Revelada”.

Ao Aman Rathie, por sua importante contribuição.

A todos os meus amigos e amigas, que estiveram sempre ao meu lado, torcendo, apoiando e me ajudando a crescer.

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado consiste em um estudo de caso, norteado pela abordagem qualitativa, cujo objetivo principal é compreender a realidade dos catadores informais que coletam materiais recicláveis no *Campus* da Universidade de Brasília – UnB, a partir das relações socioambientais estabelecidas por esses trabalhadores, os seus anseios e demandas, assim como a sua relação com a UnB. Essa compreensão é fundamental, uma vez que a Universidade de Brasília caminha para a implantação da Coleta Seletiva, em consonância com o Decreto Federal 5.940/06, que estabelece a obrigatoriedade de todas as instituições federais destinarem os seus materiais recicláveis às cooperativas/associações de catadores. Esses trabalhadores, de acordo com as recomendações do Decreto citado, estarão excluídos desse processo, já que não se encontram organizados coletivamente em cooperativas ou associações. Desse modo, é necessário que se conheça o importante trabalho desenvolvido há anos pelos catadores informais na UnB, apesar da inexpressiva repercussão dessa ação no âmbito da Instituição. Nesse sentido, participaram da presente pesquisa quatro catadores autônomos de Brasília e suas famílias – moradores da “Invasão do Iate” e da “Invasão da Colina” – que a partir de suas histórias de vida revelaram fatores ligados à migração, à precariedade das condições em que vivem e trabalham, assim como à ineficiência do Estado ao lidar com essa parcela da população. Foram realizadas entrevistas e criadas as condições para a realização de um extenso trabalho fotográfico pelos catadores, de forma que pudessem registrar o que considerassem de mais significativo em suas vidas. A utilização da fotografia como recurso metodológico permitiu adentrar, de forma bastante singular e densa, as diversas dimensões do ser humano que se encontra por trás da catação. Além disso, o trabalho com a imagem permitiu uma maior tomada de consciência dos catadores acerca de sua própria realidade, a partir do momento que exerceram a observação de suas próprias vidas. A junção das fotografias gerou uma exposição fotográfica, que proporcionou uma maior integração entre os catadores, o contato desses com a comunidade acadêmica, e contribuiu para ampliar sua visibilidade no interior do *Campus*. Foram também aplicados questionários junto aos estudantes da UnB, com a finalidade de identificar as diferentes percepções desses alunos acerca do catador e de seu trabalho, assim como, relacionar esses olhares ao modo como o próprio catador se percebe e acha que é percebido. Foi verificado ao longo da pesquisa que existe uma distância muito grande entre a Universidade e os catadores informais. Até mesmo o contato informal desses trabalhadores com a comunidade acadêmica é muito raro. Há um longo caminho a ser percorrido rumo à implantação de um sistema de Coleta Seletiva que contemple a inclusão dos catadores informais, que trabalham no interior do *Campus*. Recomenda-se que a Universidade, frente ao seu importante papel social, dialogue com esses trabalhadores e construa, de forma coletiva e participativa, um projeto comum de transformação e melhoria social.

Palavras-chave: Resíduos sólidos; Catadores informais e Universidade de Brasília.

## **ABSTRACT**

This paper presents a case study, guided by a qualitative approach, in which the main objective is to understand the reality of scavengers that collect recyclable materials on the campus of the University of Brasilia - UnB from environmental relationships established by these workers. This understanding is crucial, since the University of Brasilia is headed to a implementation of selective collection in line with the Federal Decree 5.940/06, which establishes the obligation of all federal institutions to send their recyclable materials to cooperatives / associations of scavengers. Thus, it is necessary to know the different dimensions involving solid waste in UnB. The work of scavengers in the University consists of one of these dimensions, although it is rarely talked about and even disregarded within an institutional perspective. These workers are part of the reality of the campus for years and cannot be excluded from the University's implementation project. The participants were four scavengers of Brasilia and their families - residents of "Invasão do Iate" and "Invasão da Colina". Their life stories revealed factors related to migration, the precarious conditions in which they live and work as well as the inefficiency of the government in dealing with the scavengers. The University, on its important social role, cannot exclude the presence of these scavengers. According to this perspective, the study describes the situation of the scavengers and their relationship with the University. To accomplish this, questionnaires were filled by the University's students in order to identify the different students' perceptions about the scavengers and their work and to show how the scavengers think they are perceived by the public. In addition, interviews were conducted and an extensive photographic work with the scavengers was done, which abled to record the most significant parts of their lives. The use of photography allowed to show in a very unique and deep way the various aspects of the scavengers' life. In addition, working with the photography created greater awareness of the scavengers about their own reality. The photographic exhibition provided a greater integration among the scavengers, with the academic community and also contributed to greater recognition withing the campus.

**Keywords:** Solid Waste; Scavengers e University of Brasilia.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Zoom da foto catador na UnB .....	49
Imagem 2. Catador na UnB .....	49
Imagem 3. Registro do momento da entrevista com a Dona Luzineide.....	51
Imagem 4. Primeira etapa da oficina de fotografia realizada com o Cleydson.....	52
Imagem 5. Primeira etapa da oficina de fotografia realizada com Ronaldo Adriano .....	53
Imagem 6. Dona Luzineide manuseando pela primeira vez uma máquina fotográfica .....	53
Imagem 7. Seu Hélio aprendendo a utilizar as funções da máquina fotográfica .....	53
Imagem 8. Ronaldo fotografando seu cavalo durante a oficina de fotografia.....	54
Imagem 9. Ronaldo sendo filmado ao falar sobre as fotografias por ele tiradas.....	55
Imagem 10. Seu Hélio falando a respeito das fotografias por ele tiradas .....	55
Imagem 11. Cleydson sendo filmado ao falar sobre as fotografias que tirou .....	55
Imagem 12. Invasão do Iate.....	68
Imagem 13. Espaço conhecido como ‘ruínas’ .....	69
Imagem 14. Ruínas .....	69
Imagem 15. Invasão da Colina .....	70
Imagem 16. Cleydson e sua carroça .....	73
Imagem 17. Ronaldo Adriano no campus .....	74
Imagem 18. Invasão do Iate.....	74
Imagem 19. Cleydson tirando a sua primeira fotografia .....	77
Imagem 20. Dona Luzineide, foto “ao contrário” .....	78
Imagem 21. Seu Hélio e familiares vendo as fotografias por ele tiradas .....	79
Imagem 22. Ronaldo e família no primeiro contato com suas fotografias .....	79
Imagem 23. Cleydson e sua família olhando as fotografias por ele tiradas .....	79
Imagem 24. Fotografia tirada por Dona Luzineide .....	80
Imagem 25. Fotografia tirada por Hélio Souza .....	87
Imagem 26. Foto tirada por Ronaldo Adriano do seu vizinho .....	99
Imagem 27. Fumaça gerada pela queima do lixo .....	102
Imagem 28. Foto tirada por Dona Luzineide dos santos que ficam dentro do seu barraco....	103
Imagem 29. Foto tirada por Dona Luzineide do local em que prepara os alimentos .....	104
Imagem 30. Foto tirada por André Sousa do pai preparando a refeição para a família .....	105
Imagem 31. Peixes do Lago Paranoá.....	106
Imagem 32. Crianças “brincando de piscina” em um domingo ensolarado.....	107
Imagem 33. Crianças brincando no parquinho da Colina .....	107
Imagem 34. Filha de Cleydson brincando com uma bicicleta encontrada no lixo.....	108
Imagem 35. Cleidiane em meio aos papéis .....	108
Imagem 36. Família de Cleydson .....	109
Imagem 37. Dona Luzineide e família .....	109
Imagem 38. Dona Cenira e a netinha de seu Hélio .....	109
Imagem 39. Filho de Dona Luzineide .....	110
Imagem 40. Filha caçula de D. Luzineide .....	110
Imagem 41. Aterro do Jóquei durante o segundo semestre de 2008 .....	114
Imagem 42. Solange realizando a separação do lixo.....	115
Imagem 43. Balão na Asa Norte próximo aos locais de coleta .....	118
Imagem 44. Prédio em que Cleydson costuma coletar materiais recicláveis.....	118
Imagem 45. “Chiqueirinho” com papel branco .....	119

Imagem 46. Embalagens Tetra Pak .....	119
Imagem 47. Latinhas .....	119
Imagem 48. Garrafas PET .....	119
Imagem 49. Carroça carregada com materiais .....	120
Imagem 50. Atravessador recolhendo o material reciclável na invasão.....	127
Imagem 51. Fotografia tirada por Dona Luzineide .....	133
Imagem 52. Fotografia tirada após a “derrubada” do local em que D. Luzineide residia.....	135
Imagem 53. Trator abrindo buracos no solo para impedir o retorno dos moradores .....	137
Imagem 54. Barraco do Ronaldo.....	141
Imagem 55. Carrinho utilizado por dona Luzineide para coletar materiais recicláveis .....	142
Imagem 56. Cavalos do Cleydson.....	143
Imagem 57. Égua do Ronaldo .....	144
Imagem 58. Cavalos do Ronaldo .....	144
Imagem 59. Caminhando rumo ao futuro .....	147
Imagem 60. Campus Universitário Darcy Ribeiro .....	151
Imagem 61. Instituto Central de Ciências .....	151
Imagem 62. “Canudeiros” do Campus .....	151
Imagem 63. Casa do Estudante da Universidade de Brasília .....	152
Imagem 64. Trilha para a Casa do Estudante .....	152
Imagem 65. Contêiner da Casa do Estudante .....	152
Imagem 66. Seu Hélio voltando para a Invasão .....	153
Imagem 67. Árvore do Cerrado .....	161
Imagem 68. Exposição “Realidade Revelada” .....	167
Imagem 69. Exposição “Realidade Revelada” .....	167
Imagem 70. Fotografia dos integrantes da pesquisa, familiares e da pesquisadora.....	168

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Estrutura do mercado de sucatas no Brasil.....	36
Figura 2. Estrutura do mercado de sucatas em Brasília.....	38
Figura 3. Cadeia da venda de materiais recicláveis .....	123

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Geração de resíduo no Brasil e por região.....	33
Tabela 2. Queda no preço dos materiais recicláveis após a crise financeira. ....	121
Tabela 3. Percentual da redução dos preços dos materiais recicláveis.....	122

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Frequência com que os catadores de material reciclável são vistos.....	157
Gráfico 2. Locais de visualização dos catadores .....	157
Gráfico 3. Sobre a relevância socioambiental do trabalho do catador. ....	159
Gráfico 4. O que a figura do catador lembra .....	160
Gráfico 5. O que representa o trabalho do catador .....	161
Gráfico 6. Razões da presença dos catadores nas grandes cidades. ....	162
Gráfico 7. Sentimento em relação ao catador.....	163

## SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE GRÁFICOS	
INTRODUÇÃO.....	13
1. ORIENTAÇÕES TEÓRICAS.....	18
1.1 PERCEPÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE.....	18
1.2 A FACE CONSUMISTA DO CAPITALISMO.....	21
1.3 INCLUSÃO, INCLUSÃO PERVERSA E EXCLUSÃO.....	26
1.4 RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS.....	31
1.5 A CADEIA DA RECICLAGEM.....	35
1.6 A OPÇÃO PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E EMANCIPATÓRIA.....	38
2. METODOLOGIA.....	43
2.1 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	43
2.2 ABORDAGEM QUALITATIVA.....	43
2.2.1 Etudo de caso.....	45
2.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	46
2.3.1 Universidade de Brasília e estudantes.....	47
2.3.2 Catadores.....	50
2.4 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	56
2.4.1 Observação participante e diário de campo.....	56
2.4.2 Análise documental.....	57
2.4.3 Entrevista.....	57
2.5 CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	58
3. O CAMPO DE PESQUISA.....	61
3.1 A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB.....	61
3.2 A “INVASÃO DO IATE” E A “INVASÃO DA COLINA”.....	67
3.3 A FORMAÇÃO DO GRUPO DE CATADORES DA PESQUISA.....	72
3.4 A EMERSÃO DA FOTOGRAFIA.....	76
4. REALIDADE REVELADA.....	83
4.1 MIGRAR: UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL.....	84
4.2 BRASÍLIA: O DESTINO DOS SONHOS.....	86
4.3 DO SONHO À REALIDADE.....	91



4.4 A SOBREVIVÊNCIA NO LIXO.....	98
5. A SOBREVIVÊNCIA DO LIXO.....	114
5.1. ORGANIZAÇÃO, TRABALHO E RENDA.....	114
5.2. O REFLEXO DA IMPOTÊNCIA.....	122
5.3. AS COOPERATIVAS.....	128
5.4 UMA VIDA DE INSTABILIDADE.....	133
5.5 OS SONHOS DE UM FUTURO MELHOR .....	146
6. ENCONTRO DE OLHARES.....	149
6.1 A PRESENÇA DOS CATADORES INFORMAIS NO CAMPUS.....	149
6.2 O OLHAR DOS ESTUDANTES.....	155
6.3. EXPOSIÇÃO REALIDADE REVELADA: MOMENTO DE ENCONTRO ENTRE OS CATADORES E A COMUNIDADE ACADÊMICA. ....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	169
APÊNDICE .....	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	180
ANEXOS .....	186

## INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado consiste em um estudo de caso, norteado pela abordagem qualitativa, cujo objetivo principal é compreender a realidade dos catadores informais de materiais recicláveis e as relações socioambientais estabelecidas por esses trabalhadores. Em busca dessa compreensão, será analisada a situação de quatro catadores autônomos que realizam, informalmente, a coleta de materiais recicláveis no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, espaço que integra a rotina de coleta de inúmeros catadores autônomos que vivem nas invasões que circundam a universidade.

Os catadores que integram a pesquisa apresentam diversas formas de trabalhar, de morar, de perceber a si próprio e aos outros, de se relacionar com a família, com os vizinhos e com os atravessadores. Por trás dessa diversidade, há muito em comum e muito a compreender acerca da realidade dos catadores que sobrevivem informalmente do lixo no Distrito Federal. Por meio da fala individual e da singularidade dos catadores pesquisados, pode-se acessar muito sobre a identidade desse grupo, cujas condições de trabalho e de vida são o retrato da perversidade do sistema capitalista, que suga desses trabalhadores a sua força de trabalho e devolve a eles a menor fatia do lucro proporcionado pela cadeia produtiva da reciclagem.

Os objetivos específicos dessa investigação foram:

- diagnosticar a realidade dos catadores de materiais recicláveis que coletam resíduos no *Campus da Universidade de Brasília*;
- revelar o olhar dos catadores acerca de sua relação com a universidade, consigo mesmo, com a sua família, com o seu trabalho e com o governo;
- analisar a contribuição da fotografia enquanto instrumento de pesquisa;
- resgatar de forma participativa a história de vida e a realidade dos catadores que sobrevivem dos resíduos gerados pela Universidade de Brasília;
- identificar as diferentes visões dos estudantes em relação aos catadores e ao trabalho por eles desenvolvido, e relacioná-las ao modo com que os catadores se percebem e sentem-se percebidos.

Algumas estratégias de pesquisa foram desenvolvidas para o alcance dos objetivos listados. Junto aos estudantes, foram aplicados questionários com a finalidade de identificar as diferentes percepções desses alunos acerca do catador e de seu trabalho, assim como relacionar esses olhares ao modo como o próprio catador se percebe e acha que é percebido. Ao ter acesso à forma como esses catadores são percebidos por alguns estudantes, pôde-se discutir a questão da visibilidade e da invisibilidade dos grupos que se encontram socialmente marginalizados.

Ademais, foram realizadas, junto aos catadores, entrevistas acerca de suas trajetórias de vida e criadas as condições para realização de um extenso trabalho fotográfico, no qual esses trabalhadores puderam registrar, por meio de fotografias, aquilo que julgasse de mais significativo em suas vidas. Esses dois instrumentos complementares, permitiram uma maior compreensão da realidade desses trabalhadores. A fotografia, teve destaque nesse processo, já que além de promover o acesso à subjetividade dos catadores e revelar minúcias do seu cotidiano, permitiu que o próprio catador percebesse a sua realidade de uma forma diferenciada e mais consciente. As imagens resultantes desse trabalho, acompanhadas da fala dos catadores – transcritas na íntegra - ilustrarão todo o decorrer dessa Dissertação.

A história de vida dos catadores, muito diz a respeito da sociedade em que estamos inseridos e revela claramente os dois extremos do sistema capitalista: de um lado o descarte atrelado ao desperdício, oriundo de um consumismo desenfreado, e do outro, a pobreza e a luta pela sobrevivência.

Ao longo da história da Universidade de Brasília algumas iniciativas visaram à implementação da Coleta Seletiva no *Campus*. No entanto, este sistema, até a presente data, não foi implantado, mesmo após a existência do Decreto Nº 5.940, de 25 de outubro de 2006, que determina que haja Coleta Seletiva nas instituições Federais e obriga ainda que os resíduos sejam destinados às associações ou às cooperativas de catadores.

Atualmente a Prefeitura do *Campus*, a Reitoria e o Núcleo da Agenda Ambiental pensam em formas de implantar a Coleta Seletiva na UnB, assim como na destinação adequada dos resíduos a serem descartados. Este contexto mostra-se oportuno para o desenvolvimento do presente trabalho, pois para que a Coleta Seletiva seja de fato implantada na UnB é necessário que se conheçam as particularidades que envolvem os resíduos gerados na universidade. Uma delas é o trabalho de catadores informais no âmbito da universidade,

apesar de ser pouco comentado e até mesmo desconsiderado no âmbito de uma perspectiva institucional .

A Universidade, diante do seu importante papel social, não deve fechar os olhos para presença desses catadores. Essa realidade, praticamente oculta para a comunidade universitária, traz à tona uma reflexão acerca da produção de resíduos na UnB, da gestão desses resíduos e da implantação de uma Coleta Seletiva que inclua socialmente os catadores que ali já realizam um trabalho, mesmo que informalmente.

A Coleta Seletiva pautada no Decreto supracitado não inclui os catadores informais, uma vez que esse instrumento legal determina que os resíduos devem ser encaminhados para cooperativas/associações, o que dificulta a inclusão desses trabalhadores. Para se pensar em uma solução para esse impasse é necessário, antes de mais nada, conhecer como esses catadores desenvolvem o seu trabalho no *Campus* e como vivem.

A Universidade enquanto agente de transformação social deve reconhecer a presença desses catadores e buscar incluí-los de forma participativa nesse processo. Para tanto, é importante conhecer suas realidades para que assim se possa coletivamente pensar em alternativas.

Para que sejam reconhecidos, é necessário que haja a legitimação dos catadores por parte da comunidade universitária e pela instituição. Segundo Maturana (2000) ao negarmos o outro, agimos com agressão e ao legitimarmos o outro, agimos com amor. Ainda com base no autor, ao reconhecermos o outro como um ser legítimo ele torna-se significativo e parte da vida do sujeito que o reconhece como tal. Neste sentido, é fundamental que os catadores sejam legitimados e reconhecidos como parte integrante do mundo universitário. Para tanto, é preciso que a comunidade universitária retire a venda que a impede de enxergá-los. Para que esta retirada aconteça, é de suma relevância que conheçamos a história de vida dos catadores, suas condições e forma de trabalho, a relação com a Universidade no decorrer dos anos, assim como o importante papel que desempenharam e desempenham no processo de separação dos resíduos por ela descartados.

O presente trabalho se organiza em seis capítulos. No entanto, esta divisão não deve ser entendida como uma dissociação entre eles, pois estes se implicam mutuamente. Trata-se assim, de uma divisão com fins didáticos, que visa uma melhor organização e compreensão da presente Dissertação.

O primeiro deles apresenta as reflexões teóricas, a partir da visão de diversos autores, acerca da temática que envolve e norteia o presente estudo: percepção e transdisciplinaridade; o consumismo; a educação ambiental; inclusão, inclusão perversa e exclusão; resíduos sólidos urbanos.

O segundo capítulo trata do referencial metodológico, onde são apresentadas as características de um estudo de caso norteado pela abordagem qualitativa, assim como os instrumentos e técnicas utilizados para o alcance dos objetivos da pesquisa.

O capítulo 3, busca caracterizar o campo de pesquisa e apresenta como se deu o processo de construção de vínculos com o grupo de catadores, bem como se deu a sua constituição. Por último, destaca o papel da fotografia para o presente estudo, assim como relata o surgimento da idéia de utilizar esse instrumento no decorrer do trabalho de campo.

Ao longo dos capítulos 4 e 5 serão apresentadas as experiências e as histórias de vida dos catadores que integram a pesquisa. Os capítulos estão desenhados de forma que percorrerão a vida dos catadores desde a sua chegada ao DF, até os dias atuais e as suas perspectivas para o futuro. Essa abordagem será feita a partir das diversas dimensões de suas vidas, enfatizando sempre as relações – frágeis ou não - estabelecidas por esses trabalhadores.

O último capítulo apresenta como se dá o trabalho dos catadores no *Campus* da Universidade de Brasília, a partir de suas visões, assim como apresenta e discute o resultado da aplicação do questionário junto aos estudantes da UnB acerca da percepção que esses alunos têm do catador e do trabalho por ele desenvolvido. Essa análise é permeada pela forma com que os próprios catadores se percebem e como eles acham que são percebidos.

## Capítulo 1

### Orientações Teóricas

---

## 1. Orientações teóricas

### 1.1 Percepção e transdisciplinaridade

Esta pesquisa tem como principal objetivo realizar um estudo acerca da realidade dos catadores informais que trabalham no *Campus* da Universidade de Brasília. Para que se alcance esta meta e se compreenda o caminho a ser seguido no decorrer da pesquisa é imprescindível destacar primeiramente o que se entende por percepção no presente estudo.

A percepção de cada ser humano é construída e reconstruída ao longo da vida a partir de suas experiências na interação com o outro e com o mundo. Este movimento de construção/reconstrução é constante, já que a percepção não é estática e muda de acordo com a vivência e o intercâmbio com outras percepções. Com base nas idéias de Gomes (1997), a percepção se modifica de acordo com a proximidade do objeto, que por sua vez, transforma a experiência. Em outras palavras, a percepção se modifica de acordo com o ângulo ou proximidade que o sujeito se encontra do objeto, constituindo assim, uma dinâmica de constante reconstrução desse olhar.

Cada ser possui uma percepção diferenciada sobre um determinado objeto que se baseia em suas constantes experiências no decorrer de sua existência. Coexiste, desse modo, uma incrível diversidade de percepções acerca de um mesmo elemento. Ter acesso a esta diversidade é enriquecedor quando se busca compreender um dado fenômeno. Cabe ao pesquisador considerar as divergências que possam vir a emergir em sua pesquisa, não como excludentes, mas como complementares.

De acordo com as idéias de Gomes (1997), a percepção é contextualizada por meio da expressão, que segundo ele é todo movimento de um corpo passível de ser observado ou experienciado. Esse movimento por sua vez, traz consigo uma mensagem que pode ser decodificada ou interpretada por um sujeito observador ou pelo próprio sujeito que produziu esse gesto.

O pesquisador, enquanto sujeito que capta as mensagens emitidas pelos sujeitos pesquisados por meio de suas diversas formas de expressão, tem a difícil missão de articular e interpretar as informações recebidas na busca de uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado.

O olhar acerca dos catadores de resíduos sólidos varia de acordo com a percepção do sujeito que o enxerga e nesse ponto a Educação Ambiental pode interferir positivamente para a formação desta percepção. Foi analisado, também, como os catadores são percebidos, ou não, por parte dos estudantes que compõem a Universidade. A partir do acesso a esta visão verificou-se a condição de invisibilidade ou visibilidade do catador para estes grupos.

É importante ressaltar que a visibilidade ou invisibilidade não pode ser atribuída como uma característica que qualifica o catador de uma forma geral. Como se o fato de o catador ser invisível para a comunidade universitária, por exemplo, o tornasse invisível para os demais setores da sociedade, o que não é verdade. Visibilidade e invisibilidade caminham juntas e não são excludentes, já que em determinados espaços, o catador tem grande importância e reconhecimento e em outros ele simplesmente é ignorado e desprezado. São esses diversos contextos e a sua inter-relação que permitirão a compreensão da situação e papel do catador em cada nível de realidade – um dos pilares da transdisciplinaridade – que ele perpassa.

Seguindo a linha de pensamento de Nicolescu (1999), cada nível de realidade é regido por suas próprias leis, mas isso não impede que um nível se comunique e reconheça o outro. Os catadores estão imersos em diferentes níveis de realidade, o que implica que diversos olhares, norteados por diferentes leis, específicas de cada nível, são lançados sobre eles. Cabe ao pesquisador considerar os diferentes níveis e as conexões entre eles, assim como o fato de não se excluírem.

Em cada nível modifica-se o grupo social e a forma de interação entre esse grupo e o catador. Como exemplo, pode-se citar as distintas relações estabelecidas entre o catador e a família, os vizinhos, o atravessador, os empresários e a sociedade que gera os resíduos por eles coletados. Em cada relação, um diferente papel é atribuído ao catador.

Todos os grupos mencionados anteriormente e os sujeitos que os compõem interagem mutuamente e estão interligados. Essa interligação é permitida por diversas outras circunstâncias como as biológicas e cosmológicas, mas aqui, será enfatizado a proporcionada pelos resíduos sólidos. Por meio dos resíduos, diversas relações são estabelecidas, como, por exemplo: as relações de consumo, de sobrevivência e de comércio.

Os resíduos sólidos estão imersos em diferentes níveis de realidade, o que implica em diversos olhares, norteados por diferentes leis, específicas de cada nível, são lançados sobre



eles. No campo social, por exemplo, merecem destaque as diferentes relações estabelecidas com os resíduos por grupos distintos da sociedade. O catador, o atravessador, os empresários, os consumidores e as pessoas que sobrevivem dos resíduos sólidos possuem relações diferentes com o lixo. Cabe ao pesquisador captar esses olhares, percebendo que não são excludentes e que um está interligado ao outro e que um somente existe porque o outro também existe, afinal, “[...] um nível de realidade é o que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo”. (NICOLESCU, 2002, p. 55).

A teia de relações em torno dos resíduos sólidos ressalta a complexidade, segundo pilar da transdisciplinaridade, que se torna evidente a partir do momento em que percebemos os diversos níveis de realidade envolvidos e a importância de cada um para o todo.

Segundo Morin, a complexidade existe:

[...] quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo [...] e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e o seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2001, p.38).

Em meio a essa rede complexa emerge o terceiro incluído, que permite compreender que existe uma lógica que transcende os diversos níveis de realidade. Com base em Nicolescu (2000), entre duas afirmações contraditórias, por exemplo, existe uma terceira possibilidade que vai além da própria soma de ambas as afirmações. Ao se imaginar, o branco e o preto, colocados aqui metaforicamente, como dois termos excludentes, o terceiro incluído dessa relação seria além da soma de ambos, além do cinza. Nas relações proporcionadas pelos resíduos sólidos, o terceiro incluído é revelado a partir do momento que um nível interage com o outro e surge uma coerência a partir dessa relação.

Podemos identificar os resíduos sólidos como o terceiro incluído da cadeia que envolve produção e reciclagem, já que este interliga, direta ou indiretamente, diversos níveis de realidade. O catador, por meio do resíduo reciclável, está interligado aos consumidores que descartam os materiais por ele coletados e às indústrias de reciclagem - as principais beneficiadas pelo trabalho dos catadores, já que lucram a partir de sua ação de coleta e separação e retribuem pagando quantias ínfimas a esses trabalhadores.

## 1.2 A face consumista do capitalismo

A contextualização histórica do surgimento do capitalismo, bem como os cenários posteriormente desenhados em virtude de tal modelo, faz-se necessária para a compreensão da cultura do consumo e de sua interligação com o descarte e acúmulo de resíduos sólidos no planeta.

O atual modelo de desenvolvimento trouxe consigo a idéia de progresso como a solução de todos os males que afetavam a população mundial. No entanto, junto aos avanços tecnológicos e as promessas de uma vida melhor, surgiram problemas que desafiam a própria tecnologia e a vida no planeta. Esse paradoxo da vida moderna está atrelado diretamente ao sistema capitalista. Para Giddens,

O capitalismo é um sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse de propriedade, esta relação formando o eixo principal de um sistema de classes. O empreendimento capitalista depende da produção para mercados competitivos, os preços sendo sinais para investidores, produtores e consumidores. (GIDDENS, 1991, p.61).

O consumismo é a peça fundamental na movimentação da engrenagem econômica do sistema capitalista. Esse movimento é possível a partir da articulação entre produção e consumo, da qual emerge um ciclo de retroalimentação positivo, onde o aumento de um provoca conseqüentemente o acréscimo do outro. Dentro desta lógica cíclica, merece destaque a influência que a produção exerce sobre o consumo, já que esta é uma característica recente na história da humanidade, podendo ser observada mais precisamente a partir do século XIX.

No período que antecede a Revolução Industrial, entre os séculos XVI e XVII, a forma de produção pautava-se principalmente no sistema doméstico – posterior ao artesanal – no qual os artesãos recebiam a matéria-prima dos chamados “atravessadores” e devolviam o produto final a eles de acordo com a quantidade solicitada. Em seguida, emergiu a manufatura, sistema no qual - apesar da divisão do trabalho - os operários eram os proprietários dos instrumentos que lhes garantiam a sobrevivência, assim como tinham o controle sobre a sua produção. Tanto o sistema artesanal de produção, quanto o doméstico e a manufatura, baseavam a sua produtividade nas demandas e necessidades básicas dos consumidores.

No entanto, a partir da Revolução Industrial este cenário ganhou novas características. Com o advento da máquina “[...] o aumento da produção é tão grande e o custo tão mais baixo que a indústria não mais produz em resposta a exigências de um certo mercado: produz para um mercado indeterminado, que ela mesma cria”. (ANDERY et al ,2007, p.260).

Além disso, a força de trabalho tornou-se mercadoria; os modos de produção e o consumo transformaram-se em prol da movimentação econômica do sistema capitalista que ali nascia; a máquina passou a ditar o ritmo do trabalho humano, cada vez mais desumano; e a ampliação da desigualdade social, onde poucos passaram a possuir a maior parte da riqueza produzida.

A Revolução Industrial, progenitora do sistema capitalista, ocorrida durante a segunda metade do século XVIII, tornou-se um marco histórico por deflagrar transformações que mudaram os rumos da humanidade. “A indústria moderna, modelada pela aliança da ciência com a tecnologia, transforma o mundo da natureza de maneiras inimagináveis às gerações anteriores”. (GIDDENS, 1991, p.66).

A Grã-Bretanha, berço da Revolução Industrial, apresentou as condições necessárias para que a industrialização ocorresse primeiramente ali. A este respeito, Japiassu destaca:

[...] a ‘revolução industrial’ pode ser considerada como ponto de confluência de um grande número de circunstâncias: acumulação de capital, papel do Estado e dos ‘empresários’, a disponibilidade da população interessada na industrialização, a vulgarização do pensamento tecnológico, as enciclopédias, os clubes de filósofos e de cientistas, as ‘utopias’, etc. (JAPIASSU, 1991, p.171).

De acordo com Soares, a industrialização da Grã-Bretanha,

[...] contrariamente às que lhe foram posteriores, não resultou de um projeto político explícito ou implícito de suas classes dirigentes. Ela constituiu o coroamento de um processo evolutivo e gradual, cujas origens distantes remontavam ao fim da Idade Média [...]. (SOARES, 2001, p. 163).

Industrialização passou a ser sinônimo de desenvolvimento e disseminou-se a idéia de que o modelo desenvolvimentista adotado pelos países considerados de primeiro mundo seria o padrão ideal a ser alcançado pelas demais nações - independentemente de suas especificidades.

Evidencia-se a necessidade imaginária da transição de estágios evolutivos, quando se verifica a bipolaridade entre os termos Norte e Sul, Primeiro e Terceiro Mundo, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, ricos e pobres, centro e periferia. (LAYRARGUES, 2008, p.2).

Em busca desta “integração”, os países considerados subdesenvolvidos entraram na corrida rumo ao progresso sem levar em conta as suas próprias demandas e prioridades.

A dívida externa acumulada veio reforçar o caráter de dependência financeira a que o Terceiro Mundo assumiu, induzindo-se à percepção de que um crescimento quantitativo da economia não se traduz em bem-estar para a população. (LAYRARGUES, 2008, p.2).

Do ponto de vista ambiental, a “ascensão” dos países de Terceiro Mundo é improvável devido ao caráter insustentável do padrão de vida - considerado “ideal”- adotado pelos países de Primeiro Mundo. Essa insustentabilidade se deve ao fato de que se este modelo fosse estendido a toda a população mundial, uma Terra apenas não seria suficiente para suprir as novas demandas impostas ao planeta.

Segundo o Relatório Living Planet Report 2006, publicado pela World Wildlife Fund – WWF, a pegada ecológica<sup>1</sup> de um indivíduo que vive nos Estados Unidos é de 9,6 hectares por pessoa. Levando em consideração que a média global de território produtivo por pessoa é de apenas 2,3 hectares, a pegada de um norte americano é aproximadamente quatro vezes superior a este valor.

Para que a economia esteja sempre em crescente movimento, algumas estratégias são criadas para forjar as necessidades humanas, assim como antecipar o consumo. Tais artifícios têm se aperfeiçoado com o passar do tempo e podem ser claramente exemplificados pelo caso da General Motors, que ainda no início do século XX, utilizou-se da:

[...] adoção e introdução das modernas técnicas de *marketing* e de publicidade, ligadas ao princípio da obsolescência programada e da mudança anual dos modelos, à multiplicação destes e à diferenciação dos preços. Graças a estas armas do arsenal das estratégias oligopolistas[...] a General

---

<sup>1</sup> A Pegada Ecológica é um instrumento de análise do impacto ambiental - criado em 1996 por Wackernagel e Rees - que “... contrasta o consumo dos recursos pelas atividades humanas com a capacidade de suporte da natureza e mostra se seus impactos no ambiente global são sustentáveis a longo prazo”. (CIDIN E SILVA,2004,p.46). Trata-se de um método que estima a área biologicamente produtiva - todo o território, inclusive o marítimo, capaz de gerar recursos para satisfazer as necessidades de consumo humano - necessária para suportar os atuais padrões de consumo humano e absorver os resíduos produzidos e descartados pela população.

Motors pôde assumir, definitivamente, a liderança da indústria automobilista norte-americana a partir dos anos trinta. (SZMRECSÁNYI,2001, p.196).

Dentro da lógica de incentivo ao consumo merece destaque a pouca durabilidade e a descartabilidade dos produtos. Essas características acarretam a diminuição da vida útil dos bens consumidos, o que demanda automaticamente a compra de outro similar para substituir o produto defasado ou inútil.

[...] há uma união entre a obsolescência planejada e a criação de demandas artificiais no capitalismo. É a obsolescência planejada simbólica, que induz a ilusão de que a vida útil do produto esgotou-se, mesmo que ele ainda esteja em perfeitas condições de uso. (LAYRARGUES, 2005,p.184).

Além das peculiaridades mencionadas acima, investe-se por meio da mídia em propagandas que induzem o consumidor a estar sempre na “moda”, em busca do *status* e da falsa qualidade de vida que os bens materiais propiciam no âmbito da sociedade consumista. Com o objetivo de incentivar o consumo, dentro dessa perspectiva, diariamente são lançados no mercado produtos com funções adicionais e diferenciadas, o que gera a ilusão de que os bens adquiridos anteriormente não são mais úteis, pois estão ultrapassados.

Com o rápido avanço tecnológico, os produtos, principalmente os eletrônicos, são muitas vezes lançados no mercado mesmo já havendo versões mais modernas e atualizadas destes mesmos produtos em suas fábricas. As novidades vão sendo paulatinamente lançadas e os consumidores em busca delas, trocam os seus bens incessantemente. Esses artifícios são empregados hoje com maior intensidade e abrangência do que nunca, já que praticamente todos os produtos são passíveis destes mecanismos e atingem um público cada vez mais amplo, que inclui até mesmo as crianças.

Dentro desse cenário, dois grandes problemas de cunho ambiental podem ser relacionados ao consumismo: um está ligado ao início da cadeia de produção; e o outro ao seu término. São eles, respectivamente: a exploração exacerbada de recursos naturais para suprir a demanda de consumo e o descarte dos resíduos, que em quase sua totalidade se acumulam nos aterros e lixões - normalmente localizados bem distantes dos olhos da população, mas cujas conseqüências já atingem, direta ou indiretamente, a todos.

Desse modo, considera-se nesse trabalho o que Layrargues chama de “discurso ecológico alternativo”, o qual tem como princípio que “[...] a questão do lixo é um problema

de ordem cultural e, assim, situa a cultura do consumismo como um dos alvos da crítica à sociedade moderna”. (LAYRARGUES, 2005, p.183).

Os resíduos sólidos, além do seu impacto ambiental negativo, ilustram bem a disparidade social – uma das cicatrizes mais perversas advindas do capitalismo -, já que representam a sobrevivência de inúmeros catadores, que vivem dos restos descartados pela parcela que tem acesso ao consumo.

São inúmeras as mazelas oriundas da primazia do lucro em detrimento de outros valores e prioridades. O que se observa é o consumo cada vez maior de recursos naturais dentro da ótica de maximização dos ganhos - o desperdício, o incentivo a práticas consumistas e a precarização do trabalho humano - sem que haja um planejamento com foco em um modelo de sustentabilidade.

Hoje, os problemas de cunho ambiental atingem toda a Terra e possuem caráter global<sup>2</sup>, exigindo dessa forma soluções também globais que partam do diálogo entre as diferentes culturas. No entanto, para que a interação entre as culturas ocorra, fazem-se necessárias algumas condições:

O primeiro passo para a criação dessas condições é a aceitação de que existem diferenças, e diferenças profundas; o segundo passo é compreender quais são essas diferenças; e o terceiro é construir algum tipo de vocabulário capaz de formulá-las publicamente[...]. (GEERTZ, 2007, p.241-242).

Para se pensar em outro modelo de sociedade, tem-se que considerar a pluralidade cultural existente e as especificidades de cada localidade, mas sempre considerando que todos vivem em um mundo comum. Para tanto é essencial repensar os valores societários e toda a lógica capitalista que está por trás deles; dispor de forma equitativa o acesso aos recursos naturais e proporcionar condições de vida igualitárias a toda a população mundial, pautada em um modelo sustentável que possa ser estendido a todo o globo.

O acúmulo de lixo no planeta e a desigualdade social crescem simultaneamente na sociedade do capital, cuja essência é excludente e se baseia na competição: para um

---

<sup>2</sup> A globalização pode ser definida como “[...] a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”. (GIDDENS, 1991, p.69). Este fenômeno proporcionou uma maior inter-relação entre as nações, assim como uma maior interferência e dominação de um país sobre o outro.

“ganhar” o outro necessariamente tem que “perder”. Os índices advindos do consumo ilustram bem a profunda disparidade social existente no mundo, uma vez que se chega:

[...] ao final da década de 1990 com 20% da população mundial consumindo 86% dos recursos naturais do planeta, o que significa que 80% da população dispõem de apenas 14% para o seu consumo, que na maior parte das vezes não chega a ser suficiente para alimentar as necessidades básicas de sobrevivência. (GUIMARÃES, 2006,p.17).

Outro aspecto que merece destaque é a “[...] improvável inclusão dos excluídos do consumo” (LAYRARGUES, 2005, p.184), já que os padrões de vida adotados pelos países desenvolvidos e pelas classes altas das demais nações, seriam insustentáveis, do ponto de vista ambiental, se estendidos a toda a população mundial.

A contradição presente no sistema capitalista permite que desperdício e consumismo convivam lado a lado com a extrema pobreza daqueles que não têm ao menos o que comer.

O processo de acumulação, concentração, centralização e internacionalização do capital, que se constitui na própria essência do sistema capitalista, leva a uma crescente polarização. [...] Formam-se dois extremos: pólos de riqueza, concentrados em poucas mãos e, ao mesmo tempo, imensos pólos de pobreza. (SANTOS, T., 2001, p.180-181).

### **1.3 Inclusão, inclusão perversa e exclusão**

Atualmente, sobre o termo “exclusão” recaem inúmeras críticas por seu emprego de forma genérica. Tal aplicação de maneira generalizada pode suscitar certa ambigüidade ao se tratar do tema. Sobre essa problemática, Sawaia utiliza a expressão “conceito mala ou bonde”, utilizada por Morin e Castels, para destacar o caráter ambíguo e genérico que incide sobre esse termo, que: “[...] carrega qualquer fenômeno social e [...] provoca consensos, sem que se saiba ao certo o significado que está em jogo”. (SAWAIA, 2006, p.7).

A discussão em torno dessa problemática tem gerado inúmeras contribuições no sentido de aprimorar o conceito de exclusão, assim como na busca pela compreensão das novas formas de exclusão presentes na sociedade atual. Desse modo, faz-se necessário delinear o que se entende por esse fenômeno e como os catadores de materiais recicláveis estão situados dentro dessa perspectiva.

Antes de iniciar esse caminho teórico é importante destacar o cenário emergente no qual se apresenta uma nova forma de exclusão intimamente atrelada às transformações

histórico-sociais que envolvem principalmente a relação entre o homem, a produção e o trabalho.

Destacam-se, dentro desse novo contexto, os obstáculos que impedem e restringem o acesso ao mercado de trabalho. Essa limitação impede, inclusive, que muitos indivíduos, aptos para essa atividade, não tenham acesso sequer ao primeiro emprego, ficando à margem do sistema. O desligamento do mundo laboral, como veremos a seguir, é uma das faces da exclusão.

A redução da oferta de empregos, atrelada ao fenômeno da automação, merece destaque nesse processo, uma vez que a mão-de-obra humana foi substituída por máquinas e robôs, reduzindo assim a necessidade de trabalhadores e ampliando conseqüentemente o desemprego. O processo de produção ganhou certa independência do trabalho humano, uma vez que paralelamente e paradoxalmente à redução do número de empregados, percebe-se um aumento da produtividade industrial.

O conceito de desqualificação social foi pensado por Paugan (2006) para caracterizar o movimento de expulsão de camadas cada vez maiores do mercado de trabalho. É dentro dessa nova perspectiva que acentua a precarização do trabalho humano, onde inúmeros trabalhadores, sem ter acesso ao mercado formal, buscam formas alternativas de sobrevivência.

A precariedade refere-se ao trabalho mal remunerado, pouco reconhecido, que provoca um sentimento de inutilidade no trabalhador. Refere-se ainda à instabilidade do emprego, à ameaça do desemprego, à restrição aos direitos sociais e à falta de perspectivas de crescimento profissional, manifestada tanto em relação ao setor informal, quanto em relação à classe trabalhadora em geral. (MEDEIROS E MACEDO, 2007, p.77).

Com relação ao sentimento de inutilidade, ele está atrelado principalmente à desnecessidade que é atribuída a uma parcela da população.

A exclusão contemporânea é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que tende a criar, intencionalmente, indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção. Poder-se-ia dizer que os novos excluídos são seres descartáveis. (WANDERLEI, 2006, p.25).

Nascimento (2003) complementa essa idéia ao destacar que o atual quadro de desenvolvimento produz um novo modo de exclusão social, que considera os excluídos:



desnecessários economicamente, já que não possuem condições de ingresso no processo produtivo moderno; incômodos politicamente, pois são responsabilizados pelas más escolhas políticas; perigosos socialmente, já que são vistos como malfeitores, representando assim um risco para a sociedade.

A desnecessidade está intimamente atrelada à exclusão social, uma vez que “[...] para que se caracterize de fato uma situação de exclusão social é preciso também que se estabeleça uma desnecessidade daquele que está em condições de inferioridade na hierarquia social”. (BURSZTYN, 2003a, p.28).

Por essa razão, Martins destaca que:

[...] rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva”. (MARTINS, 1997, p.14).

Segundo Castel a exclusão configura-se em um processo de dupla ruptura: tanto no âmbito das relações sociais, quanto no âmbito do mercado de trabalho. O autor prefere a utilização do termo desfiliação “[...] significando situações nas quais indivíduos deixam de pertencer, deixam de estar vinculados ao universo do trabalho e/ou a redes sociais mais amplas”. (Nota do tradutor, CASTEL, 1997, p. 19). A probabilidade de um sujeito ser excluído é ínfima. (Castel, 1998). Ou seja, a possibilidade de um indivíduo ser excluído é quase inexistente dentro de uma perspectiva multidimensional.

Castel (1997) acrescenta que, a partir dos últimos quinze anos, surge um fato novo: a retomada da vulnerabilidade, aliada ao trabalho precário e a fragilidade dos apoios relacionais. O autor aponta que há uma zona de instabilidade entre integração e exclusão, o que parece renovar, em parte, a problemática da marginalidade. A percepção do dinamismo e das sutilezas que envolvem exclusão/inclusão suscitou novos enfoques, dos quais emergiram termos como “inclusão perversa” (SAWAIA, 1999), “inclusão precária” (MARTINS, 1997), “má-inclusão” (BURSZTYN, 2003a), dentre outros.

Sawaia, a partir de uma perspectiva dialética, percebe exclusão/inclusão como partes imbricadas de um mesmo processo.

[...] ao optar pela expressão dialética exclusão/inclusão é para marcar que ambas não constituem categorias em si, cujo significado é dado por

qualidades específicas invariantes, contidas em cada um dos termos, mas que são da mesma substância e formam um par indissociável, que se constitui na própria relação”. (SAWAIA, 2006, p.108).

Castel (1997), a partir desse mesmo ponto de vista, oferece grande contribuição dentro do atual debate sobre o tema, ao destacar que as situações de marginalidade estão associadas a um duplo processo de desligamento: relativo ao trabalho e à inserção relacional. A partir desses dois eixos, que apresentam gradações diferentes, o autor propõe três zonas, que não devem ser percebidas de maneira estática, mas dinâmica, já que suas fronteiras são móveis. A primeira é a **zona de integração**, na qual estão conjugadas uma situação de trabalho estável e uma inserção relacional sólida; a segunda, chamada de **zona de vulnerabilidade**, combina a precariedade do trabalho e apoios relacionais frágeis; e a terceira, **zona de desfiliação**, por sua vez é marcada por um duplo processo de desligamento, no qual a ausência de trabalho está articulada ao isolamento relacional. Sobre os que estão inseridos nessa última zona “recaem medidas repressivas cruéis, do rechaçamento à exposição à morte, em casos extremos”. (CASTEL, 1997, p.24).

A **zona de vulnerabilidade** apresenta-se como a mais instável, uma vez que devido à precariedade e fragilidade em que seus integrantes se encontram há o risco iminente de caírem para a **zona de desfiliação**.

Com relação ao duplo desligamento, encontram-se aqueles que apesar de estarem aptos, não estão inseridos no mercado de trabalho por razões diversas. A esse respeito Castel (1997) faz uma ressalva, uma vez que a situação de desemprego é, na maioria das vezes, involuntária ou imposta pelo estrangulamento do mercado de trabalho.

Ainda segundo o autor, os integrantes desse terceiro grupo são comumente rotulados como preguiçosos, aproveitadores, libertinos e de vida fácil, no entanto, ao se aprofundar melhor em suas histórias, o que se percebe é que freqüentemente essas pessoas são “trabalhadores precários e subqualificados, expulsos do seu território por pressões econômicas e à procura mais ou menos convincente de um trabalho qualquer.

A visão de Castel alerta que a precariedade está atrelada não só à posse de bens materiais e ao trabalho e valoriza o papel que as relações sociais possuem nessa esfera. O processo de exclusão/inclusão envolve inúmeras dimensões, que transcendem a econômica.

Sawaia destaca que “[...] a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas”. (SAWAIA, 2006, p.9).

Os catadores informais de materiais recicláveis, que integram nitidamente a zona de vulnerabilidade, desenvolvem de forma precária um trabalho fundamental. Enfrentam uma dura rotina de trabalho, não têm acesso a nenhum benefício da seguridade social, vivem em um ambiente marcado por conflitos e violência onde estabelecem frágeis mas importantes redes relacionais. Sentem-se fragilizados e impotentes diante das mazelas que os cercam, o que pode ser relacionado ao fato de serem comumente estigmatizados, uma vez que a culpa da situação social recai muitas vezes sobre o indivíduo vitimado.

A esses trabalhadores não se pode atribuir a condição de excluído social, “[...] ele é, na verdade, incluído ainda que muito mal e marginalmente”. (BURSZTYN, 2003b, p.249). Essa característica de inclusão deve-se ao fato dos catadores terem encontrado uma forma de reingressar no circuito econômico por meio do trabalho de catação.

[...] não dá pra incluir o catador nesta categoria de excluído, porque ele pertence. O que define a exclusão é o não pertencimento e ele pertence. Só que ele pertence numa ponta extremamente precária da cadeia. Se ele pertence ele não é excluído, mas também não dá para colocá-lo como um trabalhador industrial moderno. (BURSZTYN, apud ZANETI, 2006).

Apesar da importância do trabalho desenvolvido pelos catadores, esses atores não são, em sua maioria, reconhecidos pelo trabalho que desenvolvem. Devido à sua condição de fragilidade – já que constituem o elo mais fraco da cadeia da reciclagem – esses trabalhadores são explorados e recebem a menor fatia do lucro gerado pela cadeia da reciclagem.

É importante reconhecer no âmbito social a condição de marginalidade em que os catadores vivem, pois são vistos muitas vezes como mendigos ou marginais, quando não são simplesmente ignorados, já que são considerados como “diferentes”. Segundo Guareschi: “neste sentido, o diferente é o arrastado desde a identidade original, e coloca-se como o oposto [...]”. (GUARESCHI, 2002, p.157). No entanto, de acordo com a visão de Enrique Dussel (1977) o autor aponta outra forma de enxergar o outro: como “dis-tinto” de dis e tinguere, que significa tingir, pintar; também é separado, é o outro, não contudo arrastado para fora, mas possuindo sua identidade e estabelecendo com o ‘mesmo’ relações de diálogo[...]. (GUARESCHI, 2002, p.157).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Maturana acrescenta:

Quando você aceita o outro na sua legitimidade, quando você se comporta de uma maneira tal que o outro emerge na sua legitimidade, nesse novo campo há amor, há expansão, há auto-respeito, e quando isso acontece, vemos que o bem-estar acontece imediatamente. (MATURANA, 2000, p.105).

Para que esta legitimação aconteça, faz-se necessário que este “outro” seja reconhecido como tal e para tanto a emancipação do sujeito é fundamental. Segundo Loureiro:

Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada. (LOUREIRO, 2005, p.1490).

#### **1.4 Resíduos Sólidos Urbanos**

Muitas são as discussões acerca da utilização da palavra “lixo” ou do termo “resíduo sólido”. Esse debate tem como motivo gerador o sentido pejorativo atribuído à palavra lixo. De acordo com o Dicionário Aurélio, por exemplo, a palavra “lixo” é: “tudo o que não presta e se joga fora; coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor”, dentre outras definições.

Contemporaneamente se utiliza o termo “resíduos sólidos” para evitar esta conotação de inutilidade atribuída ao “lixo”. Segundo Zaneti (2006, p. 37) “O conceito de resíduo muda a relação que as pessoas têm com o que descartam”.

O emprego e o significado atribuídos a esses conceitos dependem da cultura e do contexto local. Calderoni (2003) salienta que a conceituação desses termos pode se dar de maneiras distintas, de acordo com a época, lugar, fatores jurídicos, econômicos, ambientais e tecnológicos. Vale ressaltar também a relatividade da atribuição da utilidade de um material, pois é realizada de acordo com a percepção individual e de grupos do que é útil, do que presta e do que tem ou não valor.

O autor diferencia também o uso que é feito desses termos na linguagem corrente e na utilizada por instituições ou, ainda, segundo o seu significado econômico. Conceitua lixo como todo o material que não tem utilidade, enquanto resíduo é comumente adotado para

referir-se às sobras do processo produtivo – na maioria das vezes industriais – e equivale a “refugo” ou “rejeito”.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio da NBR (10.004), define resíduos sólidos como “aqueles resíduos nos estados sólido ou semi-sólido, que resultam de atividades da comunidade de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola e de varrição”.

Mandarino (2000) coloca que apesar de muitas vezes os termos lixo e resíduo serem tratados como sinônimos, não significam necessariamente, a mesma coisa. Ainda segundo a autora, lixo relaciona-se à inutilidade de um objeto, enquanto o resíduo apresenta possibilidades de uma nova utilização, seja como matéria-prima para produzir novos bens ou como composto orgânico para o solo.

A utilização do termo resíduo tenta resgatar a utilidade dos materiais descartados. Para além dessa discussão conceitual, acredita-se no presente trabalho que a utilização de ambos os termos é válida a partir do momento em que se ressignifique o sentido atribuído a palavra lixo, proporcionando a superação da sensação de repúdio ao que é descartado.

A problemática que envolve a questão dos resíduos sólidos está relacionada principalmente à sua disposição e ao tipo de tratamento que são geralmente escolhidos em função do custo, da área disponível e da necessidade do município. As formas de disposição mais comuns no Brasil são:

- Aterros controlados: Nos aterros controlados os resíduos são cobertos diariamente com uma camada de material inerte, na busca de minimizar os seus impactos. No entanto, por não possuírem uma camada impermeabilizadora em sua base, oferecem risco de contaminação do solo e do lençol freático.
- Aterros sanitários: O aterro sanitário é projetado com base em técnicas de engenharia que buscam minimizar os impactos ambientais gerados pelo lixo. Em sua base há uma capa impermeabilizadora que impede a contaminação do solo e do lençol freático. Os resíduos são cobertos com uma camada de terra ao final de cada dia ou de acordo com intervalos previamente planejados. O

chorume é recolhido por meio de drenos e tratado. Além disso, há uma captação dos gases gerados pela decomposição da matéria orgânica.

- Lixões ou vazadouros a céu aberto: Local a céu aberto, onde os resíduos são depositados sem nenhuma preocupação com a contaminação do solo, da água ou com a cobertura desses resíduos, o que oferece sérios riscos à saúde e ao meio ambiente.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2000, realizada pelo IBGE, das 228.413 toneladas de lixo coletadas por dia, 37% são destinados a aterros controlados, 36% a aterros sanitários, 21% são destinadas aos vazadouros a céu aberto (lixão) e 6% têm outras destinações. Na região Centro-Oeste a quantidade de resíduos coletada chega a 14.296 toneladas/dia e na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno são 3.047 toneladas/dia.

**Tabela 1. Geração de resíduo no Brasil e por região**

	População Total		Geração de Resíduos (tonelada/dia)		Geração percapita (kg/hab/dia)
	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	
<b>Brasil</b>	169.799.170	100	228.413	100	1,35
<b>Norte</b>	12.900.704	7,6	11.067	4,8	0,86
<b>Nordeste</b>	47.741.711	28,1	41.558	18,2	0,87
<b>Sudeste</b>	72.412.411	42,6	141.617	62	1,96
<b>Sul</b>	25.107.616	14,8	19.875	8,7	0,79
<b>Centro-Oeste</b>	11.636.728	6,9	14.297	6,3	1,23

Fonte: Pesquisa Nacional de Saneamento Básico; IBGE (2000).

Essa imensa quantidade de resíduos reflete o consumo exacerbado da sociedade moderna, que é a principal causa do acúmulo de resíduos. No entanto, apesar de prioritária, dentro da Pedagogia dos 3 R's - reduzir, reutilizar e reciclar -, a "redução" é o "R" menos mencionado, uma vez que a diminuição no consumo corresponde a impactos diretos na economia, o que afetaria interesses econômicos.

Segundo Layrargues:

Dessa forma, o discurso ecológico oficial altera a ordem de prioridade da Pedagogia dos 3R's: confere máxima importância à reciclagem, em detrimento da redução do consumo e do reaproveitamento; desativa a redução do consumo, mas para evitar a formação de uma lacuna, transporta a importância da redução do consumo para o desperdício; e mantém o discurso quando afirma a necessidade da reutilização, mas sem grande

interesse, até porque sua aceitação é controversa, já que envolve questões culturais relativas à posição social. (LAYRARGUES, 2005, p. 187).

Desse modo, tem-se que olhar com cuidado a questão da reciclagem, que de forma simplista é apontada como a panacéia do problema gerado pelo acúmulo de resíduos. Outro fator negativo atrelado à reciclagem, diz respeito às precárias condições do trabalho realizado pelos catadores. Desse modo, busca-se que, por meio de políticas públicas voltadas para esse setor, sejam oferecidas condições dignas de trabalho e de sobrevivência.

[...] Em 2008, o número de catadores no DF é em média de oito mil, provenientes do nordeste do Brasil. Embora incluindo a atividade de catação num rol de estratégias de sobrevivência, os catadores entram no sistema hegemônico numa relação de ultra-exploração e quase marginal, ficando com a menor remuneração da cadeia de transformação do resíduo em matéria-prima. (ZANETI, et al., 2009. p.182,183).

A presença dos catadores nos diversos espaços urbanos é muito comum. Eles são vistos freqüentemente realizando a coleta de materiais recicláveis em prédios públicos, áreas comerciais ou residenciais. O catador é um dos principais responsáveis por trazer de volta à cadeia produtiva, o material que seria simplesmente descartado e desprezado. No entanto, esses trabalhadores são muitas vezes percebidos como indesejáveis, um risco à segurança pública, ou simplesmente não são vistos. Esse cenário é caracterizado por um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que excluídos, mal incluídos e incluídos dividem e compartilham os mesmos espaços urbanos, há um aumento na distância que separa cada vez mais estas pessoas.

Dentro da categoria dos catadores, pode-se destacar pelo menos três grupos distintos: os catadores que ficam nos lixões, os catadores de rua que não são associados e cooperados e os catadores que integram cooperativas e associações. Os dois primeiros grupos citados integram a categoria de catadores informais – também chamados de autônomos ou avulsos - e o último pelos formais. Essa nomenclatura está intimamente ligada às características de cada grupo. No primeiro:

[...] a economia é informal, de sobrevivência e baseada na exploração da mão-de-obra de milhares de catadores, em sua maioria trabalhadores que perderam seu posto de trabalho nas mudanças do sistema produtivo. Eles coletam nas ruas, puxando carrinhos e carroças, e vendem os materiais para sucateiros, por preços muito baixos. Atuam em condições de trabalho e saúde precária, auferindo a menor parte dos lucros gerados na cadeia. (INSTITUTO ETHOS, 2007, p.14).

Os catadores do terceiro grupo,

[...] se encontram no setor formal da economia. Estruturadas em associações e cooperativas, estabelecem parcerias no contexto de programas municipais de coleta seletiva, mas também atuam de forma independente do poder público. Não são remuneradas pelos serviços de coleta e triagem – sua renda é obtida, exclusivamente, com a venda dos materiais recicláveis coletados. Algumas estão se estruturando para realizar, além de coleta, triagem e beneficiamento primário, as atividades de reciclagem. Vendem para intermediários e, em alguns casos, para indústrias recicladoras. (INSTITUTO ETHOS, 2007,p.14).

Os catadores constituem o elo mais frágil da cadeia da reciclagem, que envolve os consumidores, atravessadores, a indústria que recolhe e prensa esses materiais e a que recicla. Esta característica de fragilidade deve-se à condição desfavorável em que os catadores se encontram. Além de discriminados e não reconhecidos pelo importante trabalho que desenvolvem, são mal pagos e ficam à mercê dos valores impostos pelos “atravessadores” e pelas indústrias de reciclagem.

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, criado em 2000, fortaleceu essa categoria na luta por políticas públicas voltadas para o setor. Esse movimento é hoje integrado por cerca de 40 mil catadores organizados. No entanto, estima-se que no Brasil existam cerca de 800 mil catadores. Uma das conquistas desse movimento foi o reconhecimento dos catadores como categoria profissional oficializada na Classificação Brasileira de Ocupação – CBO, em 2002.

### **1.5 A cadeia da reciclagem**

A estrutura de mercado da reciclagem a nível nacional é diferente da encontrada no DF, que possui especificidades, como no caso da cadeia integrada pelos catadores entrevistados. Para tanto, antes de adentrar nesse último ponto, é fundamental conhecer a estrutura mais comum no plano nacional, para aí sim discutir as suas similaridades e diferenças da estrutura encontrada no DF.

O mercado da reciclagem no Brasil está pautado no trabalho dos catadores de materiais recicláveis, que são responsáveis pela destinação da maior parte dos resíduos coletados às indústrias recicladoras.

A indústria da reciclagem no Brasil é abastecida por bolsões de miséria espalhados por todo o País. Segundo estimativa do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), 90% de tudo que é reciclado vem das mãos dos cerca de 800 mil catadores e catadoras em atividade nas ruas das metrópoles, que atuam diretamente dentro de lixões



a céu aberto ou organizados em cooperativas e associações”. (BOLETIM IPEA, 2009, p.55).

A cadeia da reciclagem é integrada por diversos atores que se relacionam em diferentes níveis por meio de relações desiguais.

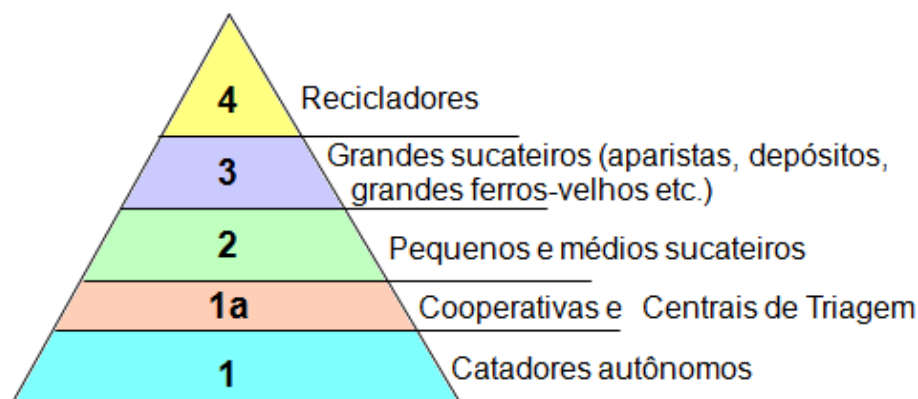


Figura 1. Estrutura do mercado de sucatas no Brasil  
Fonte: CEMPRE (1999)

Na base da pirâmide, no nível 1, encontram-se os catadores informais ou autônomos que não estão organizados em cooperativas ou associações. Eles trabalham nas ruas ou nos lixões e desenvolvem, por meio de um trabalho precário, a atividade mais perversa de toda a cadeia. Andam a cidade durante horas puxando os seus carrinhos ou em cima de carroças à procura de materiais recicláveis, que para eles, representam a sobrevivência. Esses trabalhadores vendem o seu material a preço muito baixo, na maioria das vezes para os pequenos e médios sucateiros, que se encontram no nível 2 da figura acima.

No nível 1a encontram-se os catadores organizados em cooperativas ou associações, que diferentemente do grupo mencionado anteriormente, integram a economia formal. Esses trabalhadores conseguem, muitas vezes, dependendo da quantidade de resíduos coletada vender diretamente para os integrantes do nível 3 ou até mesmo para as indústrias recicladoras, que integram o topo da pirâmide.

Compõem o nível 2, os pequenos sucateiros, que

[...] em geral, trabalham na informalidade e na ilegalidade. Sua atuação é marcada pela exploração dos catadores avulsos, que deles dependem para a comercialização dos materiais coletados. Além disso, coletam diretamente os materiais recicláveis deixados nas calçadas, pelo comércio, por condomínios e empresas. Utilizam veículos precários e mão-de-obra informal, não respeitam condições mínimas de saúde, segurança do trabalho e adequação ambiental dos depósitos. (INSTITUTO ETHOS, 2007, p.14).

Há, no entanto, uma diferença entre os sucateiros ou atravessadores e os intermediários. Estes últimos “[...] em geral, são legalizados e adquirem o material reciclável das organizações de catadores por preços melhores do que os sucateiros. Possuem capacidade de estocagem e de beneficiamento de alguns tipos de materiais e agregam valor à cadeia produtiva da reciclagem”. (INSTITUTO ETHOS, p.14). É importante destacar que algumas cooperativas de catadores, implementaram em seus centros de triagem o beneficiamento de seus materiais, estando aptas para vender diretamente para as grandes indústrias recicladoras, eliminando assim os atravessadores e intermediários, o que lhes proporcionam uma maior margem de lucro.

No nível 3 os materiais são comprados em larga escala, geralmente, dos pequenos e médios sucateiros, e vendidos diretamente para as indústrias da reciclagem, que se encontram no topo e representam o segmento que mais lucra nessa cadeia. As indústrias possuem grande poder de negociação e pagam os valores mínimos necessários à sobrevivência dos sucateiros. (CALDERONI, 2003, p.293).

Ao se tratar dos lucros auferidos por cada componente dessa cadeia observa-se o quão desigual e injusta é a proporção de ganho obtido por cada agente. Segundo pesquisa realizada em São Paulo por Calderoni (2003), a indústria chega a obter 66% dos ganhos proporcionados pela reciclagem do lixo, enquanto os sucateiros ficam com uma margem de 10% e os catadores com cerca de 13% do total. Levando-se em conta que a quantidade de catadores é infinitamente maior do que a de sucateiros chega-se à conclusão de que apesar da fatia destinada a estes ser maior, a renda per capita é menor.

Desse modo, ao levar-se em consideração apenas os ganhos auferidos, a pirâmide inverte-se. Os catadores que estavam na base, e representam a verdadeira mão-de-obra que movimentam esse mercado, agora se encontram no topo, com a menor fatia dos lucros gerados, uma vez que a cadeia da reciclagem está pautada na exploração do trabalho do catador e nas relações desiguais.

No DF, a estrutura do mercado de sucatas apresenta-se de forma diferente devido à inexistência de indústrias recicladoras nessa localidade, como pode ser observado na Figura 2. O que existem são empresas que compram esses resíduos dos catadores e atravessadores e se encarregam, a partir de então, de todo o processo de triagem e enfiamento, até que esses resíduos possam ser encaminhados para as indústrias que realizam, de fato, a

reciclagem no País. Segundo Gentil, no DF cerca de 20 empresas de materiais recicláveis são responsáveis por comprar e vender esses resíduos para a indústria e comercializam aproximadamente 20.000 ton/mês. (GENTIL, 2008, p.61).

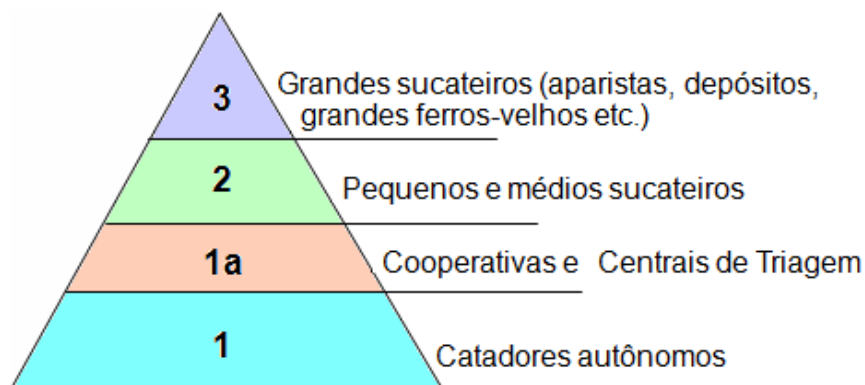


Figura 2. Estrutura do mercado de sucatas em Brasília  
Fonte: CEMPRE (1999), adaptado por Marília Teixeira

O presente estudo abrange apenas os catadores citados no nível 1, desse modo será analisado como esses catadores, especificamente, se relacionam com os demais níveis da cadeia da reciclagem.

### 1.6 A opção pela Educação Ambiental Crítica e Emancipatória

Para compreender o atual contexto da Educação Ambiental - EA é importante considerar o cenário em que ela emergiu. Na década de 50, foram inúmeros os problemas ambientais detectados, causados, principalmente, pela poluição proveniente das indústrias. As catástrofes ambientais ocorridas no início daquela década despertaram um sentimento de preocupação e de discussão acerca do meio ambiente. No final da década de 60 a proporção dessas ações fomentou a idéia de se repensar a sustentabilidade do modelo econômico instaurado. Esse mesmo período foi marcado por lutas contra o modelo consumista, dos movimentos de contracultura<sup>3</sup> por uma nova maneira de agir, pensar e sentir.

A expressão Educação Ambiental foi empregada pela primeira vez em 1965 durante a Conferência de Educação da Universidade de Keele, da Inglaterra. Nessa ocasião

<sup>3</sup> “Cultura minoritária caracterizada por um conjunto de valores, normas e padrões de comportamento que contradizem diretamente os da sociedade dominante”. (OUTHWAIT E BOTTOMORE, 1996,p.134 apud CARVALHO, 2004, p. 46).

recomendou-se que a EA fosse parte indispensável na educação de todos os cidadãos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998).

Em 1972 teve destaque a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, onde 113 países participaram e assinaram a “Declaração da ONU sobre o Ambiente Humano” – que, dentre outros fatores, reconhecia a importância da educação voltada para as questões ambientais nos diversos níveis e campos de atuação. Dessa Conferência, podem ser destacados dois importantes encaminhamentos: a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA, parte integrante da ONU e a recomendação da criação do Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), com o objetivo de auxiliar no combate à crise ambiental.

No entanto foi, em 1977, na Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi que se definiu a Educação Ambiental<sup>4</sup> e os seus objetivos. A Educação Ambiental, antes pensada apenas como “conservação, ou ecologia aplicada” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998,p.28), passou a ser vista de forma mais complexa e a ser entendida como interdisciplinar, ou seja, não integra uma única disciplina, o que a isolaria em um compartimento, ignorando assim a sua inter-relação com as diversas áreas do conhecimento e com a vida de forma geral.

A década de 70 é um marco nessa trajetória, uma vez que durante esse período ocorreram encontros e discussões que contribuíram para a consolidação da EA no âmbito internacional e nacional. A partir de então, um longo percurso foi percorrido pela EA, influenciado pelas perspectivas dessa década, mas com novos horizontes.

Contemporaneamente não se pode falar em uma única Educação Ambiental, mas em várias, uma vez que teorias e metodologias heterogêneas foram delineadas constituindo campos com distintos modos de se compreender e praticar a EA. A esse respeito, Layrargues (2002) destaca o surgimento de novas nomenclaturas para o que até então era consagrado como Educação Ambiental, como: Educação para o Desenvolvimento Sustentável (NEAL, 1995), Ecopedagogia (GADOTTI, 1997), Educação para a Cidadania (JACOBI, 1997) e Educação para Gestão Ambiental (QUINTAS E GUALDA, 1995).

---

<sup>4</sup> Em Tbilisi definiu-se que Educação Ambiental é “um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os torna aptos a agir individual e coletivamente - e resolver problemas ambientais”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, p.31).

Vale ressaltar que toda forma de educação esta imbuída por ideologias que norteiam os seus caminhos. Desse modo, faz-se necessário um posicionamento acerca de qual vertente de EA é adotada pela presente pesquisa.

Diante da crise civilizatória em que se encontra o mundo - que engloba, dentre outros aspectos, o consumismo e suas conseqüências, a miséria e a exclusão - faz-se necessária a busca não só da transformação individual, mas de uma transformação social que parta da ação coletiva de indivíduos conscientes do seu papel transformador. Para tanto, considera-se que a consciência ambiental transformadora e a possibilidade de formação do sujeito humano enquanto ser individual e coletivo (CARVALHO, 2004b), tem como base a Educação Ambiental Crítica e Emancipatória, que “... é aquela em que a dialética forma e conteúdo se realiza de tal maneira que as alterações da atividade humana, vinculadas ao fazer educativo, impliquem mudanças individuais e coletivas”. (LOUREIRO, 2005, p.1484).

Acerca dessa corrente Guimarães complementa que ela “[...] se propõe a desvelar a realidade, para, inserindo o processo educativo nela, contribuir na transformação da sociedade atual, assumindo de forma inalienável a sua dimensão política”. (GUIMARÃES, 2004, p.32).

A proposta de Educação Ambiental que norteia esse trabalho busca novas maneiras de os indivíduos e os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente (CARVALHO, 2004a, p.51) e percebe na educação o meio gerador de mudança, emancipação e formação de sujeitos autônomos e conscientes do papel transformador que possuem na sociedade.

A universidade, dentro do atual contexto ambiental, tem papel singular, uma vez que, por meio da prática reflexiva pode proporcionar momentos nos quais os estudantes possam compreender os problemas ambientais locais e globais, assim como atuar por meio de práticas cotidianas em prol da preservação e da sustentabilidade ambiental. Sendo assim, a universidade é um espaço privilegiado para a formação do sujeito ecológico, que consiste em um “modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico”. (CARVALHO, 2004a, p.65).

A Educação Ambiental Crítica, pode “...contribuir para uma mudança de valores e atitudes, formando um sujeito ecológico capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas”. (CARVALHO, 2004a, p.156). No interior de um processo de implantação da Coleta Seletiva, esse tipo de educação possui papel primordial, e

contribui para a promoção de uma mudança além da comportamental, - na qual o sujeito executa, muitas vezes, ações automáticas - que proporcione a reflexão acerca do que se encontra na raiz do problema, que são os valores que conduzem a sociedade de consumo e as questões sociais atreladas à essa questão.

A Educação Ambiental é tratada de forma transversal na presente Dissertação, permeando os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos que envolvem o trabalho dos catadores informais. Ela perpassa todo o processo reflexivo no qual as relações socioambientais são compreendidas e repensadas, uma vez que é “...uma práxis educativa que se constitui no próprio processo de atuação, nas diferentes esferas da vida, das forças sociais identificadas com a “questão ambiental”. (LOUREIRO, 2005, p.1474).

## Capítulo 2

### Metodología

---

## **2. Metodologia**

### **2.1 Referencial Metodológico**

### **2.2 Abordagem qualitativa**

Os caminhos metodológicos percorridos no decorrer da pesquisa são norteados pela Abordagem Qualitativa. A orientação teórica que fundamentou este percurso está pautada nas bases definidas por González Rey, por meio da Epistemologia Qualitativa.

Esta escolha metodológica justifica-se pelo fato de a pesquisa qualitativa abranger características fundamentais para o alcance dos objetivos propostos pelo presente estudo, como: a valorização do sujeito pesquisado enquanto produtor de conhecimento; a compreensão da realidade de forma complexa; o reconhecimento da importância do singular para uma construção teórica mais abrangente; a valorização de uma postura criativa e reflexiva por parte do pesquisador, na qual este questione os limites e as possibilidades da metodologia utilizada e ultrapasse a aplicação de instrumentos pré-determinados.

A Epistemologia Qualitativa, segundo Rey possui três princípios fundamentais. O primeiro está relacionado à defesa do “caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se apresenta”. (REY, 2005, p.5).

É importante ressaltar que a realidade é multidimensional, multirreferencial e complexa, está em permanente movimento e não pode ser apreendida em sua totalidade, já que transcende à teoria. Ademais, uma mesma realidade pode ser acessada por ângulos distintos, de acordo com os valores, histórias de vida e as concepções de quem a vivencia ou percebe. Desse modo, fica clara a impossibilidade de uma compreensão neutra por parte do pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa.

O pesquisador, ao se inserir em um determinado campo de pesquisa, interfere neste espaço a partir do momento em que estabelece uma rede de interação com os seus integrantes. A partir deste momento, o pesquisador passa a compor esta realidade de forma indissociável e precisa compreender que a sua presença por si só, traz modificações ao espaço pesquisado. A aproximação do pesquisador, por meio de suas práticas científicas, gera um novo campo de



realidade, onde essas ações não se separam dos aspectos sensíveis dessa realidade. (REY, 2005).

Esse princípio está também relacionado à produção do conhecimento por parte do pesquisador de maneira criativa e reflexiva. O processo de construção do conhecimento conta com uma base teórica pré-estabelecida, no entanto, ela não deve ser vista como algo a ser enquadrado no contexto pesquisado. Pelo contrário, a teoria serve como apoio para uma construção que leve sempre em consideração a singularidade da realidade pesquisada. Para tanto, podemos nos guiar pelo que Rey chama de “zonas de sentido”, que são:

[...] espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica. (REY, 2005,p.6).

Este conceito está intimamente ligado ao fato de nenhum conhecimento pronto corresponder linearmente a uma realidade dada. As “zonas de sentido” geram a produção de novos conhecimentos articulados com a realidade estudada, que por sua vez, possibilitarão a produção futura de outros conhecimentos.

O segundo princípio ressalta que em uma produção científica, o singular possui importante papel e deve ser valorizado. (REY, 2005). Para que o singular seja considerado fonte de conhecimento é necessário entender a pesquisa como produção teórica.

O teórico não se reduz a teorias que constituem fontes de saber preexistentes em relação ao processo de pesquisa, mas concerne, muito particularmente, ao processo de construção intelectual que acompanha a pesquisa. O teórico expressa-se em um caminho que tem, em seu centro, a atividade pensante e construtiva do pesquisador. (REY, 2005, p.11).

O conhecimento proveniente do caso singular, articulado às teorias previamente concebidas, gera um novo conhecimento, construído pelo pesquisador e os atores, de modo que esta produção teórica venha servir de base para outras produções. Este tipo de estudo “[...] alcança uma dimensão qualitativa não vista em nenhum outro sistema da realidade”. (REY, 2005, p.12).

O último princípio compreende a pesquisa como um processo dialógico. A comunicação é considerada um meio singular para se acessar o sentido subjetivo que permeia os indivíduos, assim como conhecer de modo que o homem é afetado pelas condições objetivas da vida social. (REY, 2005).

Por meio da comunicação não conhecemos “[...] apenas os diferentes processos simbólicos organizados e recriados[...].” (REY, 2005, p.14), mas ela nos permite também “[...] conhecer outro nível diferenciado da produção social, acessível ao conhecimento somente por meio do estudo diferenciado dos sujeitos que compartilham um evento ou uma condição social”. (REY, 2005, p.14).

É por intermédio da comunicação, sendo esta possibilitada por gestos, expressões, linguagem oral, escrita, que expressamos a nossa subjetividade. “Mantemos o conceito de subjetividade para explicitar um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação”. (REY, 2005, p.19).

Por meio do processo de comunicação há a legitimação do sujeito pesquisador e do sujeito pesquisado, “[...] implicando-os no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições”. (REY, 2005, p.14). Desse modo, o processo de comunicação entre pesquisador e sujeitos participantes deve percorrer todo o desenvolvimento da pesquisa.

A comunicação possui papel fundamental no desenvolvimento da presente pesquisa já que nos permite acessar a subjetividade dos sujeitos participantes. Para termos acesso à história de vida dos catadores, à forma como são percebidos pelos demais atores e à inter-relação destes com a Universidade de Brasília vários instrumentos serão utilizados, todos permeados, como veremos adiante, pela comunicação.

### **2.2.1 Estudo de caso**

Esta pesquisa tem como estratégia o Estudo de Caso, que de acordo com as idéias de Yin (2005) investiga um fenômeno contemporâneo, tecnicamente único, atrelado ao seu “[...] contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. (YIN, 2005, p.32). A preocupação principal deste tipo de estudo é

[...] compreender uma instância singular, especial. O objeto estudado é tratado como único, idiográfico - mesmo quando compreendido como emergência relacional -, isto é, consubstancia-se numa totalidade complexa que compõe outros âmbitos ou realidades. (MACEDO, 2006,p.90).

Vale ressaltar, que é importante atentar para o que o estudo do caso particular desvela acerca do todo. De acordo com as idéias de Rey, “na pesquisa, os problemas particulares se

articulam de muitos modos com a produção de questões teóricas gerais, o que significa que todo pesquisador se oriente, necessariamente, em ambos os níveis do conhecimento de forma simultânea”. (2005, p.166).

Deve-se, no entanto, tomar cuidado ao se tratar de generalizações.

A generalização no sentido de leis que se aplicam universalmente não é um objetivo das abordagens qualitativas de pesquisa [...] A idéia de generalização é aceita [...] no sentido de que os dados de um estudo possam ser úteis para compreender os dados de outro estudo. (ANDRÉ, 2005, p.64).

De acordo com as considerações acima, este estudo de caso tem como foco a unidade, sendo esta vista como integrante de um contexto mais amplo. Além disso, na presente pesquisa, o caso particular não é compreendido como uma parte isolada, mas sim como parte e todo simultaneamente. Esta forma de compreensão busca considerar as inter-relações que integram e envolvem esta unidade dinâmica, de modo que seja considerada a complexidade em que está inserida. Pautada nesses princípios, esta pesquisa busca a construção do conhecimento a partir do caso particular dos catadores informais que trabalham no *Campus* da Universidade de Brasília.

### **2.3 Instrumentos de pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada durante o período de agosto de 2008 a outubro de 2009. Participaram do estudo quatro famílias de catadores: três delas residentes na “Invasão do Iate” e uma na “Invasão da Colina”. Além disso, integraram a pesquisa 52 estudantes de duas disciplinas da graduação da Universidade de Brasília:

- Fundamentos da Educação Ambiental, ofertada pela Faculdade de Educação.
- Introdução ao Desenvolvimento Sustentável, ofertada pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável.

Vale ressaltar que “o número ideal de pessoas a ser considerado na pesquisa qualitativa deixa [...] de ser um critério quantitativo, passando a se definir pelas próprias demandas qualitativas do processo de construção de informação intrínseco à pesquisa em curso [...]”. (REY, 2005, p.112).

É importante destacar que os atores desta pesquisa compõem grupos sociais distintos, com características bastante peculiares. Com o intuito de respeitar estas particularidades e visando o alcance dos objetivos do estudo, foram utilizados instrumentos metodológicos diferentes com cada grupo pesquisado.

Entende-se por instrumento na presente pesquisa “[...] toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa”. (REY, 2005, p.42). Além disso, possuem o papel de facilitador da expressão subjetiva do sujeito pesquisado e “[...] representam uma via legítima para estimular a reflexão e a construção do sujeito a partir de perspectivas diversas que podem facilitar uma informação mais complexa e comprometida com o que estudamos”. (REY, 2005, p.42).

Desse modo, o detalhamento dos instrumentos utilizados está descrito abaixo de acordo com os atores pesquisados.

### **2.3.1 Universidade de Brasília e estudantes**

Com o intuito de obter informações sobre o histórico da Universidade com relação às ações voltadas para a implantação da Coleta Seletiva no *Campus* e a participação dos catadores em cada uma delas, foi utilizada a técnica de análise documental, descrita no item 2.4.2. Para tanto, foram considerados relatórios, dissertações, teses e documentários.

Com os estudantes, foi utilizado um questionário (apêndice N° 3) - com o objetivo de identificar como esses atores percebem os catadores de materiais recicláveis e a sua profissão - composto de:

- Duas questões objetivas: relacionadas à frequência com que os estudantes vêem os catadores e à relevância que atribuem ao trabalho do catador, sendo que esta última apresentou a possibilidade do estudante comentar a sua resposta.
- Uma questão aberta acerca dos locais onde os estudantes costumam ver os catadores.
- Quatro itens de completamento de frases, relacionados a como os estudantes se sentem ao ver um catador; como percebem o catador e a sua profissão; e a que eles atribuem a presença dos catadores nas grandes cidades.

Vale ressaltar que o completamento de frases, “é um instrumento que nos apresenta indutores curtos a serem preenchidos pela pessoa que o responde. Os indutores são de caráter geral e também podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente”. (REY, 2005, p.57).

Este instrumento foi aplicado em turmas com temáticas referentes à questão ambiental: Fundamentos da Educação Ambiental e Introdução ao Desenvolvimento Sustentável. Tais disciplinas são abertas a toda a comunidade acadêmica, o que justifica a presença de estudantes das mais diversas áreas do conhecimento.

Como forma de sensibilizar os estudantes antes da aplicação do questionário, foram exibidas algumas fotografias de catadores recolhendo resíduos no *Campus* da UnB. Estas fotografias serviram de base para que os estudantes respondessem os itens. É importante dizer que o ângulo das fotos apresentadas não permitiu que os estudantes relacionassem as imagens à Universidade. Esta opção teve como objetivo não induzir os estudantes a incluírem a UnB em suas respostas.

Esse instrumento permitiu o acesso à forma com que esses estudantes percebem os catadores, pois “[...] as respostas de uma pessoa [...] estão mediadas pelas representações sociais e pelas crenças dominantes no cenário social em que se aplica o instrumento”. (REY, 2005, p.41).

Em seguida deu-se início a segunda etapa desta atividade, na qual se iniciou um breve diálogo. Para iniciar a conversa, foi perguntado quantos alunos citaram a Universidade como um dos lugares em que vêem as cenas apresentadas. Em seguida, foram exibidas as mesmas fotografias apresentadas anteriormente, mas de outro ângulo, para que os estudantes percebessem que todas as fotos foram tiradas no *Campus*. Iniciou-se então um pequeno debate no qual foi perguntado aos alunos se eles se surpreenderam ao saber que aquelas cenas acontecem diariamente na UnB e por quê? Foi conversado também sobre a invisibilidade dos catadores.



**Imagem 1. Zoom da foto catador na UnB.**



**Imagem 2. Catador na UnB.**

Vale ressaltar a importância do momento de expressão oral dos estudantes, no qual emergiram idéias que não foram expressas no questionário, assim como o conflito de idéias, o que pode gerar uma rica discussão. Segundo Rey, “a palavra não apreende o sentido subjetivo, mas a expressão verbal facilita sua expressão pela multiplicidade de processos nela envolvidos”. (2005, p.67).

A análise dos dados colhidos por meio do questionário foi realizada a partir da técnica de *construção da informação* – descrita no item 2.5. A análise qualitativa será brevemente utilizada no processo analítico de forma complementar. É importante destacar que qualitativo

e quantitativo não são mutuamente excludentes, mas sim complementares. A esse respeito, Bauer e Gaskell (2000) tentam superar a aparente competitividade entre essas duas tradições – quantitativa e qualitativa – e destacam a impossibilidade de quantificar sem qualificar.

Não se pretende, a partir da análise dos dados obtidos por meio do questionário, identificar como o estudante da UnB – de forma generalizada - percebe o catador de materiais recicláveis e a sua profissão. O que se objetiva é ter acesso às diferentes formas com que esses trabalhadores são percebidos e confrontá-las com o modo com que os catadores se percebem e sentem que são percebidos.

A importância desses dados terem sido colhidos junto aos estudantes da UnB deve-se ao fato de o *Campus* dessa instituição constituir-se um dos locais de trabalho diário desses catadores. Nesse espaço eles vivenciam diariamente situações diversas e extremas, a partir do convívio social, que envolvem: medo, vergonha, preconceito, visibilidade/invisibilidade.

### **2.3.2 Catadores**

Com os catadores foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas e um extenso trabalho com fotografia, detalhados abaixo.

#### **A) Roteiro de entrevista**

A entrevista tem como guia um roteiro prévio (ver apêndice N° 1 e 2) para nortear a conversação entre os sujeitos pesquisados e o sujeito pesquisador. Este roteiro tem caráter flexível e permite que outras questões surjam ou sejam suprimidas no decorrer da entrevista. Permite também que o próprio sujeito pesquisado insira outro tema quando julgar relevante.

A entrevista explora o mundo vivido do entrevistado, definido como experiência consciente, e está à procura do sentido que este mundo vivido tem para o entrevistado. Neste processo, a consciência do entrevistador, como expressa no roteiro da entrevista, modifica-se, amplia-se, atualiza-se na interação com o entrevistado. (GOMES, 1997, p.14).

A entrevista foi realizada em dois momentos. O primeiro, durante o período de aproximação com os catadores, objetivando conhecer as suas características, a constituição de sua família, assim como do espaço em que vivem e trabalham. O roteiro de entrevista teve como base norteadora as seguintes categorias: identificação; condições de moradia e trabalho; relação com a Universidade de Brasília; renda e perspectivas para o futuro. A segunda

entrevista teve como objetivo o resgate da história de vida dos catadores, visando recuperar as experiências vividas pelos sujeitos e relacioná-las à sua atual condição.



**Imagem 3.** Registro do momento da entrevista com a Dona Luzineide.

## **B) Fotografia**

A fotografia tornou-se um instrumento fundamental no decorrer da pesquisa. Esta importância se justifica pelo elo que foi criado entre a pesquisadora e os sujeitos participantes a partir deste recurso; por facilitar e estimular a expressão oral; e pelo caráter inclusivo da fotografia para os catadores, que possuem pouco, ou nenhum, registro visual de sua existência - como será detalhado no Capítulo 3.

O trabalho com a fotografia buscou complementar as informações colhidas por meio das entrevistas realizadas com os catadores e contou com a participação ativa desses atores para que a atividade fosse desenvolvida.

A fotografia, adequadamente aumentada, pode servir como um desencadeador para evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente, ou pode acessar importantes memórias passivas, mais que memórias ativas, presentes”. (BAUER E GASKELL,2000, p.143).

Com o objetivo de identificar como esses trabalhadores se percebem, compreendem a sua própria realidade, o trabalho nas ruas e na UnB, cada um recebeu uma máquina fotográfica digital para que registrassem os diversos contextos de sua vida. Os catadores fotografaram cenas do dia-a-dia, pessoas, espaços e objetos importantes para eles, durante uma semana, ou mais, quando necessário.



Para que o trabalho com a fotografia se tornasse possível, foi desenvolvida com os catadores, de forma individual, uma oficina de fotografia – composta de duas etapas. Após a foto revelada, os encontros que se seguiram foram dedicados à escuta das histórias suscitadas pelas fotografias e os significados de cada uma delas. Esses momentos serão descritos a seguir.

### **Oficina de fotografia**

A oficina de fotografia foi dividida em dois momentos. O primeiro objetivou demonstrar que tudo o que é importante em suas vidas pode ser fotografado: objetos, pessoas, paisagens, animais. Foram analisadas algumas imagens tiradas de revistas, que abrangiam diversos temas da vida cotidiana. Durante esse momento, foi conversado com os catadores sobre as inúmeras interpretações que uma mesma imagem pode ter e que inclusive podem ser alvo de distorções.



**Imagem 4. Primeira etapa da oficina de fotografia realizada com o Cleydson.**



**Imagem 5. Primeira etapa da oficina de fotografia realizada com Ronaldo Adriano.**

A segunda etapa consistiu no manuseio da máquina fotográfica, a apresentação de suas funções e técnicas de fotografia. Este momento foi marcado pela prática.



**Imagem 6. Dona Luzineide manuseando pela primeira vez uma máquina fotográfica.**



**Imagem 7. Seu Hélio aprendendo a utilizar as funções da máquina fotográfica.**



**Imagem 8. Ronaldo fotografando seu cavalo durante a oficina de fotografia.**

### **O falar sobre as fotografias**

O encerramento do trabalho com a fotografia deu-se por meio da expressão dos catadores acerca de cada foto por ele tirada. Esse momento foi considerado crucial dentro do processo, uma vez que a escolha do que registrar foi inteiramente dos catadores, sendo essa opção subjetiva. Desse modo, somente o autor de cada fotografia pode desvelar o porquê daquela imagem e o que ela representa para ele.

Para os fins desta pesquisa, interessa a intenção do catador ao tirar aquela fotografia, o que a imagem significa para ele, assim como a expressão de fragmentos de memória que elas podem suscitar. Tal significado é único e está atrelado ao seu contexto e história de vida.

Durante esse momento, foi utilizado o recurso da filmagem para gravar a fala dos catadores – transcritas na íntegra - a respeito de cada imagem, conforme pode ser observado nas fotografias a seguir.





**Imagem 9. Ronaldo sendo filmado ao falar sobre as fotografias por ele tiradas.**



**Imagem 10. Seu Hélio falando a respeito das fotografias por ele tiradas.**



**Imagem 11. Cleydson sendo filmado ao falar sobre as fotografias que tirou.**

## 2.4 Técnicas de pesquisa

### 2.4.1 Observação participante e diário de campo

Essa modalidade de observação “[...] é chamada de participante porque se admite que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. (ANDRÉ, 2005, p.26). Contrapõe assim, a idéia apregoada pelo paradigma da ciência tradicional, que exige do pesquisador uma postura de distanciamento e neutralidade, cujo alcance é impossível já que todos os cientistas “como seres, atores sociais, [...] possuem interesses, motivações, emoções, superstições, cultivam mitos, e portanto, vivenciam um imaginário socialmente construído”. (MACEDO, 2006, p.96).

Para que seja realizada a observação participante é importante que o pesquisador esteja o mais próximo possível da realidade a ser pesquisada e que tenha acesso ao cotidiano dos sujeitos da pesquisa, participando assim de suas atividades diárias. Segundo Macedo, “[...] o envolvimento deliberado do investigador na situação de pesquisa é não só desejável, mas essencial [...]”. (MACEDO, 2006, p. 97). A partir desse envolvimento e do constante diálogo com os sujeitos pesquisados, dá-se a interligação entre o saber científico e senso comum, na construção de um saber em busca da “[...] pertinência científica e da relevância social do conhecimento produzido”. (MACEDO, 2006, p.97).

A imersão do sujeito pesquisador no campo de pesquisa permite “[...] perceber a realidade do ponto de vista de alguém de ‘dentro’ do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo”. (YIN, 2005, p.122). Além disso, essa técnica permite que o pesquisador, inserido no campo, observe o contexto pesquisado e depois reflita sobre a realidade observada.

O diário de campo, atrelado à observação participante, tem papel fundamental, pois é nele que se deve

[...] relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados [...] É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles. (WEBER, 2009).

Desse modo, o diário de campo é uma importante fonte de dados para a pesquisa, já que os registros ali contidos podem esclarecer e complementar as informações colhidas por meio de outros instrumentos.

#### **2.4.2 Análise Documental**

A análise documental teve papel importante para resgatar dentro do contexto da Universidade de Brasília como se deram as tentativas de implantação da Coleta Seletiva no *Campus* e o papel dos catadores em cada uma delas. Para tanto, foram analisados relatórios, dissertações, teses e documentários.

#### **2.4.3 Entrevista**

Rey (2005) substitui a nomenclatura *entrevista*, por *conversação*, que “é um processo cujo objetivo é conduzir a pessoa estudada a campos significativos de sua experiência pessoal, os quais são capazes de envolvê-la no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual”. (REY, 2005, p.126). Esta substituição tem como objetivo ultrapassar a idéia de que o foco deste instrumento está centrado na pergunta, o que gera respostas que às vezes podem “[...] impedir a expressão íntegra de zonas de sentido subjetivo que se organizam no curso da expressão do sujeito”. (REY, 2005, p.137). Apesar de utilizar o termo “entrevista”, é importante ressaltar que as características atribuídas por Rey (2005) à conversação são consideradas no desenvolvimento da presente pesquisa.

A entrevista tem como principal objetivo “[...] saber como diferentes pessoas experienciam uma certa condição que é comum a elas”. (GOMES, 1997, p.13). Nesta pesquisa busca-se compreender as diferentes percepções apresentadas por estudantes da Universidade de Brasília acerca dos catadores que ali estão inseridos de maneira informal e como estes percebem a sua condição de vida e relação com a UnB.

Para que este objetivo seja alcançado, a escolha dos entrevistados é um fator primordial, uma vez que: “A diversidade dos entrevistados traz variações de perspectivas que permitem uma compreensão mais nítida de um mundo vivido comum”. (GOMES, 1997, p.14). Desse modo, a escolha dos entrevistados terá como critério principal a diversidade dos sujeitos pesquisados, assim como o interesse desses pela pesquisa.

## 2.5 Construção da informação

Os dados obtidos por meio dos instrumentos – entrevista, questionário e dinâmica com fotografia - serão submetidos à técnica de Construção da Informação. Esta técnica está pautada no caráter construtivo-interpretativo orientado pela Epistemologia Qualitativa, no qual o pesquisador – criativa e ativamente - é responsável pela construção teórica que emerge a partir da pesquisa.

A forma de organização do processo construtivo-interpretativo é nomeada por Rey (2005) de lógica configuracional. Esta forma de organização, segundo Rey (2005) tem como marca fundamental a sua abertura para a transformação e constante construção por parte do pesquisador.

Segundo Rey (2005), o processo de construção da informação tem em seu início, marcos referenciais, no entanto estes marcos são entidades abertas que podem modificar-se de acordo com as informações que emergem no decorrer da pesquisa. Desse modo, esta forma de tratamento de dados transcende as metodologias tradicionais, nas quais as informações obtidas se adaptam às categorias previamente criadas.

A partir das informações obtidas por meio dos instrumentos, formam-se categorias de sentido subjetivo e de configuração subjetiva, que “[...] representam modelos teóricos no sentido em que nos permitem uma representação da realidade estudada, abrangendo tanto seus aspectos de organização como sua processualidade, sem que uma das dimensões seja absoluta em relação à outra”. (REY,2005,p.117).

As informações organizam-se em agrupamentos que auxiliam na interpretação dos dados. O pesquisador, a partir das informações agrupadas busca indicadores que permitam a criação de hipóteses que poderão ser, ou não, confirmadas, de acordo com o desenvolvimento da pesquisa. Desse modo, são estas hipóteses que geraram o modelo teórico em construção.

O pesquisador vai além do conteúdo declarado. Busca interpretá-lo e articulá-lo a outros conhecimentos ou informações, já que “as próprias expressões intencionais e diretas são portadoras de informação implícita não presente na representação consciente do sujeito”. (REY, 2005, p.125).

As técnicas de observação participante, diário de bordo e a análise documental auxiliam o pesquisador a compreender os dados obtidos por meio dos instrumentos supracitados. Isso

ocorre, pois por meio dessas técnicas outras informações serão colhidas e poderão ser cruzadas, auxiliando assim a interpretação e a construção teórica por parte do pesquisador.



## Capítulo 3

### O Campo da Pesquisa

---

### **3. O Campo da pesquisa**

O presente capítulo busca caracterizar o campo da pesquisa, assim como apresentar como se deu a construção de vínculos e a formação do grupo de catadores que integram o presente estudo e como a idéia de realizar um trabalho com fotografia emergiu dentro desse contexto.

#### **3.1 A Universidade de Brasília - UnB**

As instituições universitárias não devem ser concebidas de forma dissociada da sociedade da qual fazem parte, pois integram um movimento complexo no qual ao mesmo tempo em que constroem a sociedade são por ela construídas a partir das relações estabelecidas. No interior dessa movimentação, cabe à universidade, ciente do seu papel/compromisso social e público, captar as demandas da comunidade local e trabalhar no sentido de contribuir positivamente para a satisfação dessas necessidades, sem perder a noção do todo.

No âmbito das questões socioambientais, as instituições universitárias de todo o mundo foram chamadas a exercer um papel de liderança frente a essa questão, devido ao seu potencial mobilizador e ao importante papel da educação frente as transformação sociais e ambientais.

O primeiro documento oficial que expressa a preocupação das universidades com relação à questão ambiental e o compromisso social dessas instituições é a Declaração de Taillores. Esse documento foi assinado no Centro Europeu da Universidade de Tufts, em Talloires, França, em outubro de 1990, por representantes de universidades do mundo inteiro. Nessa declaração a educação é identificada como a possibilidade de uma transformação concreta em prol do meio ambiente, assim como do fortalecimento da sociedade na qual estão inseridas.

De acordo com essa perspectiva, faz-se fundamental que as universidades sejam um espaço no qual não apenas se produzam teorias, mas um local onde o teórico seja praticado no cotidiano da instituição, num movimento permeado pela práxis. Nesse sentido, muitas instituições buscaram implementar em seu cotidiano práticas sustentáveis e medidas político-institucionais que colaborassem para esse fim.

A Universidade de Brasília, ao longo de sua história, buscou, por meio de ações diversas, implementar medidas de sustentabilidade em seu cotidiano. Serão apresentadas a seguir, de forma breve, as principais ações voltadas para questão dos resíduos sólidos no *Campus* Universitário Darcy Ribeiro. No entanto, anteriormente a essa abordagem é imprescindível apresentar alguns dados importantes acerca dessa instituição de ensino.

No dia 21 de abril de 1962 foi inaugurada a Universidade de Brasília - UnB, que contava com apenas 13 mil metros quadrados de área construída.<sup>5</sup> O Campus Universitário Darcy Ribeiro, localizado na Asa Norte do Plano Piloto, cuja área totaliza 3.960.579 m<sup>2</sup>, atualmente possui 470.289 m<sup>2</sup> de área construída, segundo dados da Secretaria de Planejamento da UnB. Além desse *Campus*, mais três *campi* foram criados, localizados em Planaltina, Ceilândia e Gama.

A expansão da Universidade foi notável, assim como o seu destaque e importância no cenário nacional. Atualmente, a UnB conta com mais de 1.400 professores, aproximadamente 2.230 servidores e mais de 28 mil estudantes.<sup>6</sup> A dimensão do *Campus* e o volume de pessoas que ali circulam diariamente correspondem a uma pequena cidade e geram uma significativa quantidade de lixo.

Os resíduos gerados no Campus da Universidade de Brasília, de acordo com um levantamento realizado em 1999, pelo Grupo de Trabalho da Coleta Seletiva, integrante do programa “Sou UnB jogo limpo”, somam 1.700 Kg de lixo por dia, o que corresponde a 42 toneladas e meia por mês. Com a expansão de prédios e o aumento do número de estudantes na Universidade desde a data do estudo citado, pode-se concluir que a quantidade de lixo produzido aumentou significativamente. Os números a seguir corroboram essa idéia: de acordo com dados da Secretaria de Planejamento – SPL, divulgados no site da Universidade, “[...] em 2002, a UnB contava com 21.734 alunos regulares registrados nos cursos de graduação, 32% a mais que 1998 e quase 53 vezes o número de alunos do primeiro vestibular, em 1961”. Atualmente, conta com mais de 28.000 estudantes.

A Universidade de Brasília não possui um sistema institucionalizado de coleta seletiva. Desse modo, o lixo gerado é descartado, em sua maioria, sem nenhum critério de separação. Os catadores que ali circulam diariamente se encarregam de coletar e separar parte desses resíduos.

---

<sup>5</sup> Dados da Secretaria de Planejamento – SPL da Universidade, publicados no sítio [www.unb.br](http://www.unb.br).

<sup>6</sup> Dados da Secretaria de Planejamento – SPL da Universidade, publicados no sítio [www.unb.br](http://www.unb.br).

O Campus Darcy Ribeiro apresenta-se como um pequeno recorte da realidade dos catadores informais de materiais recicláveis. Nele, os catadores circulam diariamente, alguns há muitos anos, realizando um trabalho informal, precário e muitas vezes invisível. Esses catadores percorrem o *Campus* em suas carroças ou puxando os seus carrinhos de peito e recolhem os resíduos nos diversos contêineres localizados em cada departamento ou setor da UnB. Eles encontram no lixo gerado por essa Instituição de Ensino um significativo complemento à sua renda mensal. Desempenham um importante papel ambiental com relação à separação e encaminhamento dos resíduos, muitas vezes, descartados de forma indiscriminada pela Universidade à reciclagem.

Ao longo da história da Universidade de Brasília algumas ações visaram à implementação da coleta seletiva na instituição. Uma das primeiras iniciativas institucionais com esse objetivo partiu da Prefeitura do *Campus*, no final da década de 1990. Nessa ocasião foram implantadas lixeiras azuis - destinadas à coleta de papéis - e lixeiras brancas - destinadas aos demais tipos de materiais - nos prédios da Faculdade de Educação, Reitoria e Prefeitura. No entanto, somente a colocação de lixeiras mostrou-se insuficiente e não surtiu o efeito esperado. Segundo Saito (2001), isso ocorreu principalmente: pela ausência de um trabalho educativo, pela inadequação do destino dado ao lixo separado, pelo insuficiente número de lixeiras disponíveis e pela não-participação de atores, como os funcionários da limpeza e os catadores de lixo.

Fica claro desse modo que um trabalho voltado para a implantação da coleta seletiva no *Campus* precisa, necessariamente, ser participativo - compreendendo professores, funcionários, estudantes e catadores - e inclusivo. Necessita também, fundamentalmente, ser permeado por uma proposta de Educação Ambiental emancipatória ou transformadora.

Educar para transformar é agir em processos que se constituem dialogicamente e conflitivamente por atores sociais que possuem projetos distintos de sociedade, que se apropriam material e simbolicamente da natureza de modo desigual. Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada. (LOUREIRO, 2003, p.1490).

É importante reforçar a relevância da participação dos catadores formais e informais de materiais recicláveis no processo de implantação da coleta seletiva no *Campus*. Os catadores

informais que já desempenham o trabalho no *Campus*, merecem destaque por conhecerem, melhor que ninguém, as propriedades do trabalho de catação naquele espaço, assim como as características e a disposição dos resíduos no *Campus*. Além disso, desempenham, mesmo sem serem reconhecidos institucionalmente o importante papel de separação e destinação dos resíduos gerados pela UnB.

Em 1998, foi criado - a partir da Resolução da Reitoria de número 070/98 - o Grupo de trabalho de Coleta Seletiva, integrado por diversas unidades acadêmicas e administrativas. Nesse mesmo ano, no mês de julho, ocorreu a primeira reunião voltada para a formulação de uma Agenda 21 para a Universidade de Brasília, conduzida pelo Decanato de Extensão articulado ao Decanato de Assuntos Comunitários e a Prefeitura do *Campus*. Nessa ocasião, constatou-se que, apesar da instituição desenvolver ações em prol da sustentabilidade no *Campus*, havia uma

[...] falta de definição de uma política ambiental para a UnB e a ausência de um sistema estruturado de gestão ambiental para a instituição. Apesar das diversas ações relevantes em curso envolvendo conservação, proteção ou recuperação ambiental no campus, tais ações eram respostas a metas de políticas setoriais, não se articulando numa forma de política institucional. (SIQUEIRA, 2002, p.17).

Como parte do processo de implantação da Agenda 21 da UnB - cuja proposta buscava atuar nas seguintes áreas: água, energia, alimentação, saúde, áreas verdes e resíduos sólidos – foi realizado em 1999, o Seminário da Agenda 21 da UnB. Ao final do evento foram formados grupos de trabalho de acordo com as temáticas englobadas pela Agenda, dentre eles o Grupo de Trabalho de Coleta Seletiva, que realizou um minucioso diagnóstico e avaliação dos resíduos sólidos gerados no *Campus*.

A Agenda 21, por falta de continuidade e de mobilização da comunidade universitária, perdeu força e suas ações foram encerradas no ano 2000. Após essa data, muitas ações isoladas, relacionadas à questão ambiental na universidade, foram desenvolvidas no *Campus*, inclusive por professores que atuavam em atividades na Agenda 21.

Com relação à Coleta Seletiva no *Campus*, esse sistema não foi implantado até os dias atuais, mesmo diante da publicação do Decreto Nº. 5.940, de 25 de outubro de 2006, que determina que haja coleta seletiva nas instituições federais e obriga ainda que os resíduos sejam destinados às associações ou cooperativas de catadores.

Em março de 2007, o programa Agenda 21 foi retomado - por iniciativa do Decanato de Extensão – com a criação da Agenda Ambiental da UnB sob coordenação da professora Vera Catalão. Como ponto de partida foram utilizados os relatórios e diagnósticos feitos no decorrer da Agenda anterior. Em novembro de 2008, a Agenda Ambiental publicou um importante documento - Políticas Públicas para a Gestão Socioambiental Sustentável - com o intuito de subsidiar a implantação de Políticas Públicas para Gestão Socioambiental na Universidade de Brasília.

A Agenda Ambiental da UnB, que vigora até os dias atuais, busca a participação e mobilização de todos os segmentos que compõem a Universidade, assim como a promoção e articulação de ações que já ocorrem no *Campus* nas seguintes áreas: resíduos sólidos, comunicação e educação, saúde e nutrição, água e energia, áreas verdes e espaço de convivência, mobilidade sustentável.

Atualmente a Prefeitura do *Campus*, a Reitoria e o Núcleo da Agenda Ambiental - NAA pensam em formas de implantar a coleta seletiva na UnB, assim como a destinação adequada dos resíduos coletados. Este contexto mostra-se oportuno para se pensar e repensar o papel do catador dentro desse processo, assim como identificar como uma proposta de Educação Ambiental-EA pode colaborar para que esses atores sejam reconhecidos e incluídos de forma solidária e participativa na coleta seletiva no *Campus*.

A Faculdade de Educação - FE tem um extenso histórico no sentido de buscar implantar práticas sustentáveis em seu cotidiano. Em 2008, deu início a coleta seletiva de papéis integrada à Cooperativa Ageplan - Associação dos Agentes Ecológicos da Vila Planalto. O trabalho desses catadores atrelado à FE é um exemplo de inserção formal dos catadores na Universidade. Vale ressaltar que o trabalho formal ainda é raro no *Campus*, mas a perspectiva é que ele se expanda com a implantação da coleta seletiva. No entanto, para que a coleta se concretize, é primordial a mobilização/participação de todos que compõem a Instituição, de modo que a coleta seja efetivada e realizada de forma consciente. Sendo assim, a Educação Ambiental tem papel fundamental dentro deste processo.

No ano de 2009, foi instituído, sob coordenação da professora Izabel Zaneti e formado por uma equipe multidisciplinar, o Grupo de Trabalho - Gestão Compartilhada de Resíduos ligado ao Decanato de Extensão - DEX.

A gestão dos resíduos sólidos é a demanda prioritária dentro das questões socioambientais que envolvem a UnB. Atualmente, na UnB campanhas e projetos dão seguimento aos projetos iniciais e levam adiante o NAA nos quatro campi como, por exemplo, a) Sou UnB Jogo Limpo, implantação da Coleta Seletiva Solidária de Resíduos e a Implementação do Laboratório de Tecnologias Ecológicas - LABTEC que abriga três frentes de trabalho: um Galpão de Triagem de Resíduos Sólidos em ação integrada com o GT para a Gestão Compartilhada dos Resíduos Sólidos; um Centro de Educação Ambiental e o Programa Agroecológico Integrado e Sustentável (PAIS), da Fundação Banco do Brasil-FBB. O objetivo do LABTEC é indicar caminhos sustentáveis para a UnB, da gestão compartilhada dos resíduos sólidos e da agroecologia; a implantação da coleta seletiva solidária por cumprimento do DECRETO 5940/2006 que regulamenta a coleta em instituições públicas e estabelece que os resíduos sejam doados às cooperativas de catadores e, c) “Digo não aos copos descartáveis” com a adoção das canecas distribuídas a cada semestre para os novos calouros, pois somente no restaurante universitário da UnB mais de 120.000 copos descartáveis vão para o lixo todo o mês. (ZANETI, 2009, p.20).

É importante ressaltar que as atuais propostas voltadas para a implementação da Coleta Seletiva na UnB não abrangem os catadores informais. Este fato se deve, principalmente, ao Decreto supracitado determinar que os resíduos devam ser encaminhados às associações/cooperativas de catadores e não aos catadores que trabalham sem vínculos, como é o caso de muitos que já recolhem os resíduos no *Campus*. Apesar disso, é importante não se fechar os olhos para uma realidade que de fato existe no seio da Universidade.

O Núcleo da Agenda Ambiental e a Comissão da Agenda Ambiental da UnB realizou no período de 3 a 5 de junho de 2009, o Seminário “Gestão Socioambiental para UnB em Debate”. Nessa ocasião, os participantes ressaltaram a importância de uma gestão socioambiental sustentável para os *campi* e como produto final do Seminário, redigiram uma declaração<sup>7</sup> cujas recomendações propõem que a universidade seja um espaço permeado pela prática consciente e que sirva de exemplo para a comunidade, a partir da gestão solidária e integrada dos resíduos sólidos. Recomenda também o consumo consciente, a diminuição na produção de resíduos sólidos, a promoção de campanhas permanentes de sensibilização em prol das iniciativas de educação ambiental e o fortalecimento de vínculos com a comunidade externa.

Diante do contexto apresentado, este estudo abre espaço para uma reflexão acerca da situação de informalidade dos catadores que não seriam abrangidos por uma proposta de coleta seletiva pautada no Decreto e de como a universidade, diante do seu importante papel

---

<sup>7</sup> Declaração do Seminário Gestão Socioambiental para Unb em debate, datado de 5 de junho de 2009.

social e transformador, pode contribuir para que os catadores informais não sejam simplesmente excluídos desse processo.

A responsabilidade social da universidade tem de ser assumida pela universidade, aceitando ser permeável às demandas sociais, sobretudo àquelas oriundas de grupos sociais que não têm poder para as impor. (SANTOS, 2005, p.68).

Sobre o papel da universidade pública, Sá (2006), de acordo com as idéias de Boaventura e Mészáros, destaca a problemática que envolve as universidades públicas atualmente. A autora aponta que por um lado, há a pressão das políticas voltadas para a privatização dessa Instituição e da transformação do conhecimento científico produzido em mercadoria. E por outro, a responsabilidade social da Universidade no sentido de construir uma ciência democrática e que objetive a transformação do modelo capitalista em vigor com base nas demandas sociais.

Sá (2006) enfatiza a emancipação da universidade pública e a sua articulação com uma visão mais abrangente da educação que rompa com a reprodução da ideologia capitalista. A autora ressalta a importância da participação da universidade na construção de um projeto de sociedade alternativo que contemple as necessidades sociais.

Fica claro que a Universidade, enquanto espaço privilegiado de produção do conhecimento, tem papel fundamental na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Desse modo, é importante que a universidade esteja articulada ao contexto global e ao que a rodeia, na busca de compreender as demandas sociais que as cerca. É nesse sentido que este trabalho busca identificar as demandas e os anseios dos catadores que trabalham no interior do *Campus*, com o objetivo de que a Universidade e os catadores possam dialogar e construir um projeto comum de transformação e melhoria social.

### **3.2 A “Invasão do Iate” e a “Invasão da Colina”**

A Universidade de Brasília está localizada em um espaço, no qual, inúmeras invasões a rodeiam.

Só nos arredores da UnB são três focos. O maior, que abriga cerca de sete famílias, fica na via L3 Norte, ao lado da Colina — os blocos funcionais da universidade. Lá vivem casais com filhos em meio a montanhas de lixo que eles mesmo juntam para vender para reciclagem. Além dos barracos, há uma criação de galinhas. Logo abaixo, na L4 Norte, duas famílias transformaram árvores em moradia. No “quintal” de uma delas foi plantada uma pequena



horta de temperos. O terceiro grupo se concentra na pista que dá acesso direto da L2 à L3 e à UnB. Lá, vivem três famílias que usam a água de um cano aparente no canteiro central para lavar roupas, panelas e até tomar banho<sup>8</sup>. (VELEDA, 2008).

Além dos espaços mencionados acima, pode ser acrescida a “Invasão do Iate”, que apesar de não ser tão próxima ao *Campus* quanto às demais, é ligada a ele por trilhas que encurtam a distância e facilitam o trajeto dos catadores que ali coletam materiais recicláveis.

A “Invasão do Iate”, como é comumente conhecida por seus moradores, localiza-se ao lado do Iate Clube de Brasília no Setor de Clubes Norte.



**Imagem 12. Invasão do iate.**

Fonte: <http://maps.google.com.br/>

Essa invasão representa bem a segregação entre ricos e pobres, já que é uma “ilha” de lixo, onde vivem várias famílias de catadores, cercada por mansões e um clube de classe média alta. Apesar da proximidade entre realidades tão distintas, a distância que separa essas classes sociais é imensa, sendo os resíduos sólidos, na maioria dos casos, o único elo entre os que “têm” - poder de compra, moradia, acesso a três refeições por dia - e os que não “têm”.

O contraste entre a imagem do “lixão” e a de poucos metros atrás é gritante. Em pleno centro de Brasília a desigualdade pulsa e convive

<sup>8</sup> Trecho da matéria intitulada “A vida ao relento” publicada em 7 de julho de 2008, no sítio: <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/clipping/julho-1/a-vida-ao-relento>.

lado a lado. Mansões e um clube de classe média alta de um lado e barracos e lixo do outro. Não fazia idéia, ao passar por aquela região, que ali dentro do Cerrado viviam inúmeras famílias de catadores. (DIÁRIO DE CAMPO – agosto de 2008).

Nas proximidades da invasão localiza-se também um espaço conhecido por “ruínas”, uma antiga construção abandonada logo em seu início. Perto desse local vivem inúmeras famílias. Sobre esse espaço seu Hélio relata:



**Imagem 13. Espaço conhecido como 'ruínas'.**



**Imagem 14. Ruínas.**

Fotos: Hélio de Souza

Tirei essa foto aqui pra mostrar que isso daqui é um desperdício com o nosso dinheiro. Isso daqui é um esqueleto de uma obra que foi interdita. Isso daqui é... mais ou menos, eu acredito que é uns dez mil metros quadrado de uma viga, que tem ali na beira do lago sem futuro nenhum. Esse dinheiro, se esse camarada tivesse feito aqui... dava pra ter feito... umas vinte casas e dado de presente pros pobres, seria mais útil. (Hélio)

Essa invasão oferece aos seus moradores a vantagem de viverem ali escondidos, uma vez que poucas pessoas acessam aquela região. Por esse motivo, durante muito tempo conseguiram viver nesse espaço sem serem retirados pelo Governo, ou surpreendidos por

ações bastante espaçadas, o que mudou drasticamente no decorrer do ano de 2009, como será visto no Capítulo 5, item 5.4.

Três, das quatro famílias que integram a presente pesquisa, residem nessa invasão - espaço de moradia e de separação do lixo coletado nas ruas da cidade - em condições precárias de sobrevivência. Uma delas vive ali há mais de seis anos.

A “Invasão da Colina” localiza-se à margem da L3 Norte, na altura da 610/611. Essa invasão é assim conhecida, por se localizar em frente à Colina, espaço residencial, situado no *Campus* da Universidade Brasília, destinado à moradia de professores da UnB.

Pela imagem adiante pode-se observar a localização exata dos espaços públicos utilizados como moradia por catadores e moradores de rua, o que caracteriza uma invasão. Na primeira imagem ampliada, a fumaça dá vestígios de que os resíduos, que não são vendáveis, nem reciclados estavam sendo queimados, prática muito comum entre os catadores. Na segunda e na terceira ampliação, pode-se ver de longe alguns barracos e o lixo acumulado, resultado de um árduo trabalho nas ruas da cidade.



**Imagem 15. Invasão da Colina.**

Fonte: <http://maps.google.com.br/>

A utilização desse espaço para moradia é antiga, e alguns moradores relatam estarem ali há mais de cinco anos, como é o caso de dona Luzineide, a única entrevistada que reside nesse espaço.

No entanto, essa permanência não é contínua, pois depende muito das ações do Governo do Distrito Federal, que visam retirar essas pessoas de áreas públicas que não são destinadas à habitação. Quando são retirados desses espaços, costumam ficar alguns dias longe e logo depois voltam, ou encontram outra invasão para viver.

Vivem na “Invasão da Colina” cerca de dez famílias. No entanto, a quantidade de moradores desse espaço é variável devido à instabilidade a que os moradores de rua estão sujeitos e as datas festivas, uma vez que esse número aumenta bastante com a proximidade do Natal, por exemplo - período em que as doações são muito significativas.

Em uma matéria publicada em 7 de julho de 2008<sup>9</sup>, deu-se destaque a repressão do governo às invasões. Nela, o tenente Nelson Ramos, fala sobre os resultados alcançados pelas operações de desbaratamento da Subsecretaria de Defesa do Solo e da Água - SUDESA: “Perto da Colina, na Universidade de Brasília (UnB), chegamos a ter 40 barracos. Hoje dificilmente chegam a 10”.

Essa invasão caracteriza-se por não oferecer áreas em que os catadores possam esconder os seus barracos, que ficam expostos. Desse modo, as operações nessa invasão são mais frequentes devido à exposição a que seus moradores estão sujeitos e ao número significativo de denúncias, feitas em sua maioria por moradores da Colina que se sentem ameaçados ou simplesmente incomodados pela presença daqueles moradores. Apesar dos riscos e da visibilidade, na maioria das vezes negativa, esse espaço torna-se propício para o recebimento de doações daqueles que estão dispostos a ajudá-los de alguma maneira, seja com alimentos, roupas ou materiais recicláveis. Essa característica é um dos principais estímulos para que os moradores dessa invasão continuem ali e retornem sempre após as ações de desalojamento promovidas pelo GDF.

---

<sup>9</sup> Trecho da matéria intitulada “A vida ao relento” publicada no sítio: <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/clipping/julho-1/a-vida-ao-relento>.

### 3.3 A formação do grupo de catadores da pesquisa

A pesquisa de campo junto aos catadores iniciou-se em agosto de 2008. Quatro catadores integraram a pesquisa: um senhor de 59 anos que vive em Brasília desde à sua construção; uma mulher nordestina de 44 anos, que vive com os filhos e netos na “Invasão da Colina”; um jovem de 23 anos, nascido em Brasília e um baiano de 32 anos, que vive com a esposa e filhos há anos no Cerrado de Brasília. São eles respectivamente: Hélio Souza, Luzineide de Moraes, Cleydson Barros e Ronaldo Adriano Medeiros. Todos autorizaram por escrito a publicação de seus nomes, entrevistas e fotografias. No decorrer do trabalho, utilizaremos apenas o primeiro nome dos catadores para identificar as suas falas.

Três critérios foram cruciais para a escolha dos catadores que integram a pesquisa. O primeiro refere-se à diversidade desses atores, de modo que olhares diversos sob a mesma realidade pudessem ser expostos. Buscou-se, dessa forma, uma visão complexa, já que estes múltiplos olhares permitiram o acesso a opiniões divergentes e ao mesmo tempo complementares acerca do contexto pesquisado.

O segundo critério está relacionado ao interesse demonstrado pelo catador acerca da pesquisa, já que é fundamental que o ator sinta-se motivado pelo tema. Tal motivação facilita a relação entre o sujeito pesquisador e o pesquisado, assim como possibilita um maior envolvimento do ator no processo de construção coletiva do conhecimento. Para que essas características sejam identificadas é imprescindível que o pesquisador vá a campo. Como complementa Rey, “[...] a primeira atitude a ser tomada antes de selecionar alguém é envolver-se no campo para observar, conversar e conhecer, de forma geral as peculiaridades do contexto em que a pesquisa será desenvolvida [...]”. (2005,p.110).

Com base nos critérios citados acima e na fala de Rey - que destaca a importância do envolvimento do pesquisador no campo da pesquisa antes da delimitação do grupo – deu-se início ao trabalho de campo. Para formar o grupo de catadores que integraram a pesquisa foi necessário um longo percurso, permeado por inúmeras visitas e longas conversas.

O novo está sempre envolto em mistério, ansiedade, receio, surpresas e expectativas. Assim se deu os primeiros encontros entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. A maior dificuldade enfrentada a principio foi a aproximação dos catadores que, com poucas exceções, demonstraram muito receio e desconfiança no primeiro encontro. Essa reação pode ser



justificada por alguns relatos dos catadores, nos quais se declararam cansados de receber pessoas que vão até lá entrevistá-los e somem sem dar nenhum retorno.

O terceiro quesito para que o catador integrasse a pesquisa era que ele coletasse resíduos na Universidade de Brasília. Desse modo, o primeiro contato com os catadores, foi realizado nesse espaço. Para tanto, foram necessários poucos minutos andando pelo *Campus* para se encontrar o primeiro catador, momento descrito por um trecho do Diário de Bordo.

No caminho para a Biblioteca Central da UnB avistei um catador em cima de uma carroça passando ao lado do Minhocão e me aproximei. Conversamos um pouco e ele afirmou que coleta, diariamente, resíduos no *Campus*. Em poucos minutos, Cleydson sentiu-se à vontade para falar das condições precárias em que vive e de seu desejo de ter um emprego “fichado”. Ele falava como se visse em mim alguém que poderia ajudá-lo a mudar de vida. Seu barraco fica em uma invasão nas proximidades do Iate Clube, local até então desconsiderado por mim, que não sabia de sua existência. Combinamos que eu iria até lá no final de semana e que levaria as fotos que tirei dele. (DIÁRIO DE CAMPO - agosto de 2008).



**Imagem 16. Cleydson e sua carroça.**

Poucos dias depois, outro catador foi encontrado revirando uma lixeira próxima à Prefeitura da UnB. Esse catador, de nome Ronaldo Adriano, também morador da “Invasão do Iate”, ao contrário do Cleydson, mostrou-se bastante desconfiado e arredio. Apesar disso, ele consentiu que fosse feita uma visita ao seu barraco para que ele pudesse ouvir um pouco mais sobre o projeto de pesquisa.



**Imagem 17. Ronaldo Adriano no campus.**

Conforme combinado, no final de semana seguinte aos encontros, foi realizada a primeira visita à “Invasão do Iate”.

Seguimos a indicação do Cleydson e fomos até o Iate Clube de Brasília, lá chegando seguimos a estrada que fica em sua lateral. Neste caminho encontramos dois homens montados em cavalos, que nos indicaram onde estava a invasão. Pegamos uma estrada de chão e logo avistamos bastante lixo e alguns barracos em volta. [...] Não sabíamos por onde começar a procurar o Cleydson, eram muitos barracos. (DIÁRIO DE CAMPO – agosto de 2008).



**Imagem 18. Invasão do Iate.**

São inúmeras famílias que vivem naquele espaço, onde trabalham e sobrevivem do que não tem mais valor para àqueles que residem e trabalham em repartições públicas a sua volta. Os resíduos sólidos ilustram perfeitamente a desigualdade social existente em nosso país, uma vez que “[...] são o elo entre o que não serve mais para uns e o que para outros representa trabalho e sobrevivência”. (ZANETI, 2006, p. 67).

Andando pela invasão conhecemos um senhor chamado Hélio que tentou nos ajudar a encontrar o Cleydson. Ele nos contou que por causa da sua idade e de alguns problemas de saúde, cata latinhas apenas na Casa do Estudante. Já os seus filhos, recolhem os resíduos de áreas mais distantes – inclusive do *Campus* - com o auxílio de carroça e cavalo. Como ele não sabia onde era a casa do Cleydson, nos levou até o barraco de um catador que poderia nos ajudar. Por coincidência, este catador era o Ronaldo, que conversou comigo no *Campus*, nas proximidades da Prefeitura. Ele não estava em casa, mas conversamos com a sua mulher que nos recebeu muito bem e reconheceu o marido na foto, que tirei dele na referida ocasião. O Ronaldo estava jogando bola na Vila Planalto. Ficamos de voltar depois para conversar melhor com eles. (DIÁRIO DE CAMPO – agosto de 2008).

Como o seu Hélio também coletava resíduos no *Campus*, foi conversado com ele sobre o projeto. No entanto, ele demonstrou receio em participar e disse que: “[...] sempre é a mesma coisa, as pessoas vem aqui, pegam os dados e somem”.

Os laços entre pesquisador e sujeitos da pesquisa se constroem com o tempo e com o respeito aos posicionamentos dos participantes. Além disso, um dos requisitos para que os catadores integrassem a pesquisa era o seu grau de interesse pelo tema tratado, para tanto, buscou-se interagir com o máximo de catadores que trabalhavam no *Campus* para identificar tal disposição. Desse modo, o grupo de catadores integrantes da pesquisa somente foi definido após vários encontros.

Saímos em busca do barraco do Cleydson e ao encontrá-lo ele mostrou-se bastante feliz, pois pensava que não iríamos até lá. Sua esposa foi muito receptiva e nos convidou para entrar. Ela fez questão de mostrar as filhas e pediu que eu segurasse a mais nova para ver como era pesada. Em volta de sua casa observamos muito lixo e muitos insetos, principalmente moscas. Ao lado do barraco um pequeno fogareiro no chão com uma panela com o que sobrou do almoço, agora coberta por um véu de moscas. Em frente à casa um cercado feito de madeira com um dos cavalos dentro. Ele relatou que o cavalo que eu vi no *Campus* foi roubado pouco depois. Disse que é comum que o Governo pegue os seus cavalos e que se sente roubado e não tem condições de pagar a multa para ter o seu animal de volta. (DIÁRIO DE CAMPO – agosto de 2008).

A partir do Cleydson outras famílias de catadores foram contatadas na “Invasão do Iate”. Além dessa invasão, integra a pesquisa a “Invasão da Colina”, onde se conheceu Dona Luzineide, que também demonstrou receio durante o primeiro encontro, mas aos poucos foi se envolvendo com o trabalho e compreendendo a importância dele.

Foram muitas as visitas feitas às invasões que, inicialmente tinham o objetivo de observar e consolidar a relação com os catadores. Com o seu Hélio, que desenvolveu um grande interesse pela pesquisa, realizamos a primeira entrevista no terceiro encontro. Ele



declarou, ao saber com um maior detalhamento os objetivos do projeto, que “esse trabalho vai ser bom pra gente lembrar da nossa história. A vida é tão corrida que a gente acaba deixando de falar sobre o que passou”. Essa colocação, está intimamente relacionada à questão do tempo para esses trabalhadores, cujo foco está no presente e no amanhã.

Para encontrarmos o Ronaldo outra vez foram necessárias muitas visitas. Finalmente quando o encontramos, ele se mostrou desconfiado e perguntou quem estava mandando eu fazer esta pesquisa e o que ele iria ganhar com isso. No entanto, após algumas horas de conversa e muitas explicações, ele demonstrou interesse pelo trabalho. Nesse mesmo dia, pediu que eu tirasse algumas fotografias das crianças e dos animais para levar no próximo encontro. (DIÁRIO DE CAMPO – outubro de 2008).

Por meio do Ronaldo outras famílias de catadores foram contatadas. No entanto, o grupo já estava praticamente desenhado, uma vez que o entusiasmo tomou conta dos catadores com os quais houve o contato inicial, tornando os vínculos cada vez mais fortes.

Vale ressaltar que o envolvimento da família dos catadores foi intenso durante todas as etapas do processo de pesquisa. Desse modo, no decorrer do presente trabalho serão utilizados alguns relatos feitos pelos familiares dos catadores e trechos da entrevista concedida por Solange Silva, esposa de Ronaldo Medeiros.

### **3.4 A emersão da fotografia**

A idéia de realizar um trabalho envolvendo a fotografia com os catadores emergiu durante os primeiros encontros, quando foi identificado o grande interesse desses trabalhadores pelo registro fotográfico. Durante o contato inicial com os catadores, algumas fotos foram tiradas para registrar o seu trabalho no *Campus* e o ambiente em que vivem. Com o objetivo de dar um retorno aos participantes, as fotos foram levadas nas visitas posteriores para que eles vissem o resultado. Ao verem as fotos tiradas de sua casa, de seu ambiente de trabalho, a reação de todos foi de muito entusiasmo. Alguns pediram mais fotografias: dos filhos, da família e dos animais.

O valor atribuído à fotografia pelos catadores deve-se em grande parte ao fato de serem raros os registros fotográficos que possuem de sua história, como relata o seu Hélio:

Eu não tenho nenhuma foto da minha infância. Tinha uma, eu deveria ter uns dois anos, essa deve estar com meus tios, que faz muitos anos que eu não vejo, mas eu mesmo não tenho acesso a nenhuma. Até meus dez, doze anos de idade, quinze anos eu não tenho foto da minha adolescência.

Em outros casos, a fotografia revelou um valor além do sentimental, quando, por exemplo, um dos participantes da pesquisa pediu que fosse tirada uma foto de seu cavalo, para que ele pudesse provar, em caso de roubo ou de apreensão, que o animal era seu. Além disso, a fotografia representa um meio de construção da identidade e inclusão desses trabalhadores.

A nova etapa da pesquisa foi comemorada por todos os catadores e seus familiares, que ficaram animados e ansiosos pela oficina de fotografia. A motivação dos catadores no decorrer de todo o trabalho com a fotografia foi fundamental, uma vez que por meio da dedicação desses trabalhadores foi produzido um material muito rico, que revela com detalhamento as diferentes dimensões de suas vidas: “tirei foto dos lugar que eu gosto e das coisas que gosto. Tirei do meu fogo, tirei da cama, do meu papel, dos meus filhos, que é a coisa que eu mais amo é meus filhos”. (Luzineide)

Essa experiência com a fotografia possibilitou que os catadores manuseassem pela primeira vez uma máquina fotográfica, como pode ser observado por meio do relato a seguir: “esse trabalho foi bom, porque pra mim foi a primeira vez, eu nunca tinha mexido com uma máquina e eu gostei muito, foi legal. Minha família achou bom também, porque eu tirei as foto deles tudinho, ficaram tudo empolgado. Gostaram!” (Ronaldo Adriano).



**Imagem 19. Cleydson tirando a sua primeira fotografia.**

A primeira experiência com a máquina fotográfica também é relatada por Dona Luzineide:

Pra mim tirar as fotos ... eu achei bom, né? Aqui e acolá eu ficava com medo de tirar, que eu nunca tirei foto. Aí eu ficava com medo do pessoal ver eu

tirando e querer brigar. Aqui acolá eu dava uma escondidinha, quando passava o pessoal eu tirava.

Dona Luzineide em sua fala descreve o receio que sentiu ao tirar as suas primeiras fotos. Além desse medo natural, de quem está realizando algo nunca feito antes, ela demonstra temor com relação às pessoas que a viram tirando as fotos. Esse sentimento é fruto de experiências de humilhação nas ruas da cidade. No entanto, Dona Luzineide venceu o desafio e tirou excelentes fotos, mesmo quando sem querer:



**Imagem 20. Dona Luzineide, foto “ao contrário”.**

Foto: Luzineide de Moraes

Aqui é uma burrice que eu fiz, mas até que essa burrice saiu boa. Eu fui tirar a foto e tirei foi ao contrário, tirei a minha mesmo. (Luzineide de Moraes).

Ao receberem as fotografias reveladas a emoção tomou conta de todos que se reuniram para apreciá-las.

Nós só temos essas fotos aqui, que foram as primeiras que a gente tirou. Desde quando a gente começou a namorar a gente nunca tirou uma foto. E as vez também não tinha a máquina e não tinha oportunidade também. Essa fotos aqui vai servir pro resto da vida pra mim sempre lembrar. (Ronaldo Adriano).



**Imagem 21. Seu Hélio e familiares vendo as fotografias por ele tiradas.**



**Imagem 22. Ronaldo e família no primeiro contato com suas fotografias.**



**Imagem 23. Cleydson e sua família olhando as fotografias por ele tiradas.**

Com as fotografias em mãos, deu-se início ao momento de ouvir o que os catadores tinham a dizer sobre cada uma delas. O falar sobre a fotografia permitiu que fosse revelada, com um grau de riqueza muito grande, a subjetividade dos catadores, uma vez que as fotos por eles tiradas possuem um significado especial em suas vidas que só eles podem declarar. Além disso, remeteu os seus autores a momentos e histórias que transcendem a imagem

revelada. Segundo Bauer e Gaskell (2000) a fotografia pode desempenhar o papel de desencadear, espontaneamente a evocação de memórias, que dificilmente surgiriam durante uma entrevista.

São muitos os autores que falam sobre a autonomia da imagem. Neiva Jr. ao falar sobre imagem e narrativa, declara que: “Se para a fotografia basta o instante, não há necessidade de explicá-lo. Qualquer texto que indique e descreva a foto seria supérfluo”. (NEIVA JR., 1994 p. 64). No entanto, neste trabalho, a fala dos catadores a respeito de cada fotografia, foi considerada essencial, uma vez que é sabido que as imagens podem despertar interpretações variadas.

Uma segunda falácia comum sobre fotografia é de que ela é simplesmente e universalmente acessível a qualquer um do mesmo modo – que ela opera transculturalmente, independentemente dos contextos sociais, de tal modo que todos a verão e entenderão o mesmo conteúdo na mesma fotografia. (BAUER E GASKELL, 2000, p.140).

Por meio da explicação de cada cena, o catador desvelou os seus sentimentos e emoções com um envolvimento que dificilmente seria possibilitado por meio de outro instrumento. Quando há envolvimento emocional, a expressão da subjetividade ocorre de uma maneira mais espontânea, uma vez que o sujeito vê sentido no que está realizando.

Para ilustrar a importância da fala atrelada à imagem, tomar-se-á como exemplo a fotografia abaixo, tirada por Dona Luzineide.



**Imagem 24. Fotografia tirada por Dona Luzineide.**

A imagem acima, por si só, pode levar a interpretações errôneas como, por exemplo, de que a catadora comprou iogurtes e mortadelas para complementar as suas refeições. Ou então, pode-se pensar que se trata de alguma doação que recebeu por suas andanças. No entanto, a

fala de Dona Luzineide nos revela o triste significado e a realidade por trás daquela fotografia: “Aqui, é a merenda dos meus filhos, que a gente traz do supermercado. Não pode comprar, pega ao menos da lixeira para comer. É vencido, mas Deus não deixa a gente morrer, não”. (Luzineide).

Desse modo, fala e imagem são aqui consideradas complementares, uma vez que ao falar sobre a foto o sujeito desvela mais do que a imagem pode apontar por si só, pois a sua explicação está intimamente interligada com a sua história de vida, experiências passadas e percepções de mundo.

As fotografias tiradas pelos catadores abrangem diversos temas, como: família, vizinhança, locais de trabalho, instrumentos de trabalho, resíduos coletados, moradia, alimentação, lazer, animais e paisagens. Essas imagens, assim como os relatos dos catadores, permearão as páginas que se seguem.

## Capítulo 4

### Realidade Revelada

---



#### 4. Realidade Revelada

O presente capítulo busca expor as experiências e as histórias de vida dos catadores de materiais recicláveis que integram a pesquisa. Esse percurso tem início antes da chegada desses trabalhadores à tão sonhada capital e perpassa, além do momento de transição, que caracteriza o fenômeno da migração, as diversas dimensões de suas vidas, enfatizando sempre as relações – frágeis ou não - estabelecidas pelos catadores.

Relação “é a ordenação intrínseca de um ser em direção a outro [...]”. (GUARESCHI, 2006, p.141 e 142). No presente trabalho, considera-se além da relação entre o catador e o outro – a família, os vizinhos, os companheiros de profissão, os intermediários, aqueles que descartam o lixo por ele coletado e que cruzam diariamente o seu caminho durante as andanças pelas ruas da cidade, e o governo – mas também as relações estabelecidas consigo mesmo e com o meio ambiente que o cerca.

Ainda segundo Guareschi (2006), o ser humano, a partir das relações que estabelece com os demais seres existentes, constitui e constrói a si mesmo. Complementarmente a essa visão, é importante destacar que por meio das relações, todas as partes envolvidas se implicam mutuamente em um processo no qual os seres se constroem e são construídos simultaneamente. Desse modo, busca-se a compreensão das relações tendo em vista que “[...] os grupos humanos, e as sociedade em geral, são melhor compreendidos se forem vistos como constituídos, em sua essência, por relações”. (GUARESCHI, 2006, p. 142).

No caso dos catadores informais de materiais recicláveis, ele pode ser muitas vezes percebido como um trabalhador isolado, já que não integra formalmente nenhum grupo de cooperativa ou associação. No entanto, um olhar mais cuidadoso revela que, por trás do que parece um trabalho solitário, existem verdadeiras redes de solidariedade, sejam elas compostas por familiares, vizinhos ou colegas de profissão.

Ao falar sobre o processo de construção que dá início à economia solidária, Paul Singer (2009) dá destaque para as redes de solidariedade criadas por aqueles que se encontram em situações precárias. “Ajuda mútua é vital, não tem forma de sobrevivência sem solidariedade entre as pessoas pobres”.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Revista do Brasil, edição 40. Outubro de 2009.



O ser humano é um ser interativo por natureza, uma vez que a sua sobrevivência está intimamente relacionada à sua capacidade de relacionar-se com o meio e com os outros homens. No decorrer de toda a existência da humanidade é nítido o esforço humano por constituir grupos, no interior dos quais emergem diferentes maneiras de interagir, que variam de acordo com as necessidades impostas pelo contexto e período histórico.

O processo de produção da existência humana é um processo social [...] Há interdependência dos seres humanos em todas as formas da atividade humana; quaisquer que sejam suas necessidades – da produção de bens à elaboração de conhecimentos, costumes, valores[...] -, elas são criadas, atendidas e transformadas a partir da organização e do estabelecimento de relações entre os homens. (ANDERY et al ,2007,p.11).

As relações estabelecidas pelos catadores - que oferecem as condições básicas para que eles possam desenvolver o seu trabalho, se estabelecer em determinada localidade e sobreviver – serão exploradas abaixo, permeadas pela fala dos catadores e pelas fotografias tiradas por eles no decorrer do trabalho de campo.

#### **4.1 Migrar: uma luz no fim do túnel**

Da onde eu vim é difícil ter até o ovo, o arroz e o feijão. Vim lá da Bahia. Às vezes, tinha o arroz e não tinha o feijão. Eu mesmo, pra mim sobreviver - minha família é pobre - eu carregava até lenha na cabeça. Cortava com o facão no mato, carregava, chegava na cidade e vendia pra comprar um arroz, um feijão pra minha família, logo quando minha mãe morreu. Fui criado sem pai, né? Nem me registrar não me registrou. Sofrimento ... (Ronaldo Adriano).

As histórias da vida sofrida que deixou para trás, servem de estímulo para que Ronaldo Adriano, catador de materiais recicláveis, continue lutando pelo objetivo que o fez deixar a Bahia e o trabalho na roça rumo à Brasília: melhorar de vida. Assim como ele, a grande maioria dos catadores que sobrevivem do lixo gerado no centro da Capital Federal, fugiram das precárias condições de vida em sua terra natal.

A busca por empregos e oportunidades mobiliza diariamente centenas de pessoas, que migram de suas cidades de origem rumo à cidade grande. A falta de uma política e de instrumentos legais que proporcionem o acesso à terra, têm se configurado, desde a época da abolição da escravatura, em um fator de deslocamento em direção as cidades. (BURSZTYN, 2003a). Até os dias atuais observam-se as mesmas ocorrências de precariedade na zona rural, marcadas pela falta de políticas públicas direcionadas à melhoria deste setor, à permanência

dos camponeses em suas localidades, e ao acesso à terra, principais fatores de evasão do campo.

Os migrantes foram geralmente “expulsos” das áreas rurais, onde, principalmente os mais jovens, não encontram meios de inserção que permitam a sua sobrevivência. O êxodo rural revela a falta de condições de permanência dos pequenos agricultores no campo, aonde as transformações tecnológicas chegaram em um ritmo muito mais lento que o verificado nas cidades. Esse processo de deslocamento foi intensificado pela industrialização e modernização dos grandes centros urbanos brasileiros, que a princípio, ofereciam oportunidades de emprego aos recém-chegados.

Bursztyń (2003a) aponta três momentos cruciais que marcaram os fluxos migratórios brasileiros. No entanto, elucida que a transição de um período para o outro não significa o encerramento do anterior, mas sim a sua perda de dinamismo. O primeiro deles ocorreu até a década de 1970, quando o migrante vindo do campo buscava nas grandes metrópoles, como São Paulo, oportunidades de emprego na indústria.

Já o segundo momento se deu quando a indústria já demonstrava perder a sua capacidade empregatícia. Dessa vez, o fluxo migratório impulsionado por projetos e políticas governamentais tinha três principais objetivos: ocupar a Amazônia; redirecionar a rota dos migrantes que saíam do semi-árido, cujo estrangulamento econômico gerava um grande fluxo migratório em direção, principalmente, à região centro-sul do País e dos que, atingidos pela falta de reforma agrária, buscavam a mesma rota.

O terceiro se inicia nos anos 1980 e se estende até os dias atuais. Nesse período, as rotas seguidas pelos migrantes possuem “traçados caóticos” e diversas direções, sendo que os centros urbanos de médio porte aparecem como destino preferido, já que apresentam condições de vida e oportunidades atrativas ao novo migrante. Esta característica deve-se ao fato de essas pessoas possuírem uma mobilidade muito grande. Costumam ir e vir numerosas vezes, assim como se mudam com grande facilidade ao não encontrarem no destino final as condições esperadas. Essas pessoas são chamadas pelo autor de “perambulantes”, já que não têm moradia fixa, e se deslocam sem um destino preciso, de acordo com as notícias de novas oportunidades, ou simplesmente ao acaso, sem criar raízes aonde chegam.

Ao longo dos três períodos apontados acima, pode-se verificar a redução das oportunidades de empregos formais no decorrer de cada um deles. Essa diminuição, dentre

outros motivos econômicos, pode ser justificada pela própria demanda por emprego, que passou a ser maior que a oferta. Desse modo, ao invés de se depararem com uma vida melhor, os migrantes viam-se desempregados em uma cidade totalmente desconhecida, em busca de formas alternativas de sobreviver. Como veremos adiante, o trabalho com a reciclagem apresenta-se como uma opção viável – e muitas vezes como a única alternativa - para que essas pessoas se insiram na economia local e adquiram recursos para a sua sobrevivência.

#### **4.2 Brasília: o destino dos sonhos.**

No decorrer deste item será abordada de forma breve a questão das migrações na Capital Federal. No entanto, o enfoque será situar a chegada dos catadores que compõem a pesquisa e as razões que os motivaram a deixar suas cidades de origem. A trajetória desses catadores e a sua relação com Brasília desvelam a luta pela sobrevivência daqueles que possuem pouca ou nenhuma voz no decorrer da história da cidade, mas que vivenciam o seu lado mais duro e representam uma parcela invisível da população do DF.

Os catadores integrantes deste estudo têm as suas raízes bem longe da “cidade dos sonhos” e fincadas na terra de onde tiravam o seu sustendo por meio do trabalho árduo na roça.

Em Pernambuco meus pais trabalhavam com roça... Eu era muito pequena e não lembro direito, mas eles trabalhavam com roça. Lá eu morei até os cinco anos, vim embora pra Barreiras, que é Bahia também e daí por diante eu me vi por moça lá e depois vim pra cá. Lá eu trabalhava em roça, roçando, às vezes selecionando, às vezes coisano ramo de melancia, inhame... Essas coisas assim. (Solange Medeiros).

Assim como a Solange, os demais catadores, que integram a pesquisa, deixaram a sua cidade natal para buscar uma vida melhor na Capital Federal. O mais jovem deles é a exceção dentro do grupo, pois nasceu em Brasília. No entanto, ao conhecermos um pouco mais sobre a sua trajetória, percebemos uma marca comum: Cleydson nasceu de uma migrante nordestina que, ao se separar do marido, saiu de Pernambuco em busca de uma vida melhor para ela e os filhos.

O fluxo migratório rumo à Brasília está relacionado, primeiramente, à construção da cidade, que representou um marco da era desenvolvimentista. A capital, planejada pelos traços de Oscar Niemayer e do urbanista Lúcio Costa, diferenciava-se de todas as cidades do País pela sua arquitetura, organização e modernidade. Além desse diferencial, a oferta de

salários dobrados e a grande demanda de funcionários para a construção civil eram fortes atrativos e o principal motivo da chegada diária de migrantes à cidade.

Seu Hélio, que atualmente trabalha como catador de materiais recicláveis e coleta latinhas na Casa do Estudante, chegou à Brasília ainda criança. Um ano antes da inauguração da cidade, ele veio com toda a família de Ceres, Goiás, em cima de um carro de cimento. Ele lembra o dia e a hora de sua partida:

Dia 20 de julho de 59, às quatro horas da tarde. Meu pai, minha mãe e os irmãos - na época nós éramos três - em cima do carro de cimento. E não veio só nós não, veio umas 20 a 25 pessoas em cima desse carro. Era um alfa véi, ele até chamava Estrela. É porque ele tinha uma estrela na porta, né? (Hélio Souza).

Ao falar sobre a foto tirada por ele do Lago Paranoá, seu Hélio conta sobre a Vila Mauri, onde se instalaram em Brasília. Esse espaço era um dos canteiros de obra da cidade, que abrigava muitos operários, que trabalharam na época da construção da Capital e que hoje, apesar de encoberta pelo Lago, ainda inunda a memória de quem ali viveu.



**Imagem 25. Fotografia tirada por Hélio Souza.**

Aqui é o lago, onde eu morei pela primeira vez. Não dá pra ver o meu barraco, porque ele deve tá uns trinta metros de fundura, mais ou menos. Pelo menos vou ter essa lembrança, que eu já morei aqui, onde é essa água.

Ao exemplificar a importância que atribui à fotografia, Seu Hélio dá mais alguns detalhes do período em que viveu na Vila Mauri e das dificuldades enfrentadas pelos recém-chegados:

Por exemplo, se eu tivesse fotografia de uns 50 anos atrás, hoje eu tava te mostrando tudo... o que foi o início de Brasília. A água aqui era tão difícil. A

gente buscava água, lá de casa era 500 metros. Aqui não tinha torneira em cada casa, era chafariz. Era uma torneira para 500 pessoas. A Vila Mauri mesmo, vamos dizer, devia ter umas 30 torneiras em cada determinado ponto. Então, ali juntava todo mundo na fila com as latas pra encher. Eu enchia três tambor de água todo dia. Eu levantava quatro horas da manhã, que era o horário que tinha menos gente, que já deveria ter umas 30, 40 pessoas pra encher os tambores, porque a gente precisava de muita água. Era uns 600 litros de água por dia que a gente gastava.

Muitos migrantes vieram em busca de oportunidades e se depararam com o cenário descrito acima. O fluxo de pessoas que deixavam as suas terras rumo à nova capital era intenso e ao chegar à cidade, muitos se organizavam em espaços improvisados, o que caracterizou as primeiras invasões de Brasília. Antes mesmo da inauguração da cidade, ocorreram as primeiras ações de erradicação de invasões de moradores que viviam em áreas ilegais, como é o caso da invasão Sarah Kubitschek, que se localizava ao lado da Cidade Livre. Durante o Governo de Israel Pinheiro esta invasão, que contava com cerca de 15 mil moradores, foi removida para Taguatinga - criada para com a finalidade de abrigar os desalojados. (ARAÚJO & BURSZTYN,1997).

A cidade criou vida própria e, contrariando a expectativa daqueles que já haviam traçado o seu destino, se expandiu. Assim como Taguatinga, outros setores, chamados de cidades-satélites, que não estavam previstos em seu plano original, tiveram que ser criados com a mesma finalidade, como é o caso de Ceilândia.

O problema das invasões e do grande contingente populacional que chegava à cidade só aumentou e nenhuma solução eficiente foi apresentada pelos governantes do DF.

Nada foi feito de criativo e responsável. Mais cidades foram construídas, agora não mais satélites, mas os precários aglomerados habitacionais, intitulados assentamentos. Feitos de maneira aleatória e sem planejamento urbano de longo prazo, neles milhares de pessoas foram assentadas em terrenos cedidos pelo Governo de Joaquim Roriz, nos anos de 1988 a 1994. Sem critérios rígidos e com claro interesse eleitoral foram distribuídos lotes e constituídos assentamentos no Distrito Federal, podendo-se citar Samambaia, Santa Maria, Riacho Fundo e São Sebastião. (ARAÚJO & BURSZTYN, 1997, p.21).

Tais ações atraíram mais e mais migrantes ao DF – como veremos a seguir -, ampliando assim a demanda por moradia, gerando a ocupação irregular do território e um contingente enorme de pessoas, que sem encontrar emprego e condições dignas de sobrevivência,

passaram a viver em condições precárias e sub-humanas no seio da Capital Federal - que possui o maior Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do País.

A oferta de emprego, bastante ampla na época da construção, se reduziu gradativamente. Apesar disso a cidade continuou a receber pessoas vindas de diversas partes do País em busca de progresso, o que gerou um grande número de migrantes desempregados. Ao falar sobre os motivos que os trouxeram a Brasília, os catadores deixam clara a esperança que tinham de encontrar uma vida melhor na capital:

[...] Influência de buscar melhorar. Porque Brasília sempre foi assim uma fonte de influências. (Hélio).

[...] Vim porque lá é fraco, né? Aí vim tentar a sorte aqui, pra vê se consegue alguma coisa melhor na vida. (Ronaldo Adriano).

[...] É porque minha irmã tava aqui, aí eu vim tentar a sorte aqui, mas quebrei foi a cara. (Luzineide).

Pode-se observar, por meio do emprego da expressão “tentar a sorte”, empregada por dois catadores nas falas acima, que eles não tinham certeza do que iriam encontrar em Brasília, apesar da esperança de uma melhoria em suas vidas.

Na fala de Dona Luzineide se evidencia uma decepção sofrida, já que a vida encontrada em Brasília não correspondeu às suas expectativas, o que fica claro quando ela afirma que “quebrou a cara”. Outro ponto que merece destaque nas falas acima é a questão da influência familiar. É muito comum que um parente se desloque primeiro à Brasília para conhecer as condições locais, “desbravar o território” e em seguida trazer os demais.

Percebe-se que há uma rede entre os migrantes, na qual não só familiares, mas também os amigos se comunicam acerca dos locais que oferecem melhores condições de moradia e oportunidades. Os pioneiros convidam e “abrem espaço” para os que desejarem seguir o mesmo curso. Esse fato foi apontado por Araújo & Bursztyn (1997), que identificaram um grupo com cerca de 20 famílias vindas de Jacobina, na Bahia. Nesses casos, os autores apontam uma relação hierárquica, onde o pioneiro possui uma posição superior, já que desbravou a terra desconhecida e abriu caminho para os demais.

Outro fator que exerceu forte atração de migrantes foi a oferta de lotes públicos para pessoas de baixa renda, de 1988 a 1994, durante o mandato do então Governador Joaquim Roriz. Com a oferta de terras públicas, a atração que a cidade já exercia, ganhou mais

intensidade, o que estimulou a chegada crescente de migrantes em busca do tão sonhado lote. A oferta de terras públicas, com claros interesses eleitorais, que buscavam a formação de um verdadeiro curral eleitoral, logo chegaria a uma saturação. No entanto, no imaginário daqueles que sonhavam com um pedaço de terra para construir a sua vida, a esperança de conseguir um lote continuava muito viva e a notícia se espalhou pelo País.

Muitos catadores, antes de chegarem à Brasília sabiam dessa possibilidade, e esperam até hoje pelo seu “pedaço de chão”.

A gente mora aqui muito tempo, o governo não olha pra gente. Era pra ver o que podia fazer de bom pra gente, né? Dá algum benefício pra gente. Sempre eles dão casa pro pessoal, dão lote, mas eu mesmo tenho muito tempo aqui e nunca ganhei nada. (Ronaldo).

Se eu ganhasse um lote pra mim mesmo eu ia achar assim até bom. Porque morar de casa num presta que eu paguei mais de oito anos de aluguel. (Cleydson).

Percebe-se, desse modo, que o sonho de obter um lote está presente no imaginário dessas pessoas, assim como o anseio de que o governo, enfim olhe para eles.

Além desses fatores, a riqueza do lixo produzido pela cidade é também um atrativo para os migrantes, como podemos observar na fala da catadora Solange, que no relato abaixo revela o motivo pelo qual a sua família deixou o estado da Bahia:

Pelo fato de lá tá fraco, tava ganhando muito pouco e não dava pra sobreviver e sustentar a família dele, porque meu pai ele tem 12 filhos. Muito grande a família. Então, só ele trabalhava. Aí o povo comenta: “Vai mexer com papel que é melhor e tal. Aí ele veio. Aí começou a mexer com recicrage e daí por diante eu conheci o Ronaldo aqui, aí eu fui viver minha vidinha. E meu pai ainda mexe até hoje com latinha.

A partir do relato de Solange podemos observar que o trabalho da catação é apontado por muitos como um meio de melhorar de vida. E Brasília, por ser uma cidade cujo lixo é muito rico, em especial por apresentar grandes quantidades de papel branco, é uma das principais opções para quem quer ingressar nesse ramo. Essa característica tem destaque na fala de Dona Luzineide, que deixou Juazeiro da Bahia pelo mesmo motivo:

Eu vim pra mexer com reciclagem. Minha irmã disse que aqui era bom de trabalhar com papel, só que eu nunca tinha trabalhado não. A primeira vez foi aqui.

No entanto, na maioria dos casos, o trabalho com a reciclagem surge como única opção ao se ingressar em Brasília, cuja dinâmica apresenta um grande desafio para esses migrantes, que muitas vezes não encontram no destino final a realidade sonhada.

#### 4.3 Do sonho à realidade

Apesar do mercado da reciclagem atrair parte dos migrantes, a maioria chega à Brasília em busca de um emprego formal e estável. No entanto, somente uma minoria tem essa oportunidade. Ronaldo Adriano, ao chegar à capital federal conseguiu um “trabalho fichado”: “Aqui... eu trabalhei de boleiro, no Setor de Clube Sul. Que lá tem as quadras de tênis e eu trabalhei lá uns dias e não gostei, porque ganhava pouco também”. Ficou pouco tempo no emprego, pois o salário não dava para se sustentar. Apesar de procurar arduamente, Ronaldo não encontrou nenhuma outra oportunidade de ingressar no mercado de trabalho formal.

Ao se depararem com a falta de emprego “fichado”, os migrantes buscam nas brechas do sistema econômico formas alternativas de sobrevivência. Algumas opções de sobrevivência encontradas são bastante inusitadas, como no caso do seu Hélio, que antes de se tornar catador de lixo, criava e vendia borós – larvas que servem de isca para peixes – para sustentar a família. Ele conta como fazia para manter a sua criação:

Eu tinha as caixas de geladeira e aí eu enchia. Eu enchia eles de folha, de alface, de alface não, de repolho, couve, jornal, arroz branco e punha ali pra eles. É muito sujo. Agora esse que a gente cria é uma outra alimentação. Então, você pode jogar, por exemplo, o fubá de milho. Eles gostam muito de fubá de milho e ele não fica fedido. Ele não é cheiroso não. Assim, na verdura ele não fica. Fede, mas não é tanto. Aí quando você vai tirar ele, você lava ele bem lavadinho, põe numa peneira de arame, dessas de peneirar areia aí ele enxuga, aí você põe o fubá dentro dele e ele fica soltinho e limpinho, que você pode pegar e não fica mal cheiro. Aqui no Iate acho que não vende. Lá na invasão da L2 sul era vendável. Lá eu ganhava uns dois salários com esse bichinho aí.

Sobre as alternativas criadas em prol da sobrevivência, Freitas salienta que:

[...] o homem cultivava modos de ser peculiares e torna-se exímio conhecedor da arte de reinventar cotidianamente a vida e de criar modos diferentes de sobreviver aos escombros dos tempos, chamados modernos, marcados pelos sinais permanentes de construção/reconstrução. (FREITAS, 2005, p.54).

A possibilidade de trabalhar com a catação, diante de um cenário no qual a fome e o desamparo são reais, emerge como uma possível solução para os problemas imediatos e como a chance de melhorar de vida. Ronaldo Adriano, ao falar sobre a sua chegada à Brasília, relata



a forma como começou a trabalhar com a reciclagem: “Foi muito sofrida, né? Não conhecia ninguém. Aí conheci o pessoal que mexia com reciclagem, me infiltrei perto deles, comprei uma carroça e continuei minha vida até hoje”.

Apesar das dificuldades enfrentadas, Ronaldo Adriano fala com orgulho de como sua vida melhorou, após ter chegado à Capital Federal.

Melhorou mil vezes. Porque lá na Bahia cê trabalha que só e não consegue nada. Aqui cê trabalha no lixo e ainda cê consegue alguma coisinha, dá pra você comprar uma televisão, um som... algumas coisas. Igual eu tô te falando, lá o que a gente conseguia só dava pra comer. A gente não tinha o sonho de ter uma bicicleta, uma televisão porque lá a gente não tinha emprego. Pegava 5 real, 10 real já ia caçar o que comprar pra comer. Aqui é bem mais fácil porque aqui foi onde eu consegui umas besteirinha, né? Não consegui muitas coisas, né? Mas o pouco que Deus me deu eu tô satisfeito.

Ao olhar para a filha, que em Brasília não enfrentou o mesmo sofrimento que ele, durante a infância na roça, Ronaldo comenta animado: “Essa galegonia aí ó, só engordando. Em Brasília engorda, viu! Engorda porque a gente vai no verdurão, traz a verdura, essas coisas, né? Muita coisa a gente arruma”.

Com relação à melhoria de vida após a chegada na capital, outras situações podem ser observadas, como no caso do seu Hélio, que declara que a sua condição: “Em parte melhorou, porque, lá a gente tinha de trabalhar no mais pesado pra sobreviver e aqui não. Aqui foi com o restaurante e já mudou assim a maneira de ser”.

Em outro momento, a partir de uma outra lógica de análise, seu Hélio relata com indignação:

[...] é aquele tal negócio: quando tava no auge da coisa mesmo tava bom, tava bem melhor. Mas o governo nunca deixou a gente sobreviver direito, não. O governo sempre quando a gente pensava que tava levantando chega um e derruba aquilo ali, desestrutura a gente todo, a gente sai do rumo, o que você tem você gasta e ... num melhorou, melhorou naquele auge.

Ao compararem a vida em Brasília à que levavam na roça, os catadores consideram que houve uma melhoria em suas condições de sobrevivência após chegarem à Capital Federal. No entanto, ao analisar somente as condições atuais, de forma isolada, fazem uma declaração crítica sobre a sua insatisfação, como pode ser percebido na fala do seu Hélio. Desse modo, é importante saber em relação a que consideram boas as condições de vida em Brasília, pois ao mesmo tempo em que são melhores do que as deixadas para trás, na cidade natal, estão aquém

das condições por eles esperadas e daquelas consideradas básicas para uma sobrevivência digna.

Além disso, fica claro na fala de seu Hélio a contradição das ações do GDF e a sua ineficiência, uma vez que as políticas, que visam afastar essa população das áreas nobres da cidade, sem oferecer uma alternativa viável para esses trabalhadores, como será visto adiante, os empurram cada vez mais rumo à exclusão.

Ronaldo Adriano, apesar de constatar que sua vida de fato melhorou em relação às condições em que vivia na Bahia, relata a sua decepção com a realidade encontrada em Brasília:

Não era o que eu imaginava, porque a gente morando dentro do mato, no Cerrado, aí até hoje eu to morando, né? Porque num consegui um bom emprego pra sair daqui. Um emprego bom pra gente comprar uma casa, uma coisa assim.

O relato desse trabalhador deixa claro que a única opção viável de moradia encontrada por ele foi o “Cerrado”. No entanto, demonstra insatisfação com essa realidade e o desejo de sair dali, mas a falta de recursos financeiros não permite que alcance esse objetivo.

No meio do “mato”, os catadores vivem em condições precárias e sujeitos a toda a sorte de acontecimentos. Preferem esses espaços, no entanto, por eles oferecerem a possibilidade de esconderijo em meio à vegetação.

[...] esta Capital é hoje habitada por populações pobres que, para viverem em seu seio, especialmente no Plano Piloto, fazem de tudo para se tornarem invisíveis. Escondem-se no cerrado, em buracos sob viadutos (ou ao lado de passarelas), ou perambulam de um lugar a outro com a intenção de disfarçarem a sua condição de ocupantes ilegais de espaços públicos nobres. (PEREIRA, 2008, p.15).

Essa opção, segundo os catadores, apresenta vantagens e desvantagens, uma vez que, ao ficarem escondidos, estão, em parte, protegidos das freqüentes ações de remoção do governo, ao mesmo tempo em que, por não serem vistos, não recebem doações daqueles que costumam ajudar essa parcela da população.

Foi observado, ao longo da pesquisa de campo, que os “moradores do Cerrado” criaram uma alternativa para driblar o não-recebimento de doações. Em épocas específicas como Natal, Páscoa e Dia da Criança, membros de uma mesma família – normalmente a mulher e os filhos mais novos - montam barracas simples de lona, em áreas movimentadas da cidade

apenas com o intuito de receber as doações, muito comuns, em períodos festivos. Normalmente, os homens e os filhos mais velhos ficam na invasão tomando conta dos pertences e do barraco da família.

Na Capital Federal, Dona Luzineide também encontrou em invasões, a única opção de moradia. Morou primeiramente em frente ao Parque Olhos D'água e em seguida passou a viver na "Invasão da Colina", local que, diferente do primeiro, não oferece vegetação para que ela se proteja e esconda o seu barraco. Ela explica as razões dessa mudança:

Eu vim ali pro Olhos D'água, mas eu não gosto muito dali. Aí eu vi que aqui era mais sossegado, aí comecei a trabalhar por aqui, aí eu gostei daqui, mas tô quase me desgostando de novo, porque que todo dia... quase todo dia tem que andar correndo com as coisas pro pessoal do Governo não levar.

Em busca de melhorias, o catador em situação de rua está sempre disposto a mudar de invasão dentro da própria cidade para fugir do governo e buscar melhores condições de moradia. Em uma pesquisa realizada por Araújo & Bursztyn (1997) com moradores de rua, foi identificado que ao chegar à Brasília os migrantes primeiro se abrigam em lugares próximos à entrada da cidade e apenas após observarem a dinâmica local se adentram às brechas que os aproximam do centro, fonte de materiais recicláveis.

Seu Hélio chegou a Brasília há 49 anos e ajudava os pais trabalhando no restaurante da família. Até chegar à Invasão do Iate, onde reside atualmente, ele morou e foi retirado de inúmeras invasões, como pode ser observado no relato abaixo:

Olha, eu morei, em primeiro lugar, em uma vila que não existe mais, que era a Vila Mauri. Talvez o governador de Brasília nem conheceu. Então, onde é a água do lago hoje. A gente foi retirado de lá pro Gama, Taguatinga e Sobradinho. Quem não quis esse lugar como foi igual nós, que nós tinha restaurante, nós fomos pro Núcleo Bandeirantes e compramos um local lá na cidade. Depois morei na Vila do IAPE, morei no CEUB, onde é o Autódromo hoje, era uma invasão, morei lá também. Morei L2 Sul, Avenida das Nações Sul. Em frente o Zoológico, que onde é uma área do ... canteiro do metrô hoje. Morei perto do Pelezão... Isso invasão, né? Agora nas cidades-satélites eu morei quase todas, só não no Gama. No resto morei em todas. (Hélio Marques de Sousa).

Assim como seu Hélio, dentro das grandes cidades é notável o número de pessoas ou grupos de pessoas, que sem endereço fixo, moram em áreas públicas mudando de um lugar para outro em busca de melhores oportunidades. Acostumados a essa realidade, possuem grande habilidade em refazer os seus barracos e adaptam-se rápido aos diferentes espaços.

Buarque (1997) nomeou de “modernômades”, os perambulantes da modernidade, que vagam por ruas, cidades, países e até mesmo continentes sem destino fixo.

Dona Luzineide saiu da cidade de Missão Velha, no Ceará, para viver em Juazeiro da Bahia e há 15 anos deixou esta cidade para catar resíduos sólidos em Brasília. No entanto, ela desviou o seu trajeto e foi morar em Brasilinha pelo seguinte motivo:

[...] quando eu cheguei minha irmã não tava aí que o pessoal do Governo tinha tirado os barraco. Ela tava em Brasilinha. Eu não conhecia Brasilinha, não. Aí uma colega dela foi e... Eu falei que eu era irmã dela e ela me deu o endereço. Aí eu fui pra lá e de lá a gente veio trabalhar aqui.

Em Brasilinha “[...] trabalhava em casa de família, em roça”. No entanto, a família cresceu e as oportunidades na cidade diminuíram. Diante das dificuldades ela migrou novamente, mas dessa vez, do Goiás para o Distrito Federal, onde gostaria de ter ficado inicialmente. Fechou as portas de sua casa e seguiu com os filhos e netos rumo ao desconhecido em busca de uma vida melhor, na tão sonhada Capital.

Dona Luzineide passa temporadas em Brasília, onde realiza o trabalho de coleta, separação e venda de materiais recicláveis. Atividade essa que não conseguiu desenvolver em Brasilinha, uma vez que “Lá, se você for pra lá pra trabalhar disso aqui cê passa é fome. Porque tem muita gente que já cata. Num dá nem pra eles sobreviver[...]”. (Luzineide).

Quando dona Luzineide consegue juntar uma boa quantia de dinheiro retorna para sua casa em Brasilinha<sup>11</sup>, onde fica durante alguns dias, como pode ser observado na fala abaixo:

Eu venho só trabalhar e quando eu arrumo o dinheiro eu volto. Eu fico aqui, mas eu tenho casa em Brasilinha. A gente fica aqui. No dia que arruma dinheiro que dá pra viver lá a gente vai. Vai pra lá quando acaba volta de novo. (Luzineide).

Assim como dona Luzineide, uma pequena parte dos catadores que integram a população de rua de Brasília possui moradia em cidades-satélites ou municípios do Estado de Goiás. No entanto, sem oportunidades de emprego nessas localidades e sem condições de pagar passagem para vir trabalhar em Brasília e voltar diariamente para casa, encontram nas ruas a única opção viável de moradia.

---

<sup>11</sup> Brasilinha é como é conhecida a cidade de Planaltina de Goiás.

O tempo que Dona Luzineide passa em Brasília está cada vez maior, já que as freqüentes “remoções”<sup>12</sup> do Governo a impedem de juntar dinheiro para passar temporadas em Brasilinha.

Minha vida só não melhorou por causa que eu não tenho sossego. Se não tô em casa, em Brasilinha, o pessoal me rouba, se tô aqui o pessoal do Governo vem e carrega também. Aí, desse jeito eu nunca vou ter nada. Esse mês mesmo que passou, eles vieram umas duas vezes ou foi três. E falaram que a próxima vez agora vai levar é tudo. Vai deixar só com a roupa que tá vestido.

Abatida pelo cansaço, dona Luzineide desabafa: “Eu vim caçar uma vida boa, mas também não achei, né?” Apesar do sofrimento diário e do constante recomeçar - que marca a vida de quem vê freqüentemente tudo o que tem ser levado em cima de um caminhão do Governo, ou simplesmente enterrado – ela afirma:

Eu acho melhor que Brasilinha, porque aqui tem ao meno emprego e lá não. Se for pra lá cê vai ficar só sentado ou então andando pra cima e pra baixo. É o que o pessoal faz lá. Nos bairros, né? Porque nas ruas tem alguém que trabalha. Aqui só o que é mais difícil mesmo, só esse negócio do Governo e o frio, que a gente passa frio, é sol, é tudo. (Luzineide).

Dona Luzineide, em sua fala, confere importante papel ao trabalho. Trabalhar com a catação significa para ela ser autora de sua própria história, uma vez que possui os meios para desenvolver um trabalho digno, que gera o sustento de toda a família.

[...] o trabalho é elemento integrante da vida das pessoas, seja, na sua forma assalariada, ou não; pois, vive-se em uma sociedade em que é o trabalho que possibilita a construção de uma identidade, não só profissional como também pessoal, além de ser meio de reconhecimento e de valorização social. O trabalho tem um significado essencial no universo da sociabilidade humana, ele não é apenas meio de vida, ele forma a identidade da pessoa e a sua profissão caracteriza o seu modo de vida. (MEDEIROS e MACÊDO, 2007, p.76).

Trabalhar é motivo de orgulho para os catadores:

Olha, eu acho que é o seguinte: todo trabalho é digno, desde que seja ... Eu to ajudando primeiro a mim e segundo a natureza que a gente tá fazendo assim uma limpeza, né? E eu acho que é importante em tudo. Eu acho que a reciclagem é muito importante em todos os aspectos. (Hélio).

Ao mesmo tempo em que seu Hélio ressalta a importância do seu trabalho não apenas para ele, mas para a sociedade como um todo e a sua contribuição para o meio ambiente, destaca também a humilhação por ele sofrida: “O ponto negativo da profissão é a gente ser

<sup>12</sup> Este tema será desenvolvido mais adiante, no item 5.4. Uma vida de instabilidade

tratado como indigente. Como assim menosprezado. A gente se sente muito menosprezado por a gente viver nesse serviço”.

Sawaia (2006) ao falar sobre os dados de sua pesquisa acerca do sofrimento como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão afirma:

[...] o sofrimento gerado pela situação social de ser tratado como inferior, sem valor, apêndice inútil da sociedade e pelo impedimento de desenvolver, mesmo que uma pequena parte, o seu potencial humano (por causa da pobreza ou em virtude da natureza restritiva das circunstâncias em que vive), é um dos sofrimentos mais verbalizados. E o que é mais importante, na gênese desse sofrimento está a consciência do sentimento de desvalor, da deslegitimidade social e do desejo de “ser gente”[...] (SAWAIA, 2006, p.109).

Os sentimentos que envolvem a profissão de catador e o trabalho com o lixo, estão envoltos em um emaranhado de ambigüidades e paradoxos que convivem simultaneamente. A começar pelas próprias características dessa atividade:

Não é um serviço limpo, a gente faz limpeza, mas não é limpo. (Hélio).

Acerca dos pontos positivos e negativos da profissão, os catadores destacam:

Assim, positivo, mesmo assim, eu fico até em dúvida de falar, mas, eu acho importante porque é serviço honesto, apesar de muita discriminação é o serviço da onde a gente tira o sustento, da onde tira com que comprar uma roupa, um calçado, um material escolar pros filho. Então eu acho importante, todo dia eu peço a Deus força e coragem pra todo dia eu levantar com disposição pra trabalhar. Então eu acho importante isso. Negativo, tem vários, uma que eles implicam muito com catador, o Governo. Carroça mesmo a gente perde muito. Às vezes, a gente nem tem pagado o cavalo que a gente comprou, igual como já aconteceu com nós mesmo, e perde, aí você vai ter que se virar pra pagar ou até comprar outro fiado pra você pagar aquele que já perdeu. Então isso eu acho muito negativo do Governo. Têm muitos que não quer trabalhar, mas têm muitos pais de família que precisam trabalhar e é desse trabalho que a gente sobrevive. (Solange).

Eu acho meu trabalho bonito que eu trabalho pra mim mesmo não ando agüentando abuso de ninguém. Negativo só esse negócio mesmo deu trabalhar e perder meu material. Perder tudo. Porque você tá trabalhando já pra ver se consegue alguma coisa na vida, o governo vai e manda levar tudo! (Luzineide).

De bom mesmo não tem nada, porque tudo que a gente faz aqui só dá pra gente comer. E o que eu consegui até hoje é esse carrim aqui, carrim véi. É fazendo minhas economias, que as vez a gente vende o material, dá 300 real, aí a gente pega guarda 100, guarda 200, faz a feira, a gente vai fazendo economia, pra sempre conseguir alguma coisinha de objeto. Negativo... ah, a gente vevi nessa vida porque é o jeito, mas ninguém gosta não. (Ronaldo Adriano).

A forma com que percebem o seu trabalho é marcada por sentimentos muitas vezes contraditórios, mas que nem por isso deixam de ser complementares na construção de sua percepção acerca da sua própria realidade.

Vale ressaltar que o trabalho com o lixo não tem uma única representação ou sentido, ou é dotado de características ruins ou de características boas. Ele abarca tanto aspectos positivos como negativos ao mesmo tempo, por isso a relação dos catadores com o lixo é ambígua, refletindo a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação. (MEDEIROS E MACÊDO, 2007, p.86).

#### **4.4 A sobrevivência no lixo**

“Isso é lugar de nós viver? Num é digno. Num tem uma área limpa”. (Hélio de Souza).

A escolha do local para viver envolve diversos fatores como: a sensação de segurança, o espaço de pasto para os animais e para a separação dos resíduos, e a proximidade dos locais de coleta.

Aqui é mais próximo pra gente trabalhar, porque eu trabalho aí na UnB. Pego reciclagem daí da UnB, aí fica mais perto pra gente, né? A gente tem os cavalos, a carroça, aí a gente trabalha aqui mesmo. Mais perto do trabalho a moradia. (Ronaldo Adriano).

No entanto, apesar de buscarem espaços que ofereçam melhores condições de vida e um pouco de tranquilidade para a família, são inúmeros os problemas enfrentados pelos moradores das invasões que circundam o Plano Piloto.

Sobre o modo como vivem na “Invasão do Iate”, Ronaldo Adriano conta que “cada um tem seu barraquinho, tem sua carroça, tem sua família e trabalha separado”. No entanto, apesar dessa separação, os catadores que moram em uma mesma invasão, buscam formar pequenos agrupamentos, onde um ajuda o outro no que for preciso. É a partir dessas relações que os catadores constituem verdadeiras redes formadas por núcleos familiares, que se auxiliam no dia-a-dia colaborando com a segurança do grupo, alimentação e lazer.



**Imagem 26. Foto tirada por Ronaldo Adriano do seu vizinho.**

Acerca da imagem anterior Ronaldo comenta:

Esses são uns amigos, que a gente tem, que trabalham com a reciclagem também. Um vai ajudando o outro. As vez, falta um café no meu barraco, aí eu vou lá na casa dum cunhado meu, na casa dum vizinho, eles me arrumam o açúcar. Também eles vêm e eu arrumo pra eles. É assim.

No caso específico da “Invasão do Iate”, a segurança é uma preocupação constante para os catadores, já que o roubo de cavalos – utilizados para a tração das carroças que auxiliam na locomoção dos catadores – é freqüente. Além disso, segundo afirmaram nas entrevistas, ali funciona um ponto de tráfico de drogas.

Os catadores dormem e acordam preocupados com os seus animais e relatam que qualquer barulho é motivo para despertar e sair para ver o que se passa.

A gente vevi uma vida de louco, sabe? Não dorme direito. De noite os cachorros latem, a pessoa já dá um pulo da cama pensando que é vagabundo. Às vezes o cara tem uma televisão véa, já fica com medo do cara vir roubar ou matar por causa disso. Eu tenho uma luz ali, boto outra aqui, mas aqui mesmo assim ainda fica tudo escuro. A gente aqui é desse jeito, a gente não sei, não vi, não sei quem foi. Cada qual vevi sua vida. Quem quiser roubar pra lá, quem quiser usar drogas, quem quiser fumar, faz pra lá. Minha vida aqui é eu minha família aqui, eu vivo do meu serviço. (Ronaldo Adriano).

Os catadores que residem em invasões buscam adaptar-se da melhor maneira possível aos espaços em que vivem e de forma criativa utilizam os recursos locais a seu favor. Apesar dos imprevistos e das tentativas de melhorarem as condições de vida na invasão, a infraestrutura nesses espaços é mínima: os banheiros são improvisados, assim como os locais em que tomam banho e preparam a comida.



A água e a energia são considerados recursos preciosos e na “Invasão do Iate”, os moradores recorrem aos famosos “gatos” para obtê-los. Existe a consciência de que esse tipo de ação é ilegal, mas a lei da sobrevivência fala mais alto:

Rapaz, isso é uns gato que o pessoal fizeram aí. Água e energia é tudo clandestino. Tudo um crime, né? (Ronaldo Adriano).

Olha, a água vem de uma vazante por aí, não sei onde. Mas eu pego do vizinho, né? (Hélio).

Dona Luzineide, moradora da “Invasão da Colina”, consegue água em uma escola que fica perto do seu barraco e algumas vezes na Prefeitura da UnB. Apesar de possuir uma televisão dentro do seu barraco, doada por uma “senhora”, não possui energia.

Tanto na “Invasão do Iate”, “quanto na “Invasão da Colina”, os catadores vivem cercados por lixo e por todos os infortúnios que esse fato traz. O lixo - tão rejeitado pela maioria da população, que consome e descarta os restos, para que sejam levados para bem longe do alcance dos olhos – é considerado nesse espaço, algo familiar e fonte de sobrevivência.

Sobre as condições do espaço em que vivem relatam:

É precária. É bastante ... Pode-se dizer ... falta limpeza, né? A área aqui é meia tumultuada de sujeira. Por causa do catador de lixo, essas coisas, aí vai juntando essa sujeira. Mas o resto, excelente. (Hélio).

Eu acho bom. Num pode fazer nada [...]. (Cleydson).

Seu Hélio reconhece a precariedade do local em que vive e ao mesmo tempo considera que, tirando o fator “sujeira”, o local é excelente para viver. Cleydson, em sua fala, destaca o seu contentamento com o local de moradia. No entanto, ao declarar que não pode fazer nada, ele deixa transparecer que tal satisfação deve-se, em grande parte ao fato de não ter condições de morar em um local melhor com a família. Sente-se impotente diante de suas próprias condições de vida e conforma-se com a opção que possui.

As condições de higiene são precárias, principalmente, pela quantidade de lixo ali acumulado, que atrai uma grande quantidade de insetos e bichos peçonhentos. As moscas, atraídas pelos resíduos orgânicos e por fezes – dos animais e algumas vezes humanas -, já não incomodam mais.

Durante o trabalho de campo, uma das crianças foi picada por uma aranha enquanto dormia. Esse fato ocorreu numa noite em que toda a família teve que dormir ao relento após ter o seu barraco destruído pelos Agentes do Governo e não ter para onde ir.

Em outra ocasião, todos os membros de uma mesma família apresentavam feridas e manchas na pele. Sem saber, ao certo, a origem do problema, suspeitaram de algum inseto. Casos como esse geram uma grande preocupação em todos, mas o sentimento que parece sobressair é o de impotência, que envolve principalmente o fato de não poderem deixar aquele espaço e de sua sobrevivência depender da exposição de todos os integrantes da família aos riscos que o lixo oferece.

Outro fator que afeta a saúde dos catadores é a fumaça proveniente da queima dos resíduos que não podem ser encaminhados para a reciclagem. Essa é uma prática comum entre esses trabalhadores. No entanto, os gases emitidos a partir dessa queimada são altamente tóxicos e prejudiciais tanto ao meio ambiente, quanto aos seres humanos e animais. A esse respeito, Ronaldo Adriano descreve a sua preocupação:

Às vezes, também esse lixo causa muita doença, que vem coisa de hospital que a gente traz enganado, né? Aí bota pra queimar e sente o cheiro. Nossa, tudo isso polui. Esse lixo que a gente queima aqui mesmo, na verdade, acho que é pior do que a pessoa usar droga.

Ainda sobre a fumaça, sua esposa descreve o que sente ao inalá-la: “A cabeça dói”. (Solange). Logo após essa declaração Ronaldo fala em um tom bastante sério:

Têm horas mesmo que ela tem umas dor de cabeça que eu fico preocupado. Ela não pode passar raiva aqui não. Medo, quando o cachorro late, meu amigo, de madrugada, essa neguinha dava pulo aqui. Vocês nunca vieram aqui de noite, não? (Ronaldo Adriano).



**Imagem 27. Fumaça gerada pela queima do lixo.**

Foto: Ronaldo Medeiros

Durante as entrevistas, poucos casos de doenças foram mencionados e não ganharam muito destaque na fala dos catadores.

Doença da família mesmo é só gripezinha na criança. Os meus quando pequeno tinham bronquite, pneumonia, essa doença do dia-a-dia. (Hélio).

A incidência de diarreias, nas demais famílias, é muito frequente. Esse fato deve-se à alimentação, que algumas vezes é proveniente do lixo, como relata Dona Luzineide:

Fome a gente não passa não porque aqui e acolá passa um aí e dá alguma coisa. Eu não vou dizer que a gente passa fome. Às vezes, a gente acha no lixo alguma coisa também e a gente vai vivendo.

Cleydson, ao falar das doenças que contraiu por meio do lixo, relata apenas o caso em que comeu uma pamonha estragada: “Peguei só uma doença só, que eu fui comer uma pamonha e fiquei ruim”.

Nos casos de disenterias, o remédio é, muitas vezes, encontrado nas árvores que os cercam. Seu Hélio, por exemplo, possui grande conhecimento sobre ervas medicinais e medicamentos naturais. Sempre que alguém passa mal, ele costuma colher a solução no próprio quintal, como o “olho da folha da goiabeira” ou utilizar-se de cascas de laranja pra fazer chá.

Ronaldo, em uma de suas falas demonstra a sua preocupação com a saúde de todos, uma vez que não fazem nenhum acompanhamento médico e em decorrência disso, segundo ele, podem ter algum problema de saúde por trás da aparência saudável.

[...] às vezes a pessoa tá forte tudo, mas não sabe o que a pessoa tem por dentro, né? Eu nunca fiz exame essas coisas, nunca fiz exame, não. A gente não sente nada, tá forte tudo, mas não sabe.

Também consciente dos riscos que corre ao trabalhar com o lixo, dona Luzineide relata:

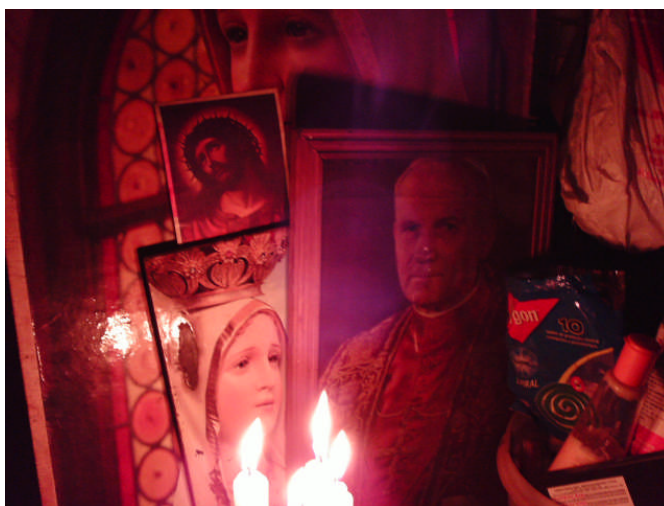
Eu mexo mesmo porque é o jeito, né? Mas né muito bom não. Que cê tá arriscado a pegar uma doença cortar os dedos, que nem eu já me cortei muito.

Os cortes são comuns, uma vez que nenhum dos catadores entrevistados utiliza material de proteção, como luvas, o que os deixa mais expostos a ferimentos e ao contato direto com materiais contaminados.

Na fala acima, dona Luzineide deixa claro que não gostaria de trabalhar nessas condições e só o faz porque é necessário, pois essa é a única opção de sobrevivência por ela encontrada.

O posto de saúde é procurado apenas em casos muito graves. Em uma das visitas do trabalho de campo, uma das catadoras sofria com dor de dente e tinha o rosto bastante inchado. No entanto, preferiu esperar a dor passar, a ter que enfrentar as filas e, muitas vezes, o descaso que sofre nos hospitais, principalmente por não possuir documentos.

Nesses momentos difíceis, só resta contar com a proteção divina, como no caso de dona Luzineide, que encontra na fé em Deus força para prosseguir.



**Imagem 28.** Foto tirada por Dona Luzineide dos santos que ficam dentro do seu barraco.

Ao falar sobre a fotografia acima, ela relata:

Aqui é a nossa mãe e o nosso pai. Tenho ela dentro do meu barraco, porque é aqui que eu rezo toda noite e, quando amanhece o dia, também agradeço por mais um dia. (Luzineide).

O seu relato acerca dos perigos que corre ao comer alimentos vencidos e estragados evidencia mais ainda a sua crença na proteção divina:

Deus ajuda. Já comi coisa vencida, mas a única coisinha que dá na gente de vez em quando é uma dorzinha de barriga que é doença de rico. (Luzineide).

A alimentação das famílias varia muito. Algumas conseguem, por meio do dinheiro proveniente da venda do material reciclável “fazer a feirinha” e com o suplemento das doações recebidas alimentar toda a família durante o mês. No entanto, outras famílias precisam encontrar no lixo o complemento para as suas refeições.



**Imagem 29. Foto tirada por Dona Luzineide do local em que prepara os alimentos.**

Sobre a imagem acima, dona Luzineide descreve:

Esse fogão é onde eu faço a comida para encher a barriga dos meus filhos. Às vezes, para um carro aí, dá alguma coisa pra você. Outras vez, cê vai catar um papelão e acha pendurado um arroz, um pouco de feijão, aí pronto.



**Imagem 30. Foto tirada por André Sousa do pai preparando a refeição para a família.**

Seu Hélio, fotografado por seu filho no momento em que fazia o almoço – como demonstra a Imagem 30 -, fala emocionado sobre a fotografia:

Aqui já é eu fazendo meu almoço no fogão, no chão. Panela é só duas, porque não tem mais nada pra por dentro. (Hélio).

Conhecedores dos pontos em que a abundância de alimentos é maior vasculham lixeiras de supermercados e “verdurões” a procura de comida. Alguns estabelecimentos que vendem frutas e verduras doam para esses trabalhadores alimentos que não são vendáveis, sob a condição de que eles alimentem somente os animais. Segundo os próprios catadores, os donos desses estabelecimentos têm medo que alguém passe mal. No entanto, eles correm o risco e separam parte dos alimentos para a família e a outra parte para os cavalos e galinhas.

[...] vinha buscar comida pros cavalos, que a gente tem que pegar comida também pros bichos, né? A gente compra ração, aí pega lavagem, pega verdura, pega tudo pra eles, é pra eles e pra gente também, porque a gente vai no verdurão, eles dá verdura e dá pros cavalos e tira algumas fruta pra gente também. (Ronaldo Adriano).

Para os que vivem na “Invasão do Iate”, o Lago Paranoá oferece um excelente complemento para as refeições: o peixe.





**Imagem 31. Peixes do Lago Paranoá.**

Foto: Ronaldo Medeiros

Esses peixes são do Lago Paranoá. No final de semana, quando a gente tá sem trabalhar, a gente pega os anzol e vai pescar. (Ronaldo Adriano).

Além disso, o lago é útil para dar banho nos cavalos e é uma ótima opção de lazer para os adultos e para as crianças, que se divertem ali com troncos, baldes e tambores, que servem de bóias. Durante o trabalho de campo, pôde ser observada uma manhã de lazer de uma das famílias no lago.

Conforme combinado, chegamos logo cedo à invasão para iniciar a pescaria. Fomos andando até o lago com a dona Cenira, esposa do seu Hélio, seus três filhos, com faixa etária de 11 a 16 anos e os três netos de 4, 3 e 2 anos de idade. Seu Hélio ficou em casa para preparar o baião de dois que comeríamos com os peixes. Os meninos estavam bem equipados com varas e anzóis. Todos estavam muito animados. Com uma rede improvisada, pegaram rapidamente dezenas de piabas que serviriam de iscas para pegar os peixes maiores. Eu e dona Cenira ficamos sentadas em um papelão, embaixo de uma frondosa mangueira observando a concentração dos garotos - já dentro do lago, com água até a cintura, empunhando suas varas. Enquanto isso, as crianças menores se divertiam na beira d'água. Muito tempo se passou e os meninos chegaram à conclusão de que o lago não estava para peixe, pois ventava muito naquele dia. Logo se jogaram na água e foram nadar e brincar com tambores - que já ficam estrategicamente na beira do lago, esperando por essas ocasiões. Ao final do passeio, fomos convidados para futuramente fazermos um piquenique embaixo da mangueira. Essa foi uma manhã muito especial. (Diário de Campo – novembro 2008).

As opções de lazer encontradas pelas crianças giram em torno das possibilidades que aquele espaço oferece. A preocupação dos pais com as crianças é nítida e está voltada principalmente para o contato com pessoas que julgam perigosas de dentro da própria invasão. Em virtude disso, costumam acompanhar os filhos nos momentos de lazer e preferem que eles brinquem sempre próximos ao barraco da família.

Os meninos ficam só brincando aqui mesmo, entre eles, cada qual no seu barraco. Às vezes, vai lá no lago, toma um banho e volta. (Ronaldo Adriano).



**Imagem 32. Crianças “brincando de piscina” em um domingo ensolarado.**

Foto: Victor Hugo Costa



**Imagem 33. Crianças brincando no parquinho da Colina.**

Foto: Luzineide de Moraes

Ao falar sobre a fotografia acima, dona Luzineide relata entusiasmada:

Aqui é a alegria dos meus filhos. Quando dá o final de semana, eles vão pro parquim brincar. Eles brincam lá direto, ninguém nunca brigaram com eles. (Luzineide).

Entre os adultos, o lazer se resume a passeios na casa da família ou no lago e ao jogo de futebol.

No final de semana, dia de domingo, tem vez que não tem nada para fazer, nós dá uma passeada pra casa da família. Mora um bocado pra Samambaia, outro pra Planaltina. Era quinze, morreu ... perdi uma tia e um irmão. O outro era mais véi que eu. Era o terceiro mais véi. O mais véi mora com minha mãe e o outro galego que tem vinte e quatro. (Cleydson).



Eu jogo futebol, jogo um futebolzinho. Vou com os meninos pro lago pescar. Essas coisas assim. Vou pra um clube, isso e aquilo não. Isso aí não existe comigo. Nunca existiu. Nem em tempo de jovem. (Hélio).

No caso de dona Luzineide ela declara que não possui momentos de lazer nem de descanso: “Nada. Só no sol quente mesmo”. (Luzineide).

As crianças dormem, acordam e brincam em meio ao lixo, que oferece riscos e novidades, como uma bicicleta velha, que pode gerar horas de brincadeiras e fantasias, que as levam, por alguns instantes, para longe dali.



**Imagem 34. Filha de Cleydson brincando com uma bicicleta encontrada no lixo.**

Foto: Cleydson Barros



**Imagem 35. Cleidiane em meio aos papéis.**

Foto: Cleydson Barros

Essa é a Cleidiane no meio dos papel, enquanto a gente separa o material. Minhas filhas são muito importante pra mim. (Cleydson Barros).

A importância que Cleydson atribui a sua família também pode ser observada no seio das quatro famílias que compõem o estudo. Esse valor pode ser percebido por meio das fotografias por eles tiradas e pelas falas que as acompanham.



**Imagem 36. Família de Cleydson.**

Foto: Cleydson Barros

Essas foto aqui são importante. Essa é a minha família. (Cleydson Barros).



**Imagem 37. Dona Luzineide e família.**

Foto: Luzineide de Moraes

Essa foto aqui significa muita coisa pra mim. São os meus filhos: a coisa mais importante que eu tenho na vida é eles. (Luzineide de Moraes).



**Imagem 38. Dona Cenira e a netinha de seu Hélio.**

Foto: Hélio Souza

Aqui é Dona Cenira com minha netinha embelezando o quintal. Dos 43 netos, têm três que moram aqui comigo. (Hélio).



**Imagem 39. Filho de Dona Luzineide.**

Foto: Luzineide de Moraes

Aqui é meu filho. Trouxe lá da Bahia com um ano e já vai fazer doze. Eu não tenho nada pra dá, dou pelo menos estudo pra ele. (Luzineide).



**Imagem 40. Filha caçula de D. Luzineide.**

Foto: Luzineide de Moraes

Ela é minha filhinha caçula. Já corri muito com ela do pessoal do Governo. Andava descarreirada, quando tava grávida e quando tava com ela novinha. Eu vivo, nesse sofrimento aqui, é modi eles. (Luzineide).

Além de descrever as dificuldades sofridas e o esforço para criar os filhos com dignidade, destaca-se na fala da dona Luzineide a preocupação que tem com a educação das crianças. A escola dos filhos é localizada perto da Invasão e esse é um dos motivos que a faz sempre voltar para o mesmo local após ser retirada, pois teme que as crianças sejam reprovadas por faltarem à escola. Além disso, considera a educação oferecida em Brasília melhor que à de Brasilinha.

Meus filhos tá estudando, os outros dois. Porque lá em Brasilinha nem isso! Meu filho passou o ano estudando lá e não aprendeu nada. E aqui, enquanto a gente tá aqui já sabe ler [...]. (Luzineide).

Apesar das condições precárias em que vivem e de pouco terem estudado, a preocupação com a educação das crianças é grande, como traduz a fala de Solange:

Eu acho a educação importante demais, porque na idade deles eu não tive oportunidade de estudar, tinha que trabalhar pra me manter e ajudar meus pais. Hoje, apesar de tudo, de todo sofrimento, eu prefiro trabalhar e eles estudar. É importante estudar.

Ela complementa a fala acima descrevendo as suas atividades diárias, que incluem a preparação das crianças para irem à escola.

A minha rotina aqui do dia-a-dia é: eu acordo às seis horas da manhã, faço café pro meu menino ir para a escola às sete horas, aí vou reciclar papel até umas onze e meia, aí vou ajeitar a Rosangela também pra ir já meio dia pra escola, que ela estuda à tarde. E é assim, o dia-a-dia é assim: um pouco no pé do chiqueiro, um pouco em casa e um pouco arrumando os meninos pra ir pra escola. (Solange).

A vida sempre dura desses catadores os obrigou a priorizar o trabalho desde cedo, já que a ajuda deles era fundamental para o sustento da família.

Trabalhar mesmo , trabalhar, não, mas ir pra roça ao menos ajudar meu pai a cavar os buraco pra plantar milho eu ia. Eu era maior do que ela aí, tinha uns nove anos (Luzineide).

Eu morei lá até 10 anos. Aí depois saí pro mundo pra trabalhar. (Ronaldo).

A infância minha foi... Com dez anos de idade minha mãe me ensinou a trabalhar e até hoje tô trabalhando. (Cleydson).

Minha infância foi trabalhosa, né? Assim, bem sofrida. Toda a vida é sofrida. Por exemplo, meu pai trabalhava de carpinteiro, pedreiro, nessa época que eu era pequeno, antes de vir para Brasília. Que eu vim pra cá com dez anos. (Hélio).

Desse modo, o estudo ficou em segundo plano, como pode ser observado nas falas abaixo:

Estudei aqui no Sudoeste, Cruzeiro Vêi e em Brasilinha. Até a primeira série, só. (Cleydson).

Eu estudei, mas não aprendi nada. Fiquei só na primeira mesmo. A gente estudava era ... meu pai colocava tipo uma professora particular lá na roça. Meu pai pagava. Quando tinha condições ele pagava, quando não tinha a gente ficava sem estudar. Se fosse tudo como é agora, tudo fácil como é agora eu tinha aprendido alguma coisa. (Luzineide).

Sei ler quase nada. Não tive colégio. (Hélio).

Estudei até a sétima série, também desisti. (Ronaldo).

Como pode ser observado nas falas a seguir, os catadores reconhecem a importância do estudo e atribuem, muitas vezes, a sua atual condição de vida ao fato de não terem estudado.

Meu estudo é pouco, eu não tenho estudo nenhum. Eu falo pouco é porque não tenho nenhum. É um jeito assim de quem não tem estudo e porque isso aí<sup>13</sup> não necessita de estudo então foi o que eu achei. Eu não aprendi outra profissão, então a gente tem que encarar isso. (Hélio).

Não, eu não acho boa não. Só tô nela mesmo porque eu não estudei e não tenho emprego. Só tô nessa vida mesmo por causa disso. Dentro do mato com os meus filhos. (Ronaldo).

Meu sonho mesmo é um serviço fichado, né, de servente. Se eu tivesse leitura, né? Se tivesse estudado mais, tinha trabalho em obra, né? (Cleydson).

Percebe-se nas falas acima uma forte tendência à culpabilização individual pela sua atual situação, que reflete o pensamento predominante da sociedade como um todo. Ao destacar a importância de se analisar a exclusão/inclusão de forma dialética, Sawaia afirma que:

A lógica dialética explicita a reversibilidade de relação entre subjetividade e legitimação social e revela as filigramas do processo que liga o excluído ao resto da sociedade no processo de manutenção da ordem social, como por exemplo o papel central que a idéia do nós desempenha no mecanismo psicológico principal da coação social nas sociedades onde prevalece o fantasma do uno e da desigualdade, que é o da culpabilização individual. O pobre é constantemente incluído, por mediações de diferentes ordens, no nós que o exclui, gerando o sentimento de culpa individual pela exclusão. (SAWAIA, 2006, p.9).

É válido ressaltar que o fato de não terem dado continuidade aos estudos está atrelado a uma série de fatores que ultrapassam, muitas vezes, o desejo individual, pois entram no campo das políticas sociais e da lógica perversa do capital que, atualmente, impossibilita inclusive àqueles que tiveram acesso à educação de ingressarem no mercado formal de trabalho.

---

<sup>13</sup> Referindo-se ao trabalho com o lixo.

## Capítulo 5

### A Sobrevivência do Lixo

---



## 5. A sobrevivência do lixo

### 5.1. Organização, trabalho e renda.

É no lixo, descartado e desprezado pela população, que milhares de catadores encontram a fonte de sua sobrevivência. É por meio de um trabalho árduo - que envolve grande esforço físico e horas de caminhada, sob sol ou chuva -, que esses trabalhadores recolhem os materiais recicláveis, realizam a separação e os vendem, para em seguida serem encaminhados à reciclagem.

Sem a intervenção dos catadores, esses materiais, seguiriam o curso normal e seriam levados pelos caminhões do Serviço de Limpeza Urbana – SLU e depositados, em sua maioria, no aterro do Jóquei, cuja capacidade de armazenamento encontra-se esgotada, uma vez que “[...] para ser um aterro controlado deveria estar no máximo quatro metros acima do solo, entretanto, está a 19 metros acima do permitido, somando 23 metros acima do solo”. (GENTIL, 2008, p.61). Na fotografia abaixo, pode-se ter noção da altura dos resíduos ali acumulados.



**Imagem 41. Aterro do Jóquei durante o segundo semestre de 2008.**

Foto: Marília Teixeira

O trabalho desenvolvido pelos catadores formais e informais encontra-se bastante organizado. Segundo Morin, “[...] para que haja organização, é preciso que haja interações: para que haja interações, é preciso que haja encontros, para que haja encontros, é preciso que haja desordem (agitação, turbulência)”. (MORIN, 1997, p.53). A organização dos catadores parte de uma situação de turbulência, que no caso desses trabalhadores é causada pela

perversidade do sistema capitalista, que ao lhes tirar as condições básicas de sobrevivência, obriga esses trabalhadores a buscar uma nova forma de viver e interagir por meio do lixo.

No caso do catador informal, é fundamental que ele se organize para desenvolver as suas atividades com êxito: planejar o trajeto diário ou semanal a ser realizado, com base em sua experiência da oferta de material reciclável na região; organizar os meios necessários e adequados para realização da catação – carroça, animal de tração, carrinho de peito, bags; orientar os membros da família na hora de estipular as funções de cada um e coordenar o processo de separação; controlar as quantidades e tipos de materiais coletados com vistas à realização de uma comercialização eficiente e gerenciar os ganhos financeiros.

A organização familiar é muito comum e imprescindível dentro desse processo, já que cada membro da família possui um importante papel para realização do trabalho, como relata Ronaldo Adriano: “Eu saio, arreo a minha carroça e vou pra rua trabalhar, trago o lixo na carroça, aí chego aqui, a mulher separa o branco pro lado, o papel misto pro outro, a latinha, os plástico. É tudo separado”.



**Imagem 42. Solange realizando a separação do lixo.**

Foto: Ronaldo Adriano

Ao falar sobre a imagem acima, Ronaldo Adriano destaca a importância do papel de cada um: “Essa é Solange, minha esposa. A gente trabalha na reciclagem. Eu trago o lixo e ela recicla. Cada um tem o seu papel. Acordou de manhã, cada um vai fazer o seu serviço pra se sustentar”.

Sobre o trabalho de separação que realiza, Solange descreve: “A separação é: branco prum lado, o pet pra outro, jornal pra outro, plástico, cada um no seu lugarzinho dividido. É separado porque cada um é um preço”. (Solange).



Assim como Ronaldo Adriano, no caso dos demais catadores, o envolvimento da família é nítido, uma vez que as esposas auxiliam na separação dos resíduos e os filhos ajudam em tarefas mais simples, como alimentar os animais ou, quando maiores, também, saem às ruas para coletar resíduos com o pai, como acontece com os filhos do seu Hélio. No caso de dona Luzineide, ela conta com os filhos mais velhos para ajudá-la.

A organização observada em cada núcleo familiar é percebida também na rotina dos catadores. Seu trabalho é normalmente intercalado entre a coleta nas ruas e a separação do lixo na própria invasão. Aqueles que possuem carroça costumam fazer várias “viagens” para coletar materiais recicláveis e levá-los para a invasão. Algumas vezes, ao depositarem os materiais na invasão iniciam o processo de separação, antes de partir novamente em busca de mais materiais.

Ah, o dia aqui era melhor de sair aqui era 8 horas, 9 horas. Dava 10 e meia eu já estava voltando pra casa. Quando era 4 hora, 3 e meia dava outra viagem, né? (Cleydson).

A jornada desses trabalhadores pode durar de 6 a 12 horas diárias, a depender do dia, incluído nesse tempo a coleta e a separação dos resíduos. A rotina de trabalho começa logo cedo e busca ser seguida diariamente pelos catadores, como pode ser observado na fala abaixo:

[...] você pode passar aqui quatro e meia da manhã que eu tô aí na beira do fogo fazendo um café. Quando tem, tô fazendo um chá. Aí quando dá cinco e meia, seis horas da manhã eu vou pra rua. Aí quando eu chego vou reciclar papel, colocar garrafa num canto, jornal num outro, papelão num outro. Só eu mesmo pra reciclar. (Luzineide).

Dona Luzineide demonstra preocupação e consciência com o ambiente público ao declarar na fala abaixo a sua indignação com algumas situações por ela encontrada nas ruas:

[...] mas quando chega na rua cê só vê bagunça nas lixeiras: é lixo derramado; é tudo; é besteira na rua que o pessoal faz, erra os banheiros e vai fazer das lixeiras banheiro. Pior imundice! Tem lixeira que eu nem mexo de tanta imundice que o pessoal faz. (Luzineide).

Cleydson, ao falar de sua rotina, demonstra a mesma indignação em relação àqueles que costumam rasgar os sacos de lixo e derrubar resíduos no chão:

Rasgava lixo não. Aí, como o rapaz andô rasgando lixo aí, o rapaz disse que se pegasse levava pra delegacia com carroça e tudo. Aí sai tudo pra fora, tudo rasgado. Aí quando o caminhão de lixo chega pra encostar, pra jogar o

lixo dentro do caminhão tá tudo rasgado. Aí tem que arrumar tudo no chão. Agora, se pegasse direitinho, não rasgasse o saco, aí podia pegar, né? Agora por causa de um... (Cleydson).

A rotina dos catadores é variável, uma vez que fatores externos influenciam e alteram o planejamento diário de cada catador, como: a chuva, o medo de perder os animais e as ações de remoção do Governo.

No relato de Cleydson pode-se observar que ele se refere à sua rotina empregando o tempo passado: “aqui era”, “já estava”. Esse fato deve-se a alteração que ele teve de fazer em sua rotina ao perder um de seus cavalos, que foi apreendido pelos agentes do Governo poucos dias antes da entrevista. Diante dessa circunstância, ele passou a trabalhar à noite - horário em que os agentes não trabalham - para evitar a perda de outro animal.

Com relação às ações de erradicação de invasões pelo GDF, que serão tratadas no “item 5.4”, os catadores, ao menor sinal de uma ação desse tipo, evitam deixar os seus barracos para proteger os bens materiais e as crianças. Desse modo, esse é um dia em que ficam impossibilitados de trabalhar. Além disso, após essas ações a prioridade é a reconstrução do barraco, ficando, assim, a rotina de trabalho prejudicada.

Seu Hélio, devido a alguns problemas de saúde, reduziu a sua jornada de trabalho, que anteriormente durava praticamente o dia inteiro.

Eu trabalho de cedo até mais ou menos 11 horas, porque o sol é muito quente e eu não tô podendo andar na rua. Eu tenho problema de pressão, eu tive um derrame no ano passado, então de lá pra cá eu não tô podendo muito pegar sol, então eu tô assim: até 10 horas 11 horas eu venho pra casa, às vezes, eu saio na boquinha da noite também. (Hélio).

O percurso percorrido pelos catadores tem em comum a Universidade de Brasília, onde todos coletam materiais recicláveis diariamente. No entanto, as demais rotas se diferenciam em alguns pontos, pois são traçadas de acordo com a possibilidade de locomoção de cada catador e com os instrumentos de trabalho disponíveis.

Os catadores, que possuem carroça, costumam percorrer, além do *Campus*, as quadras residenciais da Asa Norte e alguns prédios que ficam próximos ao Setor Comercial Sul. No caso de dona Luzineide, que só possui carrinho de peito, ela percorre o *Campus* Universitário e as quadras mais próximas ao seu barraco. Seu Hélio, como já foi dito, cata latinhas, principalmente na Casa do Estudante.



**Imagem 43. Balão na Asa Norte próximo aos locais de coleta.**

Foto: Ronaldo Adriano



**Imagem 44. Prédio em que Cleydson costuma coletar materiais recicláveis.**

Foto:Cleydson Barros

A diversidade de materiais coletados é grande:

A gente cata papelão, papel, plástico, essas coisas, pet... O que a gente acha vai trazendo. Quinze anos nessa loucura aí. (Ronaldo Adriano).

É o papelão, plástico, garrafa, papel branco e jornal, só. (Cleydson).

Olha, eu colete é papel branco, latinha no mínimo, metal essas coisas assim. (Hélio).

É pet, é plástico, tudo, papelão, papel branco... (Luzineide).



**Imagem 45. "Chiqueirinho" com papel branco.**  
Foto: Ronaldo Adriano



**Imagem 46: Embalagens Tetra Pak.**  
Foto: Ronaldo Adriano



**Imagem 47: Latinhas.**  
Foto: Luzineide Morais.



**Imagem 48. Garrafas PET.**  
Foto: André de Souza

A renda dos catadores que compõem a pesquisa é proveniente apenas da venda dos materiais recicláveis, com exceção do seu Hélio, que precisa fazer bicos para complementar o rendimento.

Aqui mesmo eu trabalhando por minha conta, se não for a ajuda de um ou de outro eu num tava sobrevivendo. Eu, às vezes, tenho que parar, tem que fazer um servicinho fora, assim que eu dê conta. Pessoa tá precisando de um serviço meu se eu der conta de fazer eu faço, que é pra ajudar, porque só da reciclagem não dá não. (Hélio).

Outra opção de complemento da renda foi encontrada pela esposa de um dos catadores, que fazia artesanalmente cortinas de garrafa PET para vender. No entanto, parou de vendê-las, como descreve no trecho abaixo :

Joana mostrou orgulhosa a cortina que estava fazendo de garrafa PET e declarou que sabia fazer de vários modelos, assim como de anel de latinha. Disse que em Cristalina, eles trocavam os artesanatos que produziam por sacos de comida ou outros objetos, mas que no Plano Piloto não valia a pena vender, pois o máximo que conseguiria era cinco reais e não valia à pena. (Diário de campo, dezembro de 2008).

É importante ressaltar que os catadores que integram a pesquisa não recebem nenhum auxílio de programas governamentais, por não possuírem endereço fixo e, em alguns casos, documentos pessoais. Um importante complemento da renda familiar - mas que não é garantido - são as doações, que freqüentemente recebem.



**Imagem 49: Carroça carregada com materiais.**

Foto: Cleydson Barros.

O valor auferido por cada família com a venda dos materiais recicláveis é variável:

Ah, a renda aí é 300 real, 400. Vendi um papel semana passada aí e deu só 240. (Cleydson).

Tem vez quando tem desconto aí dá 100, 110 por quinzena. (Luzineide).

A variação na renda mensal depende de vários fatores, como: o preço dos materiais; a quantidade de horas trabalhadas; a frequência das “retiradas” do governo; a qualidade do material e até mesmo a sorte de chegar nos locais de coleta antes do caminhão de lixo.

Vale destacar, ainda, o impacto negativo que a crise financeira mundial (2008–2009), teve sobre o preço dos materiais recicláveis, onde o principal atingido foi o catador.

A crise generalizada afetou o setor da reciclagem, que em todo o mundo tem preços ditados pela Bolsa de Valores de Londres. As commodities de materiais recicláveis (aparas de papel, sucata de ferro e plásticos) são classificadas como mercadorias primárias, ou matérias-primas, que têm seu preço cotado e negociado de forma global. Isto significa que os materiais coletados pelos catadores têm preços, são negociados em vários países e estão sujeitos às variações que as indústrias praticam ao redor do mundo, cotadas em dólar. (BOLETIM IPEA, 2009, p.55).

O valor de cada material caiu bruscamente, como pode ser constatado na tabela abaixo:

**Tabela 2: Queda no preço dos materiais recicláveis após a crise financeira.**

Material	Setembro/08	Janeiro/09
Papelão	R\$ 0,47	R\$ 0,12
Papel Misto	R\$ 0,15	R\$ 0,01
Papel Branco	R\$ 0,47	R\$ 0,30
Ferro	R\$ 0,42	R\$ 0,16
Pet	R\$ 1,20	R\$ 0,35
Latinha	R\$ 4,00	R\$ 1,30

Fonte: O Trecheiro: Notícias do Povo da Rua. Ano XIX - Fevereiro de 2009 – N ° 174 e Boletim IPEA, 2009, p. 56.

A tabela abaixo apresenta o percentual da queda sofrida por cada material entre os períodos de setembro de 2008 a janeiro de 2009. Esse cálculo foi feito com base nos dados da tabela anterior.

**Tabela 3. Percentual da redução dos preços dos materiais recicláveis de setembro de 2008 a janeiro de 2009.**

<b>Material</b>	<b>Redução %</b>
Papelão	(74,47)
Papel Misto	(93,33)
Papel Branco	(36,17)
Ferro	(61,90)
Pet	(70,83)
Latinha	(67,50)

O impacto dessa redução foi sentido por todos os catadores, mas principalmente por aqueles que não se encontravam organizados.

Se a situação dos catadores nas organizações foi difícil, a dos catadores que trabalham individualmente foi ainda pior. Sem ter acesso a equipamentos que gerassem escala de produção, estes catadores tornaram-se presas ainda mais frágeis durante a crise, que promoveu a fome e o desespero. (BOLETIM IPEA, 2009, p.56).

Sobre os impactos negativos da crise, dona Luzineide comenta:

Aqui, o que a gente tira, as vez, quando dá certo. Aliás, tirava, né? Porque agora tudo baixou. Papelão tá de 10 centavos, 6 centavos. Aliás, já baixou. A latinha tá ... tem gente que paga 1 real e 20. Só o papel branco no palmo que tá dois real, o palmo. A gente quase não tira nada, só ajuntando tudo. O material tudo. Aqui acolá, cê faz uns 150, quando o Governo deixa, né?

Esse novo cenário obrigou os catadores a trabalhar mais horas diárias, para conseguir ganhar o mínimo necessário para sustentar a família, o que em alguns casos não foi possível. Esse fator atrelado às “retiradas” do Governo – que serão tratadas mais detalhadamente no item 5.4 – geraram uma situação de calamidade entre os catadores, que chegaram a passar fome durante dias.

## **5.2. O reflexo da impotência**

A venda de materiais recicláveis, no caso dos catadores informais, ocorre mais comumente de três maneiras. A primeira delas refere-se ao catador que possui condições e mobilidade que o permita vender o seu material diretamente na empresa de materiais

recicláveis. Nesse caso, o catador consegue um preço melhor que o auferido nas demais opções de venda.

A segunda, e mais comum, é quando o catador vende os seus materiais para um pequeno ou médio sucateiro, que por sua vez, venderá o material comprado, com uma boa margem de lucro, para a empresa de materiais recicláveis. A terceira ocorre quando as empresas de materiais recicláveis encaminham um representante, que passa nas invasões para recolher e comprar o material dos catadores. Nesse caso, os valores oferecidos pela empresa são inferiores aos pagos nas compras realizadas no próprio estabelecimento.

Essas três situações podem ser representadas pela figura abaixo:



**Figura 3. Cadeia da venda de materiais recicláveis integrada pelo catador informal em Brasília.**

No caso dos catadores entrevistados, nenhum possui condições de levar os resíduos coletados até as empresas compradoras para vendê-los. Essa impossibilidade deve-se à quantidade de viagens que deveriam ser feitas, uma vez que a quantia de resíduos coletados é grande e a carroça ou carrinho de peito não comporta a sua totalidade. Outro fator que inviabiliza essa opção é a distância que os separam das empresas e os riscos que correm de perder os cavalos e carroças – no decorrer do trajeto – em operações realizadas pelos agentes do Governo.



Desse modo, esse grupo de catadores realiza a venda de seus materiais na própria invasão para um representante das empresas de materiais recicláveis ou para um atravessador. Ambos conhecem muito bem as invasões em que os catadores residem e aproximadamente, de quinze em quinze dias passam lá para comprar os materiais recicláveis. Tanto para a empresa quanto para o atravessador, é muito lucrativa a compra direta dos catadores informais, já que eles, além de não possuírem outra alternativa de venda, não tem poder de negociação.

Os catadores informais, por não estarem articulados a outros catadores e venderem quantidades menores de materiais recicláveis, são dependentes da figura do atravessador ou do intermediário, como fica claro na fala a seguir: “O preço é o que eles dão lá pra gente. A gente vende pra eles lá por que só têm eles que compram da gente também. Barato demais o material da gente”. (Ronaldo Adriano).

Ronaldo, ao afirmar que o material por ele vendido é muito barato, demonstra insatisfação e a percepção de que é explorado, ao mesmo tempo em que reconhece a sua dependência desses compradores ao concluir: “só tem eles que compram da gente”. A consciência da relação de dependência ajuda os catadores a compreender as injustiças que permeiam essa relação.

Em pesquisa realizada em Criciúma – Santa Catarina, com catadores em processo de organização social, Barbosa e Zanela (2007) observaram o movimento de potência/impotência desses trabalhadores e apontaram a participação do atravessador nesse processo.

[...] a noção de ser explorado pelo sistema é muito clara para a maioria dos catadores, que reconhecem ser seu trabalho extremamente mal remunerado, sendo essa exploração vivida e sentida como acirrada, principalmente nas relações estabelecidas por eles com os atravessadores. (BARBOSA E ZANELA, 2007, p.160).

Sobre o preço dos recicláveis, os catadores comentam:

Eu num acho justo não, eles pagam muito pouco, e a gente trabalha uma quinzena todinha, aí vai dá o que? Vai dá seus quatrocentos conto ou menos. Nunca deu mais, então eu acho muito pouco, porque eles pagam muito pouco por o material, porque a gente só tem mais mesmo é trabalho. (Solange).

Olha, justo não é, mas é... Baixou tudo! Depois que baixou o negócio, a gente não pode reclamar porque não tem pra quem vender, o preço dele é

aquele e é aquilo que ele pode pagar, assim diz eles eu não posso questionar contra. (Hélio).

A gente acha pouco, mas não pode fazer nada. (Luzineide).

Além da questão da dependência, outro fator que marca a relação entre os catadores informais e os atravessadores é o da “confiança”, já que os materiais vendidos são pesados longe dos olhos desses trabalhadores, que sem outra opção, aceitam os valores pagos pelo intermediário. Outro fator que dificulta a averiguação do dinheiro recebido é o analfabetismo, muito comum entre os catadores. Além disso, o pagamento sofre, freqüentemente, grande redução, no momento do acerto de contas, como pode ser observado nas falas abaixo:

É humilhação! O comprador fala que o papel tá muito moiado é 40% de desconto; 30%, depende do papel, depende do material, se tiver limpo. Às vezes, o plástico tá sujo, por causa de um negocim que tiver dentro, é 10%. Aí eles falam que tem que mandar o papel seco, num sei o que, que não vai comprar mais. É assim... (Cleydson).

O preço é muito pouco, porque a gente trabalha aqui, recicla aqui, a gente vende o material, quando leva lá tem meio mundo de desconto e as vez ele dá muito desconto no material da gente e não tem valor. Os material vão tudo através de centavos, muito barato. (Ronaldo).

Os catadores afirmam que independentemente da qualidade do papel, sempre é descontado algum valor na hora do pagamento. Para driblar os “descontos”, alguns catadores usam de artimanha, como relatou a esposa de um deles: “já que vão descontar mesmo, a gente molha o papel pra pesar mais”.

Sobre essa situação Freitas (2005) pondera:

[...] se de um lado, o ato de molhar o papel, na tentativa de enganar o comprador, parece ser expressão de que os que vivem miseravelmente reproduzem a lógica perversa do espírito de disputa, da “lei de levar vantagem”, da iniquidade e da ausência da dimensão ética; por outro, não deixa de ser também uma forma de manifestar sua insatisfação e indignação em relação às distancias sociais, à má distribuição de bens, à falta de recursos e oportunidades, o que os torna dia após dia, mais dependentes. (FREITAS, 2005, p.163).

Apesar da carga de trabalho, esforço físico, exposição a diversos riscos e de representarem a base que movimenta o mercado da reciclagem, os catadores são mal pagos e ficam com uma porcentagem ínfima dos lucros gerados pelo reprocessamento dos materiais por eles coletados.

A gente vevi aqui mesmo só pra comer. Só pra comer mesmo. Pega 300 real ele é todo gastado. Porque tem as menina aí, gosta de comer uma bolacha, beber um leite, tomar um suco. É... Compra só sandália mesmo e comida pra comer. Só, o dinheiro é pouco, né? Se der 300, ele vai todo pro mercado. Se der 200, ele vai todo. (Cleydson).

O catador é o elo mais frágil dessa cadeia, principalmente no caso dos catadores informais, que não possuem poder de negociação e para sobreviver, precisam se sujeitar aos valores impostos pelos atravessadores. Vale ressaltar que para as empresas o trabalho do catador é bastante lucrativo, já que a sua substituição demandaria investimentos muito altos.

Na tentativa de eliminar o catador e auferir lucros ainda mais altos, algumas indústrias recicladoras ou grandes empresas de materiais recicláveis implementam verdadeiras campanhas que enfatizam uma pseudo preocupação ambiental desses estabelecimentos, nas quais a população de um modo em geral é estimulada a depositar os materiais recicláveis em pontos estratégicos da cidade, como supermercados, igrejas etc. Desse modo, os materiais obtidos por essas campanhas são encaminhados às indústrias sem passar pelas mãos dos catadores, agravando ainda mais a condição social desses trabalhadores. A esse respeito Layrargues (2002) complementa:

[...] na medida em que a reciclagem se torna manifestação de uma consciência ecológica, é o próprio consumidor que agora elimina o catador do processo, pois passa a separar em sua residência os materiais recicláveis destinados diretamente à indústria. O discurso ecológico oficial valorizou o R da reciclagem em detrimento dos demais para torná-la um ato ecológico, retirando de cena sua função social. Procedendo dessa forma, ele garante ao mesmo tempo que as latas de alumínio retornem à indústria, sem passarem pelas mãos dos catadores, pois firma um pacto oculto com o consumidor através de sua adesão voluntária à Coleta Seletiva. O consumidor não sabe, mas ao assumir a reciclagem como um ato ecológico, aprofunda um problema social. (Layrargues, 2002).

A fotografia a seguir, tirada por dona Luzineide, ilustra o momento da venda do material, já que o sucateiro está na porta de seu barraco recolhendo os resíduos por ela coletado e colocando-os em seu caminhão.



**Imagem 50. Atravessador recolhendo o material reciclável na invasão.**  
Foto: Luzineide de Moraes.

Ao falar sobre a fotografia acima, dona Luzineide elogia o atravessador: “Aqui é o rapaz pra quem eu vendo o meu material. Ele é um ser humano que sabe o que é sofrimento. Tem filho também pra dar comida. Não é que nem muitos que tem por aí”.

Em alguns casos, quando é o próprio representante da empresa que busca o material, esses estabelecimentos chegam a ensinar os catadores a separar os seus resíduos. Esse ato é visto com gratidão por alguns catadores que não percebem que este “auxílio” tem como objetivo final o lucro da empresa.

Eles exigem muito limpo, a gente leva o material reciclado, que a gente recicla aqui, que eles mesmo ensinaram pra gente. Aí quando chega lá, eles ainda dão desconto no material, diz que tá molhado, que tá sujo. Aí às vezes se a gente leva dois mil quilo, às vezes eles tomam oitocentos a mil quilo da gente. (Ronaldo Adriano).

As falas dos catadores acerca dos valores pagos pelo seu material e dos descontos dados pelos compradores refletem o sentimento de impotência sentido por esses trabalhadores, que apesar de não concordarem com os valores pagos, sentem-se obrigados a aceitarem essa condição. Barboza e Zanella afirmam que “[...] a vivência concreta dos catadores gera um sofrimento ético-político que demarca seu sentimento de impotência de ação na construção da sua cidadania”. (2007, p. 161).

O sofrimento ético-político, definido por Sawaia (2006), reflete aspectos das questões sociais dominantes, principalmente a dor de ser tratado como inferior ou inútil e a impossibilidade da maioria apropriar-se da produção material e cultural de sua época.

A sensação de impotência é mais aguda quando os catadores se vêem sozinhos, já que não estão organizados coletivamente. Sobre o poder da organização e das ações coletivas, Sawaia, a partir das idéias de Bodei, destaca: “Quando a doença da escravidão já está instalada, os cidadãos precisam unir-se para alcançar juntos um poder comum, capaz de impedir todos os excessos desproporcionais entre seus componentes”. (SAWAIA, 2006, p.116).

### **5.3. As Cooperativas**

Ao encontrar um novo modo de sobrevivência nas sobras geradas pela sociedade de consumo, os catadores necessitam de uma forma de organização que pode se dar por meio da constituição de cooperativas ou associações, ou até mesmo individualmente. Essa organização tem a finalidade de minimizar as condições de vulnerabilidade social em que se encontra a maioria destas pessoas. O trabalho individual não implica, como já foi dito, que este catador esteja isolado ou desorganizado. Segundo Morin (1997), para que a organização ocorra, precisamos de interações. Essa interação se dá de diversas formas, uma vez que o catador, para realizar o seu trabalho e sobreviver, interage indiretamente com os consumidores que descartam estes resíduos e diretamente com os seus familiares que participam ativamente do processo de separação dos materiais e na lida com os animais; os vizinhos; e os atravessadores ou sucateiros.

No entanto, esses catadores, apesar de sua forma peculiar de organização, não possuem força e voz na hora de lutar pelos seus direitos. Não possuem, também, poder de barganha ao negociar com o atravessador, tendo que se sujeitar aos preços estipulados por esse. No caso dos catadores organizados formalmente, o seu poder de negociação é ampliado e podem inclusive, quando articulados a outras cooperativas ou associações, dependendo da quantidade de resíduos que coletam, dispensar o atravessador e negociar diretamente com a indústria de reciclagem, o que permite uma margem de lucro maior do que a que teriam vendendo seus resíduos de forma isolada. Desse modo, a organização em cooperativas fortalece a categoria dos catadores, uma vez que enquanto grupo esse trabalhador possui mais força para lutar pelos direitos de sua classe.

As cooperativas são comumente apontadas como a panacéia dos problemas enfrentados pelos catadores, no entanto, nem sempre correspondem às expectativas dos cooperados e estão de acordo com os princípios do cooperativismo. Magera (2005) pesquisou diversas

cooperativas localizadas no Estado de São Paulo e verificou que os estabelecimentos estudados:

[...] não seguem os princípios do cooperativismo [...] e os cooperados seguem uma certa hierarquia de trabalho (quando deveriam ser patrões), desconhecem informações importantes de gestão administrativa, tais como: preço de venda, resultado final etc., não possuem autonomia e independência das decisões e, em algumas cooperativas estudadas, não há treinamento, informação e nenhuma participação econômica dos sócios [...] (MAGERA, 2005, p.40).

Ainda segundo esse autor, a maioria das cooperativas por ele estudadas estão travestidas com o rótulo do cooperativismo, mas são verdadeiras empresas capitalistas, onde a situação de exploração do catador é nítida. (MAGERA, 2005). Essas deficiências e contradições são também observadas em cooperativas do Distrito Federal, o que fica claro na fala dos catadores:

O povo daqui de Brasília parece que não sabe o que é cooperativa, porque pra mim cooperativa é a união de todo mundo pra que renda, e o que renda dividir. Não, mas a cooperativa daqui tá dando lucro é pros presidente das cooperativas [...]. Outra coisa, disse que ia montar essa cooperativa pra tirar o atravessador. Esse atravessador que é o presidente das tal cooperativa, então quer dizer que não adiantou nada pra nós. Diminuiu o nosso ganho e aumentou o dele, porque ele é o dono da cooperativa. Se ele tiver, por exemplo, trinta cooperados lá, ele vai comprar de cada um deles lá dentro. Ele leva, ele é quem vende. Então ele traz um valor pra você e te paga. Ficou o mesmo atravessador. Cê ta me entendendo? Então, por isso aí que eu tô te falando: as cooperativas não funcionam desse jeito. Eu trabalhei 22 dias pagando passagem pra ir e vir, eu e meu filho, deu 284 reais, 142 pra cada um. Veja bem em 22 dias o que eu gastei de passagem foi mais do que ganhei. Se eu fosse pagar comida lá então aí é que não ganharia mais nada. (Hélio).

Cooperativa não presta. Eles inventam essas cooperativas aí, aí depois os próprios daqui quer ser presidente. Aí depois um quer ser mais esperto que os outros. Aproveitar, roubando... às vezes uma doação, até de cesta básica, eles desvia, não quer dar pra pessoa. Eu acho que só quem ganha dinheiro é os que quer ser presidente. Porque os que vai trabalhar como cooperado, eles pegam as doação e não dão pro pessoal, desviam as mercadorias pra eles, os presidentes. Os que ficam por fora só comem o que eles dão, é uma micharia, às vezes... muitos vai e só ganha o dinheiro da passagem do ônibus, ida e volta. (Ronaldo Adriano).

O cooperativismo é descartado por grande parte dos catadores informais por três motivos principais. O primeiro deles refere-se às experiências negativas que tiveram nesses

espaços. No entanto, muitos criticam essa forma de organização com base em relatos de conhecidos ou parentes e não por experiência própria, como comenta Ronaldo Adriano:

A minha sogra trabalhou nessa cooperativa. Aí, quando vendia o material dava quinze real e ela gastava cinquenta de passagem pra ir trabalhar. (Ronaldo Adriano).

O segundo está atrelado à falta de informações sobre as vantagens e desvantagens de se trabalhar de forma cooperada. Chama a atenção o fato de nenhum dos catadores que integram a pesquisa saberem o que é a CENTCOOP – Central de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis do Distrito Federal. Desse modo, é necessário um trabalho intenso junto a esses trabalhadores, no sentido de informá-los acerca do que é o cooperativismo, quais são os seus objetivos, os direitos e os deveres de um cooperado, o que se ganha e o que se perde ao entrar em uma cooperativa. Diante das informações claras, o catador informal pode optar de forma consciente pelo modelo que deseja seguir.

O terceiro deve-se ao fato de preferirem o trabalho familiar ou individual, no qual têm maior autonomia e de acreditarem que a renda do trabalhador autônomo é maior.

Eu acho meu trabalho bonito, que eu trabalho pra mim mesmo, não ando agüentando abuso de ninguém. É, gosto de trabalhar assim, sozinha mesmo. Ficar trabalhando pra outra pessoa, porque diz que é uma humilhação danada. Mas eu mesmo, se Deus quiser vou sair daqui. Nada, pra Deus, nada é difícil não. Só esperar pra ver o que Deus vai fazer. (Luzineide).

Tem umas cooperativa aí, mas eu não fiz parte, não. Eu só me cadastrei, mas eu não fui não, porque começa uma briga, uma discussão. Toda hora os pessoal que vão trabalhar lá diz que não dá nada, diz que as cooperativas só quem ganha é os presidentes. Aí eu num fui não. Prefiro trabalhar pra mim mesmo. É igual eu tô te falando, depende do meu esforço, né? Se eu pegar minha carroça todo dia e trabalhar sem ninguém me atrapalhar, quinze dias eu faço quatrocentos, quinhentos real, trezentos, vai do meu esforço. (Ronaldo Adriano).

A questão da remuneração nas cooperativas preocupa os catadores, pois eles têm medo de serem prejudicados e de receberem menos do que coletaram.

Porque é assim... Quer dizer, se tem 300 pessoa catando, aí você joga lá dentro o que você catar e aquele dinheiro se der 1000 reais pra 300 pessoas tem que rachar certinho. O cobre que eles juntam lá dentro eles vende, que é pra montar né, negócio de cooperativa. (Cleydson).

É porque o que eu faço com a minha carroça é pra mim. Se eu for trabalhar na cooperativa, o que eu fazer lá tem que dividir com todo mundo lá e as vez eu trabalho mais do que outro. (Ronaldo Adriano).

A opção pelo trabalho individual ou coletivo tem implicações concretas na vida desses trabalhadores, uma vez que:

Os homens realizam-se com os outros e não sozinhos, portanto, os benefícios de uma coletividade organizada são relevantes a todos, e a vontade comum a todos é mais poderosa do que o conatus individual, e o coletivo é produto do consentimento e não do pacto ou do contrato. (SAWAIA, 2006, p.116).

Seu Hélio e o Ronaldo Adriano, apesar de declararem não ter interesse pelo trabalho cooperado, estão inscritos em uma cooperativa. No entanto, por falta de terreno para construir o galpão de triagem, essa cooperativa enfrenta muitas dificuldades. Como se verifica a seguir, a expectativa desses catadores com relação a essa nova possibilidade não existe:

A gente tamo numa cooperativa que tão abrindo da Mariinha na Vila Planalto, mas só que essas cooperativas também não compensam com a gente, não. (Ronaldo Adriano).

Não, não faço parte, eu até sou inscrito, mas eu não tô mais participando porque não dá pra mim sobreviver, eu vou ter que ficar lá e de lá eu não tiro meu sustento. Inclusive meus meninos trabalhou lá uma semana, ganhando 12 reais por dia. Eu acho que não compensa. Aqui sozinho dá pra tirar na faixa de 25 a 30 reais por dia na reciclagem. Então dá mais de um dobro, né? Então eu acho que num é vantagem, não. Pro trabalhador não. (Hélio).

Seu Hélio reclama da falta de políticas públicas voltadas para as cooperativas:

Tá difícil, tá difícil... Porque de um ano pra cá baixou muito o preço. Então não tá dando prá sobreviver. Então, a gente tá até inclusive pensando seriamente em parar de mexer com isso, porque não tá dando mesmo. Se a gente não tiver uma ajuda muito grande, assim das pessoas, é... Vamos dizer, do governo, né? O governo deveria olhar mais prá esse lado aí, porque ele não tá dando muita importância aos catadores de lixo, que somos nós. A gente vive em situação precária, em situação que às vezes não é nem digna, né? Prometeu galpão para as cooperativas, eu ainda não vi isso, tá? Eu trabalhei na cooperativa e não vi renda suficiente. Então a gente tem que trabalhar cada um pra si. Mas a gente mesmo é batalhando na rua, porque se for pela cooperativa não dá, além de lá é... Como é que se fala? É determinado um tanto pra cada um, então aquele tanto que eles pensam que dá, não dá. Aquilo lá não é futuro. (Hélio).



São bastante significativas as ações do Governo Federal de incentivo às cooperativas de catadores. No entanto, pouco é pensado naqueles que trabalham informalmente. Tem-se uma idéia errônea de que ao se priorizar as cooperativas, os catadores autônomos irão se filiar a elas, o que acontece apenas com uma parcela. Os demais se mantêm firmes na opção pelo trabalho familiar, como pode ser constatado nas falas abaixo:

Eu gosto de trabalhar pra mim mesmo. Eu nunca gostei de cooperativa, não. Muita gente que eu conheci que trabalhava nesses lugar foram pra lá e se arreponderam. Diz eles que se arreponderam. (Luzineide).

Gosto de ficar sempre fora de cooperativa, eu gosto de trabalhar pra mim mesmo, eu e minha família, o que eu fizer é meu, se eu fizer quinhentos reais, duzentos, cem...é meu. Num tem negócio de bolo, não. Cooperativa cê trabalha, todo mundo, depois junta, depois vai dividir e não sobra nem a feira. (Ronaldo Adriano).

Não se pretende aqui criticar o apoio dado pelo Governo Federal às cooperativas. Ao contrário, destaca-se aqui a importância desta iniciativa, uma vez que apesar dos problemas relacionados a algumas cooperativas, esse é um modelo que incentiva a ressocialização dos indivíduos em contraposição à lógica capitalista. O problema não está no cooperativismo, mas em ações isoladas dentro de cooperativas que as desviam de seus princípios.

A partir do momento em que o Governo prioriza as cooperativas, sem se preocupar com a inserção dos catadores autônomos, gera-se um fenômeno que pode ser nomeado de exclusão da exclusão. No DF, o Decreto 5.940/06 foi implantado em diversos órgãos federais, como nos Ministérios, por exemplo. Nesses setores os catadores informais pouco circulam, pois sabem que os materiais recicláveis ali gerados são destinados às cooperativas/associações.

A partir do momento que o GDF implantar a Coleta Seletiva, em curso, as áreas de atuação desses catadores serão cada vez mais restritas. Desse modo, eles perdem espaço e tornam-se cada vez mais marginalizados.

Nas visitas posteriores ao trabalho de campo, logo após a realização da exposição “Realidade Revelada”, foi identificada uma mudança de posicionamento de alguns catadores em relação ao cooperativismo. A frequência das ações de remoção do Governo para retirá-los das áreas públicas e a queda no preço dos materiais recicláveis deixaram esses catadores em uma situação bastante crítica. Diante do quadro de calamidade em que se encontravam, sentiram falta de uma organização que permitisse não só denunciar os abusos cometidos por

alguns agentes do Governo, durante as “retiradas”, mas também que pudesse assegurar melhores condições de vida e de trabalho. Um dos catadores chegou inclusive a cogitar a hipótese de juntar os amigos e montar a sua própria cooperativa. No entanto, relatou que não tinha informação suficiente para saber se essa era realmente a melhor opção e como concretizá-la.

#### **5.4 Uma vida de instabilidade**

Hoje, ao chegar à invasão em frente à Colina para visitar a dona Luzineide, encontrei apenas alguns sacos de lixo pretos, onde estavam os resquícios do seu “lar”. O impacto do vazio da área que antes abrigava algumas famílias me chocou profundamente. Fiquei ali durante alguns minutos e lembrei do que ela me disse seis meses atrás: “Eu sempre volto. Enquanto existir esse cerrado eu tô trabalhando e eles botando eu pra correr. Num tô roubando, tô é trabalhando”. (Diário de campo - janeiro de 2009).

Dona Luzineide é uma nordestina de fibra que vive com os filhos e netos acampados em uma barraca de lona improvisada em frente à Colina. Entre idas e vindas, em virtude das “retiradas” feitas pelo governo, esta batalhadora reside neste local há mais de cinco anos. No decorrer da pesquisa, dona Luzineide teve a oportunidade de fotografar a sua moradia e relatar o que aquele pequeno barraco significa para ela.



**Imagem 51. Fotografia tirada por Dona Luzineide.**

Sobre a fotografia acima dona Luzineide comenta:

Aqui é minha casa, é onde eu vivo. Aqui é o meu lar. É o lugar onde eu trabalho pra sustentar meus filhos. O Governo pensa que eu quero a terra dele, mas não quero não. Quero só trabalhar. (Luzineide).

Dona Luzineide ressalta o seu desejo de trabalhar. Sobre a importância desse ato, Tissi destaca:

No plano da sociabilidade - integração/desintegração moral e social, a inserção no trabalho promove a ampliação das relações sociais, pessoais ou comerciais, sejam boas ou ruins, fazendo oposição ao isolamento. (TISSI, 2000, p.78/79).

O barraco de dona Luzineide e a área por ela ocupada representam a sobrevivência de sua família, já que é ali que ela obtém as condições necessárias para realizar o trabalho de coleta e separação dos resíduos. Dona Luzineide retornou pouco tempo depois, e em junho de 2009 retomamos o trabalho de pesquisa. Com relação às ações de remoção do Governo, ela demonstra indignação:

Todo dia... quase todo dia tem que andar correndo com as coisas. A gente parece um bocado de ladrão, correndo com as coisas pro povo, o pessoal do Governo não levar. Nem os ladrão num tá correndo e a gente anda correndo aí com medo de perder o que a gente arruma.

Inúmeras famílias de catadores enfrentam diariamente as condições desfavoráveis que os cercam para que consigam exercer a profissão e sustentar as suas famílias. As dificuldades enfrentadas são muitas: o sol forte; as chuvas que inundam os barracos; a exposição às doenças provenientes do lixo; o risco de acidentes; a fome; o baixo valor do material reciclável e as retiradas do governo.

Poder dar continuidade ao seu trabalho é, muitas vezes, a única coisa que os catadores, moradores do Cerrado, almejam para o dia seguinte, como pôde ser visto na fala de dona Luzineide, que disse querer apenas trabalhar.

Sem outra opção de emprego e sem as condições necessárias para que desenvolvam com dignidade a catação, o Cerrado apresenta-se como o meio ideal para que os catadores possam trabalhar. Essa característica deve-se ao fato de o Cerrado oferecer a esses trabalhadores: proteção, já que ficam escondidos pela vegetação; espaço para criar os seus animais de tração, assim como para realizar a separação dos resíduos coletados nas ruas.

Morei de aluguel lá na Vila Planalto, mas lá a gente tinha uma vida até melhor, né? Tinha um barraquinho, água, luz, tudo certinho, a gente pagava, dormia tranqüilo. A gente que achava também que dormia tranqüilo, porque a violência tá em todo canto, né? Às vezes, a gente tem medo daqui, mas aqui deve tá mais seguro que lá na rua. Só que a gente também não dá conta de morar de aluguel, que a gente ganha pouco, os meninos estudam, aí sempre tem uma coisinha, né? Compra isso, compra aquilo, tem a feira e tudo. Aí a pessoa vai pagar o aluguel e vai comer o quê? Eu pagava 300 real do aluguel lá na Vila. Só dei conta de morar pouco tempo e falei: não, o jeito é voltar pro Cerrado. No Cerrado pelo menos você não paga nada. Você mora de graça no Cerrado. (Ronaldo Medeiros).



**Imagem 52. .Fotografia tirada após a “derrubada” do local em que Dona Luzineide residia.**

A fotografia acima representa apenas umas das dificuldades enfrentadas pelos catadores: as ações de remoção do Governo. A prática de “retirar” os moradores de áreas irregulares é antiga, uma vez que se iniciou antes mesmo da inauguração da cidade. Durante o governo de Juscelino Kubistchek, inúmeros barracos foram retirados do Plano Piloto, e as famílias que neles residiam foram encaminhadas para a Cidade Livre - hoje, Núcleo Bandeirante – criada com o objetivo de receber esses moradores. Em seguida outras cidades foram criadas com a função similar de receber os moradores das invasões que nasciam em Brasília, contrariando as perspectivas de seus idealizadores.

Brasília sempre exerceu atração aos migrantes por motivos diversos, de acordo com o período histórico em que a cidade se encontrava, como foi apresentado no item 4.2 – Brasília: o destino dos sonhos. Desse modo, a demanda por moradia sempre exerceu forte pressão sobre a cidade e, conseqüentemente, as invasões se expandiram, assim como as suas

“retiradas”. Apesar de as “derrubadas” de invasões marcarem todas as gestões que já governaram Brasília, atualmente, no decorrer da gestão do Governador José Roberto Arruda, segundo relato dos catadores, essas ações tomaram um caráter cada vez mais violento e repressivo.

Os catadores são amiúde surpreendidos por ações do Governo, que tem como objetivo retirá-los das áreas públicas em que residem. Por serem muito freqüentes, essas remoções são aguardadas pelos catadores, que vivem aterrorizados e inseguros com relação ao que acontecerá com suas vidas no amanhã. Conseqüentemente, a perspectiva desses trabalhadores é muito curta, pois a instabilidade que os rodeia não permite que façam planos concretos para o futuro.

Os moradores do Cerrado vivem em constante vigilância, e ao menor sinal de uma ação de desbaratamento por parte do Governo, colocam em prática estratégias que desenvolveram para minimizar os danos causados por essas ações e salvar o máximo de bens possíveis. A notícia da aproximação dos fiscais costuma chegar rápido aos barracos e todos tentam esconder os bens mais importantes e os cavalos no “mato”. A preocupação dos catadores em ocultar os seus pertences, deve-se ao modo brutal com que as “retiradas” vêm ocorrendo. Segundo os relatos dos entrevistados, as ações do GDF, coordenadas pela Subsecretaria de Defesa do Solo e da Água – SUDESA, são, em geral, marcadas por violências físicas e morais, abuso de poder e autoridade, e pequenos furtos. Sobre o modo como são tratados durante esses momentos, seu Hélio destaca:

Inclusive quando a polícia vem andar por aqui que pega a gente por aí, ele não trata a gente como cidadão. Eles tratam a gente é como... verme. Diz que a gente não é cidadão, muitas vezes já falou pra mim. Não respeita a gente que é velho nem novo. Pra eles, morou no mato, tudo é verme. Eles não sabem distinguir o certo do errado. Eu acho que eles não estudou pra isso. Eu acho, por exemplo, que o comandante deles, os oficiais, não ensinou eles isso. Mas eles não traz isso pras ruas.

Os abusos de poder têm causado uma enorme revolta nos catadores, que sentem vontade de denunciar essas ocorrências, mas ao mesmo tempo, têm medo de retaliação. No caso dos catadores participantes da pesquisa, o fato de constituírem grupos isolados, que não estão organizados coletivamente, torna mais difícil o ato de denunciar.

Um dos entrevistados tentou denunciar esses abusos, já que teve um celular roubado por um dos agentes que organiza essas ações. Utiliza-se aqui a palavra “roubo” e não apreensão,

pois quando o catador foi até a delegacia retirar o seu bem, ele não estava lá e a agente passou a utilizar o celular para uso pessoal, como pôde ser comprovado em uma das visitas. Ao relatar essa situação a um policial, esse catador foi chamado de mentiroso, uma vez que a credibilidade sempre é dada aos agentes governamentais.

Santos, B., (2001) concebe a existência de poder nas relações em que existem trocas desiguais. Estas relações envolvem uma constelação de poderes que podem reforçar-se ou neutralizar-se envolvendo assim dualismos, nos quais o primeiro termo é sempre promissor, enquanto o segundo é inibidor. As relações de poder são marcadas por forças distintas, onde os mais fracos são afetados pelos mais fortes de uma maneira contrária aos seus interesses. O autor destaca que na sociedade capitalista, dentre as diferentes formas existentes de poder, é valorizada, em detrimento das demais, a dominação. Aponta que, em uma teoria crítica o poder deve considerar a emancipação. Segundo Santos, B., (2001), por meio da emancipação pode se transformar as capacidades que reforçam o poder em capacidades que o destroem. Vale ressaltar que para que a emancipação seja eficaz é necessária a existência de uma constelação de práticas que proporcionem relações igualitárias.

No dia em que completou um ano de vida, 5 de junho de 2008, a SUDESA anunciou que durante esse período, 3 mil e 500 barracos foram retirados de áreas ilegais do território do DF.<sup>14</sup> A Imagem 53 foi tirada durante uma ação de remoção da Invasão da Colina.



**Imagem 53. Trator abrindo buracos no solo para impedir o retorno dos moradores da “Invasão da Colina”.**

---

<sup>14</sup> Fonte: [http://www.ssp.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=62741](http://www.ssp.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=62741)

Os agentes levam consigo, além do material utilizado para construir os barracos, os resíduos coletados pelos catadores e bens pessoais, como: roupas, cobertores, panelas, aparelhos eletrônicos e até mesmo documentos.

Quando vieram aí levaram o papel da gente que a gente cata no palmo; levaram as latinhas; levaram as panelas com comida; levaram colchão; levaram prato; levaram o que a gente tinha e deixou a gente sem nada. Levaram umas caixas que tavam ali com umas roupas, que eles num deixaram... A gente pede pra tirar, eles num deixam. Eles levam tudo, só não levam a roupa da gente se não se abestar. A gente se sente humilhado, né? Eu pedi, chorando, implorando, pedi pelo amor de Deus, mas parece que esse pessoal não tem Deus no coração, não. Dinheiro pra eles é mais importante que Deus. (Luzineide de Moraes).

Às vezes quando as pessoa, a fiscalização vinha tirar a gente, entupia a sucata da gente com trator, por fogo nos monte de papel, é... derrubar a gente sem avisar, é... fazer esses cúmulo do absurdo. Eu acho isso o cúmulo do absurdo! (Hélio de Souza).

Chegaram aqui, pegaram e mandaram a gente tirar as coisas pra fora e passaram o trator em tudo. Derruba os barracos, levam as madeira, aí depois a gente pega a carroça e consegue novamente as madeira aí nas lixeiras de obra. A gente dormiu no tempo. Pegou uma lona, armou de novo e ficamos aqui mesmo no meio do tempo. Com as crianças, mulher, menino. (Ronaldo).

Além dos bens materiais e instrumentos de trabalho essas ações levam também os sonhos dos catadores, que vêem tudo o que conseguiram, por meio do difícil trabalho nas ruas da cidade, de lixeira em lixeira, dia após dia, ir embora em cima de um caminhão ou enterrado ao lado de sua antiga morada. Uma das justificativas para esse tipo de ação é dada em uma reportagem de novembro de 2007, pelo capitão Eduardo Condi, que na época chefiava o Núcleo de Operações da SUDESA: "É uma maneira dessas pessoas não retornarem ao local, pois eles são catadores de matérias recicláveis e sem o lixo não tem porque retornarem ao local".<sup>15</sup>

No entanto, essa afirmativa pode ser confrontada pela fala dos catadores, que independente de ficarem ou não com os resíduos coletados, não tem para onde ir: "[...] a gente não sai, eles derrubam e a gente permanece, pelo fato de não ter pra onde ir, mas derruba, já veio aqui umas seis já". (Solange).

---

<sup>15</sup> Fonte: matéria publicada no site [http://www.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=56153](http://www.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=56153), no dia 14 de novembro de 2007.

Ronaldo complementa:

Várias vez já tiraram a gente daqui. Só que eles tiram, depois a gente vai e faz de novo. Que não tem onde morar. É eles indo embora e a gente vai amarrar os pé de pau véi de novo e faz a barraca de novo. É isso, a vida da pessoa. (Ronaldo).

Dentre os catadores que integram a pesquisa, apenas um deles possui casa. No entanto, apesar de possuir moradia, prefere viver no Cerrado, já no local onde fica a sua residência, não encontra emprego.

As ações de “retirada” do governo refletem a política governamental do GDF, que sem pensar nas necessidades reais desse grupo e no importante trabalho que prestam à sociedade, agem de forma repressiva, marginalizando-os cada vez mais. Com relação a essa situação, Ronaldo Adriano relata como se sente: “Ué, me sinto ruim, porque a gente não tem o direito”.

Sobre a questão da falta de moradia, seu Hélio comenta:

Desde José Aparecido que eu ando sofrendo no meio desse mundaréu aí ó, eu nunca tive um lote no Distrito Federal. Se um Governo, se alguém achar um nome meu de um lote no Estado, no País, eu quero esse lote pra mim, porque eu nunca tive, tá. E eu vivo aqui há 49 anos e já vi neguinho que tem 3, 4 lote sem precisar desse lote e eu não tenho lote pra morar. Apenas eu já fui derrubado de mais da conta em invasão. (Hélio).

Os catadores sentem-se desamparados por aqueles que deveriam olhar para eles. O Governo além de não oferecer soluções estruturais, como as condições necessárias para que esses trabalhadores exerçam a sua profissão com dignidade, dificultam – sem apresentar alternativas viáveis – que os catadores, por meio do trabalho honesto, adquiram a renda para manter a sua família.

O Governo oferece para os catadores três alternativas: ir para o albergue, retornar para a sua cidade de origem ou receber durante três meses auxílio-aluguel, cerca de R\$ 200,00, por mês. No entanto, essas opções, paliativas, não condizem com a realidade dos catadores, nem atendem as necessidades da maioria desses trabalhadores.

A primeira opção é inviável, pelo fato dos albergues de Brasília comportarem apenas cerca de 900 pessoas. Desse modo, se todas as pessoas retiradas do Cerrado e das ruas aceitassem essa opção, não haveria espaço para atender a demanda. Além disso, a localização desse espaço exige que os seus moradores se desloquem até o local de trabalho de ônibus, o



que acarretaria em um custo muito alto para os catadores, o que não compensaria o seu trabalho nas ruas. Outro fator é que, como a maioria dos catadores que vivem no Cerrado trabalham informalmente ou integram cooperativas que não possuem galpões de triagem, eles precisam de espaço para realizar a separação de seus materiais, o que não seria possível no albergue. Em uma matéria publicada no site da Administração Regional do Guará, no dia 23 de outubro de 2008, afirma-se que, após a retirada de 70 barracos:

A Sedest indicou albergues para as famílias desabrigadas se instalarem, mas apenas quatro delas aceitaram a oferta. Além das construes, foram retirados do local 20 caminhões de entulho e lixo.<sup>16</sup>

O que mais chama a atenção  que de cerca de 70 famílias, apenas quatro aceitaram ir para os albergues, o que reforça a idéia de que essa não seria, na maioria dos casos, uma opção viável para essa população.

A segunda alternativa também  inviável, na maioria dos casos, pois esses trabalhadores já saíram de suas cidades de origem por não terem nesses espaços, as condições necessárias à sua sobrevivência. Durante a gestão do governador Cristovm, fez-se uma experiência de pagar a passagem para inúmeras famílias, provenientes da Bahia, para retornarem ao seu Estado de origem. No entanto, alguns meses depois, foi observado que praticamente todas as famílias estavam vivendo novamente em Brasília.

No caso do auxílio aluguel, com o valor oferecido s  possível alugar uma casa em localidades muito distantes do centro da cidade. Desse modo, o deslocamento dos catadores demandaria custos que eles não podem arcar. Além disso, nos deparamos com o mesmo problema que ocorre no caso do albergue: os catadores que não tem acesso a galpões de triagem não teriam espaço para separar os seus resíduos.

O Governo age de maneira contraditória, já que, ao invés de buscar formas de inclusão social para que esses trabalhadores possam dar continuidade ao seu trabalho, os prejudicam impedindo que eles tenham condições de deixar as ruas ou o Cerrado. Cria-se dessa maneira um ciclo vicioso, no qual o catador, sem ter condições de morar em outro local, trabalha e vive no Cerrado com o intuito de um dia conseguir sair dali para um lugar melhor. Quando está conseguindo juntar algum recurso e bens materiais, vem a “derrubada” e leva tudo. Os catadores, sem ter para onde ir, permanecem no local e trabalham para se reerguer.

---

<sup>16</sup> Fonte: [http://www.guara.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=67913](http://www.guara.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=67913)

Recomeçam do zero, cada vez em condição menos favorável de deixar a invasão e o ciclo continua.

Sobre a tentativa de mudar de vida e deixar o Cerrado por meio do trabalho com a reciclagem, Ronaldo relata:



**Imagem 54. Barraco do Ronaldo.**

Foto: Ronaldo Adriano de Medeiros

Aqui, pra falar a verdade, é tipo um garimpo. Eu só tô aqui trabalhando pra mim conseguir alguma coisinha e depois sair fora. Aqui num é local da pessoa morar, não. Se amanhã o Governo chegar. Vamos derrubar tudo! Moço, deixa eu tirar minhas coisas! Afasto pra li, e eles derrubam. É só pra trabalhar mesmo que a gente quer a terra aqui. Se um dia vier a benção deles querer dar alguma coisa, né? (Ronaldo Adriano).

Ronaldo, por não ter moradia e nem outra opção de emprego, optou por trabalhar com a reciclagem para sobreviver. Para tanto, o Cerrado foi a alternativa mais viável encontrada por ele para desenvolver essa tarefa. Observa-se em sua fala que o trabalho que realiza tem como objetivo juntar algumas economias, para conseguir sair dali. No entanto, o que foi observado, no decorrer de um ano acompanhando a sua família, é que a sua situação está cada vez pior. Em outubro de 2008, Ronaldo, sua esposa e as duas crianças possuíam três cavalos, uma carroça, um barraco de madeira com camas, colchões e eletrodomésticos. Um ano depois, em outubro de 2009, a família continua no mesmo local, mas dormindo embaixo de uma lona, em um colchão emprestado pelo vizinho. Tudo o que ainda possuem está escondido para que não seja apreendido pelos fiscais.

Apesar de não concordarem com a forma como as “retiradas” ocorrem, os catadores reconhecem que nas redondezas e nas próprias invasões existem traficantes e bandidos, que devem ser removidos dali.

Se eu moro aqui e o pessoal dali é ladrão, isso e aquilo, eu não tenho nada a ver com a vida dele, não. Tenho a ver com a minha. Porque tem vez que chegam aqui e diz: “Ah, porque vocês são isso, são aquilo”. Eu falo: “Não todos”. Se um vende droga eu não posso pagar por ele, que eu num tou vendendo droga. Minha vida já é uma droga, pra quê que eu quero droga? (Luzineide).

Alguns catadores, inclusive, apesar de lamentarem a perda de seus bens e animais, comemoraram a paz que se estabeleceu na invasão após a retirada desses meliantes.

As condições de vida desse grupo são precárias e têm piorado muito durante o Governo Arruda, já que as retiradas são cada vez mais frequentes e as soluções oferecidas por essa Gestão não atendem as necessidades desse grupo, que precisa de espaço para separar os resíduos coletados, local para criar os cavalos e estar perto das áreas centrais da cidade, principal fonte de materiais recicláveis. A distância do centro implicaria no gasto com passagens de ônibus, o que inviabilizaria financeiramente o trabalho do catador. Além disso, no transporte coletivo é impossível transportar o carrinho utilizado na coleta, já que nessa hipótese, os cavalos não seriam utilizados.



**Imagem 55: Carrinho utilizado por dona Luzineide para coletar materiais recicláveis.**

Foto: Luzineide de Moraes

Sobre os instrumentos de trabalho, o carrinho é bastante utilizado pelos catadores, como ressalta dona Luzineide ao falar sobre a fotografia anterior: “Esse aqui é meu transporte preu

ganhar meu pão, pra dar comida pros meus filhos. Aqui que eu trago meu material da rua”. Ela conta também que já perdeu inúmeros carrinhos em ações de remoção do Governo.

Vale ressaltar, o destaque que a carroça e o cavalo possuem nesse meio por facilitarem a atividade dos catadores, poupando-lhes esforço físico e possibilitando o transporte de grandes quantidades de materiais. Os animais são muito visados e freqüentemente roubados dentro da própria invasão. Além disso, desde 1997, a partir da Lei 1.533 decretada pela Câmara Legislativa do Distrito Federal e sancionada pelo Governador Cristovam Buarque, busca-se a restrição dos espaços de circulação das carroças no DF, assim como a sua regularização e dos animais de tração, que hoje estão proibidos de circularem nas principais vias do DF.



**Imagem 56. Cavalo do Cleydson.**

Foto: Cleydson Barros

“Um animal, igual aí ó , nunca foi examinado. Se tiver com anemia, eles tomam. Aí vou viver como com a minha família? Pra sustentar três crianças e a esposa? A gente vevi disso aí. Eu acho bom esse serviço meu. É um serviço que dá pro cara viver”. (Cleydson).

Apesar da proibição, os catadores costumam se arriscar nas ruas com suas carroças e cavalos em busca da sobrevivência. Sobre a reação das pessoas ao se depararem com as carroças Ronaldo Adriano relata:

Às vez, a gente passa na carroça, aí eles: “Ah, tira esse cavalo do meio da rua, tá sujando a rua”. Realmente, suja mesmo, mas a gente não tem o que fazer, que é o emprego da gente. A gente sobrevive disso. A gente vai passando na rua; o cavalo às vezes, dá uma “manhada”; tem hora que o bicho empaca; às vezes, pára no sinal não dá conta, tá pesado; não dá conta às vezes, volta. Eles falam: “tira essa merda daí, num sei o que...” É isso aí. Muito preconceito tem, né? (Ronaldo).



Com a intensificação da fiscalização e das freqüentes perdas, o medo faz com que os catadores mudem a sua rotina e busquem alternativas. O trabalho noturno passou a ser uma opção, para fugir do Detran e não correr o risco de perder a carroça. Mesmo sabendo que a renda será menor, uma vez que à noite é mais difícil encontrar materiais, alguns catadores preferem trabalhar neste turno a correr o risco de perder o seu animal e não ter como sustentar a família.

Nós só tá rodando de carroça mais é à noite, porque se botar de dia só vai entregar pro Governo. Isso aí é uma lei que... Era pra ter justiça, porque isso aí, eles não podem fazer não, tomar o animal da pessoa, levar com carroça e tudo. (Cleydson).

Sobre um dos motivos que o levou a fotografar os seus cavalos, Ronaldo Adriano comenta:



**Imagem 57. Égua do Ronaldo.**

Foto: Ronaldo Adriano Medeiros



**Imagem 58. Cavalo do Ronaldo.**

Foto: Ronaldo Adriano Medeiros

Tirei a foto do meu cavalo, porque sempre o pessoal rouba. Agora mesmo, eu tô precisando duns arreio, que não tem arreio. Eu vou ter que conseguir um dinheirinho pra mim comprar um arreio pra ela, que a bichinha trabalha muito, tem que tá bonitinha, também. Tudo isso eu tinha: arreio, carroça boa... Eles tomaram tudo.

Os catadores alegam que, muitas vezes, os animais são confiscados e levados para os currais comunitários, sem que tenha havido qualquer irregularidade. Ao perderem o animal, os catadores se vêem impossibilitados de retomá-los, uma vez que para retirá-los precisam pagar uma multa. A fala a seguir retrata essa situação e indignação:

Você paga caro num bicho pra você trabalhar, eles tomam a coisa e ainda dá uma multa na pessoa de R\$ 500,00. Se tivesse pelo menos roubando, aí não, mas a pessoa tá trabalhando, né? Lutando aí no sol quente, sem comer, sem tomar um café. E chamam de maus tratos do animal. Aquela égua que eu

vinha descendo, que você pediu pra tirar foto, eles me tomaram. Eles não tomam, né? Pode dizer que eles roubam. Porque quando eles tomam assim e dá uma multa de entrega eles tá roubando. Tá roubando um pai de família. Se fosse um ladrão... Aí ó, muitas vez, a polícia e esses cara aí dá razão a vagabundo, num dá razão a pai de família não. Tomaram a carroça do meu amigo ali... (Cleydson).

Sem os seus instrumentos de trabalho os catadores se vêem em condições cada vez piores e sempre lutando para reconquistar o que perderam. Não tendo para onde ir, permanecem no mesmo local, em uma postura de enfrentamento das políticas governamentais, mas sempre com a esperança de poder realizar seu trabalho com dignidade e, assim, manter suas famílias com o suor do seu trabalho.

## 5.5 Os sonhos de um futuro melhor

*"Guardo em mim, clara e precisa,  
a memória de idos dias -  
manhãs escuras,  
tardes frias,  
noites de inquietação e de medo.  
Medo de dormir - medo maior,  
de acordar perdido, repetido,  
nas manhãs escuras,  
nas tardes frias.  
Mas quando em mim também,  
clara, precisa,  
a memória de outros dias -  
manhãs límpidas,  
tardes amenas,  
de alegria.  
Sono tranqüilo  
risos no sonho  
palavras no sonho  
olhos de sonho no sonho.  
Naquelas noites sem medo,  
Dormir ou não dormir  
Era a mesma forma de sonhar".*

Paulo Freire

O ato de sonhar é intrínseco ao ser humano e os move e fortalece na busca da realização desses sonhos, que funcionam como guias que norteiam o sujeito no decorrer de toda a vida. Os catadores, apesar das dificuldades, não desistiram de sonhar e de buscar a concretização de seus ideais: “Sonhar, eu sonho demais...” (Luzineide).

Alguns desses sonhos se perdem no passado e nunca conseguem se tornar realidade, como descreve Ronaldo Adriano: “Quando eu era criança, meu sonho era ser jogador de futebol, mas aí eu cresci sofrendo e não consegui. Virei um carroceiro e hoje eu sou feliz por ser carroceiro”. No entanto, abrem espaços para novos sonhos que servem de estímulo na caminhada rumo ao futuro desconhecido e incerto:

O único futuro que eu queria, o sonho que eu queria, é que o Governo, quando viesse tirar a gente, deixasse ao menos o material da gente. Meu sonho é ter outra vida melhor do que essa. Eu já sofri demais. (Luzineide).

Meu sonho? Meu sonho é ter uma casa, botar minha família dentro e ficar tranqüilo por ter um emprego. Meu sonho é ter uma vida melhor pra mim e pros meus filhos... É isso o sonho que eu tenho. (Ronaldo Adriano).

Bom, o meu sonho é o objetivo que todo dia eu peço a Deus e sei que um dia vai ser realizado, porque quem tem força e coragem de trabalhar um dia alcança. É ter minha moradia, uma moradia tranqüila pra dar um conforto melhor pros meus filho. Apesar que de tudo que a gente faz aqui pra dar um conforto melhor, mas num consegue mode o local assim. Vem derruba, vem aquilo mais... É ter minha moradia, ter meu emprego né? Pra poder dar as coisinhas pra eles, é isso. (Solange).

O sonho que eu tenho é ter uma casa boa e um trabalho bom. Meu sonho mesmo era arrumar um serviço fichado, né? Trabalhar de servente assim, trabalhar em obra, num tem estudo, né? (Cleydson).

Meu sonho é ter uma casa própria. (Hélio).

Segundo Paulo Freire:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. (PAULO FREIRE, 1992, p.91).

A imagem abaixo representa simbolicamente a caminhada, parte do processo de tornar-se, permeada por sonhos que motivam os catadores a cada dia persistirem na busca de um futuro melhor.



**Imagem 59: Caminhando rumo ao futuro.**  
Foto: Ronaldo Adriano.



## Capítulo 6.

### Encontro de olhares

---

## 6. Encontro de olhares

O presente capítulo busca apresentar como se dão algumas interfaces da relação entre catadores e Universidade. O primeiro item “A presença dos catadores no Campus” destaca o trabalho dos catadores e como eles enxergam a Universidade, assim como a importância desse espaço para a sua sobrevivência.

O segundo item apresenta os dados colhidos por meio de um questionário aplicado com 52 estudantes da UnB sobre as diversas percepções acerca dos catadores de materiais recicláveis e do seu trabalho. Busca-se discutir essas informações e relacioná-las à forma com que esses trabalhadores se percebem e acham que são percebidos.

Por fim, o terceiro item descreve a exposição Realidade Revelada, que proporcionou um momento de encontro, troca de olhares e experiências entre catadores, alunos, professores e funcionários da UnB.

### 6.1 A presença dos catadores informais no *Campus*

Como foi dito anteriormente, todos os catadores que integram esta pesquisa coletam resíduos no *Campus* da Universidade de Brasília. Esse espaço faz parte da rotina dos catadores por dois motivos principais: sua localização – próxima à invasão na qual residem – e a qualidade do lixo ali encontrado. Sobre essas razões comentam:

É porque é mais próximo donde eu moro e de lá sai um lixozinho melhor: os papéis brancos. Na prefeitura, na UnB toda, eu cato lixo. Quando a gente morava lá na Vila Planalto ficava mais longe. Já a gente morando aqui perto do Iate, aí fica pertinho da UnB e todo dia a gente tá pegando reciclagem aí na UnB. (Ronaldo Adriano).

É mais perto, né? Recolho da UnB toda e lá em cima na rua do papel branco. Lá é bom. Tem muito material. De vez em quando dá dois carroção, três. (Cleydson).

É porque eu moro mais próximo. E outra coisa, o lixo lá é um lixo assim mais separado, cê tá entendendo? Um lixo mais puro do que o lixo, vamos dizer... da residência. O lixo da residência vem muita impureza junto vem, por exemplo, resto de comida essa coisera toda, então o lixo da UnB é um lixo mais limpo. (Hélio).

Os catadores relatam que o lixo da UnB é melhor que o encontrado em outros espaços. Além da riqueza de papéis, mencionada por Ronaldo Adriano, o lixo da Universidade é um lixo mais “puro”, de acordo com Seu Hélio. As características desses resíduos podem ser ilustradas pelos dados da pesquisa realizada em 1999, pelo programa “Sou UnB Jogo Limpo”, que apontou que 51,2% do lixo gerado pela Universidade correspondem a papel e a papelão; 32,2% a orgânico; 11,6% a plástico; 1,2% a vidro; 1% a metal e 2,8% a outros. Por apresentar mais de 50% de seus resíduos composto por papéis, o *Campus* torna-se um espaço privilegiado para aqueles que sobrevivem do lixo, uma vez que o papel e o papelão são dois dos materiais recicláveis mais lucrativos.

Dona Luzineide é a catadora que coleta material há mais tempo no *Campus*. Trabalha ali há doze anos, desde que chegou a Brasília.

Desde que eu vivo aqui em Brasília, quando eu morava lá<sup>17</sup>, eu vinha catar aí. Só que agora tá mais fraquim. É porque não começou as aulas ainda. É melhor quando tem aula. Tem dia que é bom. É ruim quando vai chegando o carro da coleta do lixo lá. (Luzineide).

A quantidade de lixo coletado no *Campus* varia de acordo com o período do ano letivo da Universidade, já que nas férias o volume de resíduos reduz significativamente, como relatou dona Luzineide. No período de aulas, ela conta com a sorte de chegar antes do caminhão de lixo e lida com a concorrência dos colegas de profissão, uma vez que:

É muita gente também catando. Tem muita gente que cê encontra aí com os carrim. Lá do Iate, não é daqui não. Vem do Iate é de carrim, de carroça, as vez cê encontra aí. (Luzineide).

É comum também, nos diversos setores da Universidade, que os materiais recicláveis sejam recolhidos e vendidos por funcionários da Instituição, normalmente àqueles responsáveis pelo setor de limpeza.

Por meio das fotografias tiradas, os catadores apresentaram os espaços que mais gostam no *Campus* e onde geralmente coletam seus materiais.

---

<sup>17</sup>Referindo-se à invasão próxima ao Parque Olhos D'água.



**Imagem 60. Campus Universitário Darcy Ribeiro.**

Foto: Ronaldo Adriano.

Sobre a imagem acima, Ronaldo Adriano comenta:

Essa foto aqui é da UnB, onde eu passo todos os dias com a carroça cheia. Tem cinco anos que eu trabalho recolhendo o lixo da UnB.



**Imagem 61. Instituto Central de Ciências.**

Foto: Luzineide de Moraes.



**Imagem 62. "Canudeiros" o Campus.**

Foto: Luzineide de Moraes.

As duas fotografias (Imagens 61 e 62) foram tiradas por dona Luzineide. A imagem 62 tem para ela um significado especial: "Eu adoro canudo, eu acho bonito. Lá no Nordeste nossa cama era feita de Canudeiro".

Seu Hélio já trabalhou em diversas áreas do *Campus*, mas atualmente, com a idade avançada e problemas de saúde, restringiu o seu trabalho à Casa do Estudante, onde coleta apenas latinhas. A escolha desse local deve-se à proximidade de sua residência, que se localiza ao lado do Iate Clube de Brasília:

Cato só lá porque é o lugar mais perto. Eu não to muito bom das pernas pra andar longe não. Tô me sentindo muito tonto esses dias. E lá sempre tem latinha, né? (Hélio).



**Imagem 63. Casa do Estudante da Universidade de Brasília.**  
Foto: Hélio de Souza

Seu Hélio, durante o trabalho de campo, pediu que o filho registrasse passo a passo parte de sua rotina diária.



**Imagem 64. Trilha para a Casa do Estudante.**  
Foto: André de Souza.



**Imagem 65. Contêiner da Casa do Estudante.**  
Foto: André de Souza.

Sobre a imagem 64 ele relata:

Aqui sou eu indo pra Casa do Estudante de manhã. Essa é a estradinha que a gente pega pra ir pra lá. Eu cato lá, porque moro mais próximo. E outra coisa, o lixo lá é um lixo mais separado, um lixo mais puro. O lixo da UnB é um lixo mais limpo. (Hélio).

Em seguida, descreve a imagem 65: “Aqui sou eu pegando latinha na Casa do Estudante. Era um dia de sábado, não tinha aula, e as crianças foram comigo pra ver como é o meu dia-a-dia”.





**Imagem 66. Seu Hélio voltando para a Invasão.**

Foto: André de Souza.

Por fim, fala sobre a Imagem 66: “Aqui, eu indo embora com minha renda diária da manhã”.

Apesar de trabalhar diariamente no *Campus*, o contato dos catadores com os membros da comunidade universitária é praticamente inexistente: “às vezes, um ou outro estudante fala um oi, até logo, tchau. Só isso. Com professor e funcionário não tive esse prazer ainda. (Hélio).

Sobre o contato com os estudantes, Cleydson relata que:

Eles não falam com a gente não. Eles têm é medo da gente. Eles ficam desafastando assim. Quando né eles é as muié. (risos) Tem muita gente, né, que pensa que a pessoa é daquele jeito, mas, nunca conversa com a pessoa e a pessoa é gente boa e tudo. Tem muita gente que desfaz da gente aí. (Cleydson).

A fala de Cleydson remete a uma reflexão acerca dos estereótipos e rótulos criados acerca de um determinado grupo social, que induzem a erros e injustiças, impedindo que o sujeito alvo seja percebido em sua totalidade, de acordo com as suas particularidades, de uma maneira cuidadosa e sensível. Essa temática será retomada no próximo item.

O trabalho diário desenvolvido pelos catadores no interior do *Campus* costuma ser tranqüilo, no entanto, alguns conflitos foram mencionados pelos catadores, como nos relatos abaixo em que Cleydson diz ter sido impedido de coletar resíduos na UnB e dona Luzineide refere-se a um fato ocorrido com um morador da Colina.

O rapaz disse que num era pra nós pegar material lá não. Porque disse que tinha outro catador lá. E o outro catador saiu e nós ficamos lá, recolhendo material de lá. É. Eles disse que num era pra pegar mais material lá não porque ia trancar a lixeira. Disse que os sacos tava tudo rasgado lá. Só que é outras pessoa, que chega e rasga. (Cleydson).

Só que nessa UnB aí, só tem um senhor aí que gosta de se preocupar com a vida da gente aqui. Fica levantando falso pra gente, como se ele fosse dono daqui. No dia da Terracap mesmo, o marido dela<sup>18</sup> foi perguntar porque é que ele tava filmando aqui. Aí ele falou quem foi que mandou e perguntou se a gente pediu autorização a ele pra morar aqui. Aí eu falei que ele não era o Governo nem o presidente, não. Se ele fosse dono daqui ele num tava num apartamento ali, ele tava era aqui. E a gente tá aqui, mas num é cachorro também não, a gente é ser humano. Hoje é a gente que tá aqui, quem sabe amanhã não pode ser ele? Pra Deus nada é difícil. (Luzineide).

Em uma de suas falas, seu Hélio relata já ter visto caminhões de uma empresa recicladora pegando materiais no *Campus*. E com um olhar bastante crítico, ressalta que a melhor forma da Universidade ajudar os catadores é depositando os seus resíduos nas lixeiras para que os catadores possam recolhê-los.

A UnB tem muitas partes que ela já entrega pra Novo Rio direto. O que sobra é que os catadores tá pegando. Mas, eu já vi o caminhão da Novo Rio pegar lá de dentro do recinto da Universidade. Muitos lugares aí, eles não jogam fora, já passam direto pra Novo Rio, já faz a coleta lá dentro. Então se é um jeito deles ajudar seria jogar tudo fora (risos). Em vez de deixar a Novo Rio pegar, que são uma firma rica, doasse pra nós aqui dentro. Seria melhor, mas eu não sei se tem como. (Hélio).

É importante ressaltar que desde 2006, todas as instituições federais, como é o caso da UnB, são obrigadas a destinarem os seus materiais recicláveis a cooperativas ou associações de catadores, de acordo com o Decreto no. 5.940 de outubro de 2006. Desde essa data não há registro de doações/venda por parte da Universidade para empresas de materiais recicláveis. Mesmo assim, é fundamental destacar o raciocínio de seu Hélio, que ressalta a importância de se priorizar a destinação desses resíduos para os catadores, e não para grandes empresas. Layrargues (2002), com ponto de vista similar ao de seu Hélio, destacou em seu artigo intitulado o “Cinismo da Reciclagem”, que os consumidores imbuídos de uma ingênua consciência ambiental, ao separarem os seus resíduos em suas residências e os doarem voluntariamente às indústrias, excluem o catador desse processo, aprofundando assim, um problema social. Tal atitude é incentivada pelas indústrias por meio de campanhas, que

---

<sup>18</sup> Referindo-se à outra catadora.

exaltam sempre a sua preocupação com o meio ambiente e nunca com os lucros auferidos a partir da doação dos voluntários, uma vez que não precisam pagar pelo material recebido.

Convidados a deixarem uma mensagem para os estudantes da UnB, Cleydson e seu Hélio disseram, respectivamente:

A mensagem que eu tenho é que eu tô bem, a minha família. Eles gostam de humilhar a gente, mas a gente nem liga, não. Já é acostumado com isso, né? Muita gente xinga a gente na rua, com o carro, buzina. A gente leva muita humilhação com esse povo aí... Polícia... Aquela polícia lá. A gente não liga, não. Tem muita polícia que já chega batendo no cara, não quer saber de nada, não.

Que eles joguem mais latinha. Só isso. (risos) E deixe a gente em paz catando minha latinha. E que eles sejam feliz, pra tomar bastante refrigerante. (risos).

## 6.2 O olhar dos estudantes

O Brasil todo, no mundo todo tem preconceito, né? Sempre tem o preconceito. Isso aí cê vai deixando passar. Você não vai pegar e parar o cara, bater no cara e caçar briga não. Cê tem que tocar sua vida pra frente, cê ta lá porque precisa. (Ronaldo Adriano).

Como dito anteriormente, a presente pesquisa não tem a pretensão de identificar a visão global dos estudantes da Universidade de Brasília acerca dos catadores de materiais recicláveis. Objetiva, no entanto, acessar formas diversas de se perceber o catador e a sua profissão, e discuti-las relacionando-as à forma como os próprios catadores se percebem e sentem que são percebidos. É importante destacar que a percepção de si (autoconceito) está imbricada pela forma com que o sujeito é percebido e se relaciona com os demais.

[...] é de particular relevância a influência da interação social na formação do autoconceito. Desde nossa infância somos avaliados pelos outros, sejam familiares, amigos, professores ou estranhos. A perspectiva do outro nos dá, em certa medida, a consciência de que somos diferentes, e em que grau e direção (RODRIGUES et. al, 1993, p.69).

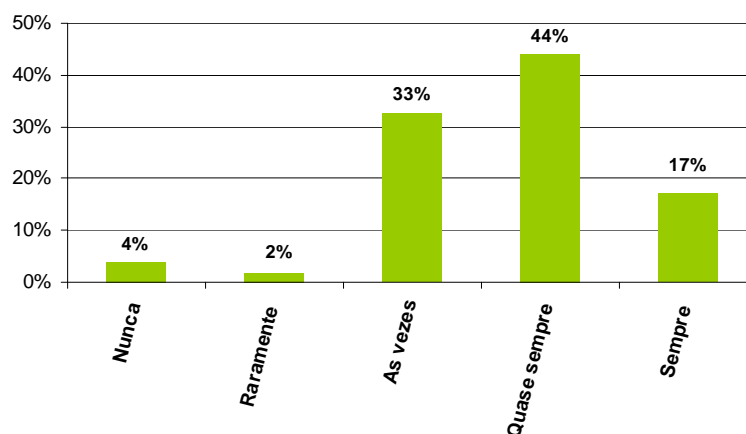
Por se tratar de catadores que atuam no *Campus*, buscou-se acessar a percepção de pessoas que ali circulam diariamente. É importante ressaltar, que os questionários foram aplicados junto a 52 estudantes de duas disciplinas envoltas pela temática ambiental. Desse modo, o público respondente possui uma característica peculiar e representa visões que de fato coexistem dentro do grupo de estudantes da UnB.



Com o intuito de validar o questionário, foi aplicada uma versão-teste, no segundo semestre de 2008, oportunidade em que foram identificados pontos a serem melhorados e outros a serem acrescentados. No primeiro semestre de 2009, o questionário foi aplicado na turma de Introdução ao Desenvolvimento Sustentável, oferecida pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável, na qual 27 alunos, com faixa etária entre 18 e 28 anos, responderam à pesquisa. No segundo semestre de 2009, foi aplicado na turma de Fundamentos da Educação Ambiental, da Faculdade de Educação, onde, 25 estudantes, com faixa etária entre 17 e 26 anos, responderam ao questionário. Nas duas ocasiões foi dada total abertura para que os estudantes que não estivessem dispostos a participar da pesquisa, não respondessem ao questionário.

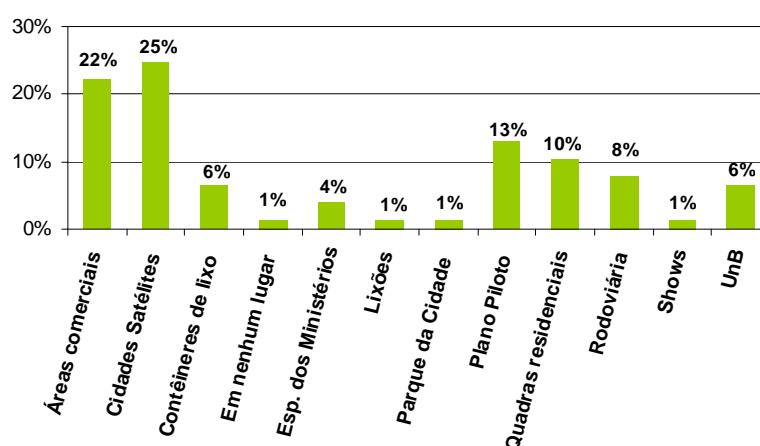
Ambas as disciplinas citadas são oferecidas e abertas aos estudantes de todos os cursos da Universidade. Sendo assim, a área de formação dos estudantes que responderam à pesquisa é bastante variada: Pedagogia, Química, Jornalismo, Farmácia, Geografia, Matemática, Engenharia Florestal, Ciências Biológicas, Agronomia, Ciências Econômicas, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Engenharia Mecatrônica, Arquitetura, Geologia, Física, Artes Cênicas e Ciência da Computação.

O primeiro item do questionário refere-se à frequência com que os estudantes vêem os catadores. O resultado demonstra que a cena é rotineira, uma vez que 61% das afirmativas apontam as frequências “sempre” e “quase sempre” para a visualização dos catadores em seu cotidiano. Considerando-se as frequências “sempre”, “quase sempre” e “às vezes”, o percentual de afirmativas que percebem a rotina dos catadores nas ruas, sobe para 96%. No entanto, merece destaque o fato de que 4% das respostas afirmam nunca terem visto um catador. Além disso, nos questionários-testes, dois estudantes disseram só ter visto catadores em livros ou na televisão.



**Gráfico 1. Frequência com que os catadores de material reciclável são vistos.**

A segunda questão referia-se aos locais em que os estudantes costumavam ver os catadores. Por ser uma questão de caráter aberto, oferecia a possibilidade dos alunos apresentarem mais de uma resposta. As grandes aglomerações urbanas (Plano Piloto e Cidades-Satélites) e as áreas comerciais e residenciais, apresentaram-se como os locais em que os catadores são mais vistos, segundo a vivência dos alunos, configurando um total de 60% das respostas. Uma das respostas, apesar de contrariar o que diz a maioria, chama a atenção por ressaltar uma possível forma repressiva com que os catadores são tratados: "Vejo os catadores em toda a cidade, porém com menos frequência nos centros de Brasília onde há - eu creio - uma repressão para com os catadores".



**Gráfico 2. Locais de visualização dos catadores**

Do total de locais citados, a UnB alcançou apenas 6% das respostas. Esse tema foi discutido com os estudantes no momento destinado ao diálogo acerca de suas respostas, conforme descrito na metodologia.

Para motivar a discussão, foi revelado aos estudantes que as imagens apresentadas no primeiro momento, como forma de inspirá-los, tratavam-se de fotografias tiradas no próprio *Campus*. Nesse instante, em ambas as turmas, foram muitos os estudantes que se surpreenderam ao saber que diariamente, inúmeros catadores coletam os resíduos por eles descartados nas lixeiras da Universidade. Essa situação foi propícia para conversarmos sobre a invisibilidade que rodeia determinados grupos sociais, talvez porque seja mais fácil ignorá-los, como no caso de um dos estudantes que ao responder onde costumava ver os catadores disse: "Em nenhum lugar, nunca tive interesse em vê-los".

A maioria dos estudantes atribuiu o fato de não ver os catadores, nas dependências da UnB, à pressa, ou ao costume, já que estão habituados à cena, e por isso não prestam mais atenção. Cristovam Buarque descreve<sup>19</sup> uma situação que se assemelha bem ao que acontece com os catadores de materiais recicláveis.

Alguns anos atrás, ao citar a família de pobres que vivia debaixo de papelão em frente ao prédio da Faculdade onde falava, fui surpreendido pelo espanto de alunos e professores que não tinham percebido a existência daqueles pobres. Era como se eles fossem tão excluídos do mundo dos universitários que tivessem ficado invisíveis. De tão acostumados à paisagem, estes deixaram de vê-la. (BUARQUE, 2003, p.7).

Na aplicação do questionário-teste, um comentário no momento do debate, merece ser destacado aqui pela intensidade de seu conteúdo e pela polêmica que gerou. A estudante tentava explicar porque não enxergava os catadores: "quando tem um cachorro em uma lixeira, por exemplo, passamos por ele e não o percebemos".

Ao serem comparados a um animal, percebe-se claramente a diferenciação e a perda do caráter de humanidade atribuído aos catadores. A declaração nos remete a outro fato relatado por Cristovam Buarque (1993) no início do seu livro "O que é apartação?" Nele o autor descreve a cena em que jovens de classe média se divertem jogando batatas fritas pela janela do carro para que meninos de rua rastejem para catá-las do chão e comê-las. Em seguida, o autor discute sobre o fenômeno que separa os indivíduos e o que faz com que eles não mais sejam percebidos como semelhantes, o que chama de apartação social.

Seu Hélio, em um de seus relatos, menciona sentir-se tratado, muitas vezes, como um verme, inclusive por policiais, como demonstrado em citação anterior.

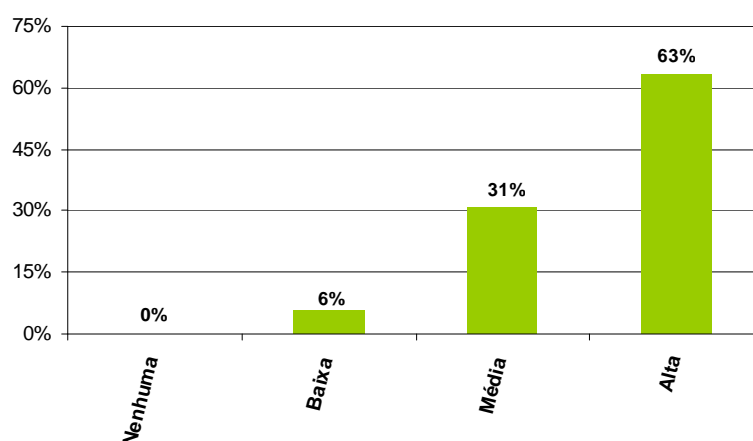
---

<sup>19</sup> Na apresentação do livro "No meio da rua - nômades, excluídos e viradores".

É, inclusive quando a polícia vem andar por aqui, que pega a gente por aí, ele não trata a gente como cidadão eles tratam a gente como é... verme. Diz que a gente não é cidadão, muitas vezes, já falou pra mim. Não respeita a gente que é velho nem novo. Pra eles, morou no mato, tudo é verme. Eles não sabem distinguir o certo do errado. Eu acho que eles não estudou pra isso. Eu acho, por exemplo, que o comandante deles, os oficiais, não ensinou eles isso. Mas eles não traz isso pras ruas.

Um trecho da fala de dona Luzineide merece ser repetido, uma vez que ela ressalta a necessidade de respeito para si e para os demais: “A gente tá aqui, mas num é cachorro também não, a gente é ser humano”.

Quando perguntados sobre a relevância socioambiental do trabalho dos catadores, 63% classificaram como alta e 31% como média, o que evidencia uma boa percepção da importância da atividade realizada por esses profissionais.

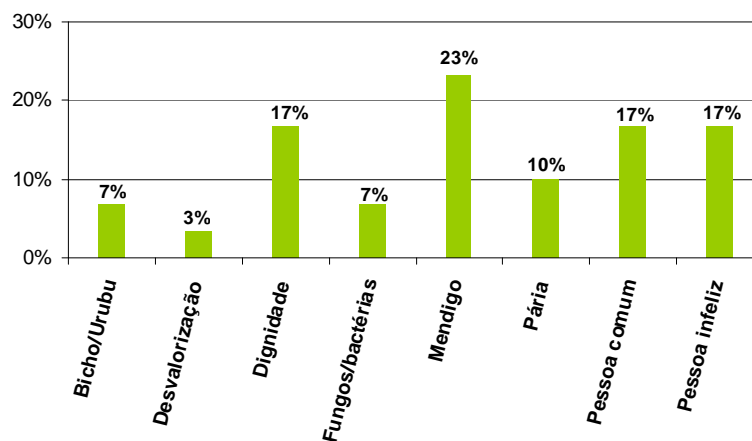


**Gráfico 3. Sobre a relevância socioambiental do trabalho do catador.**

Seu Hélio ressalta essa relevância:

[...] eu acho o seguinte. Em vez de desperdiçar eu tô aproveitando. Já que eu tô aproveitando o que tá jogando fora, eu acho um ponto positivo. (Hélio)

Ao serem perguntados ao que relacionam a imagem do catador, a percepção do grupo apresentou tendência negativa, como pode ser visto a seguir:



**Gráfico 4. O que a figura do catador lembra**

Mendigo (23%), pessoa infeliz (17%), pária (10%), bicho/urubu (7%) e desvalorização (3%) constaram de 60% das afirmativas. A comparação com fungos e bactérias é explicada pelo trecho a seguir extraído de um dos questionários: "são como organismos cicladores de matéria orgânica, como fungos e bactérias. Seres que podem parecer repugnantes, mas são fundamentais para a decomposição e reciclagem da matéria".

Sobre serem vistos como mendigos, seu Hélio sente-se percebido dessa forma por alguns: "As pessoa olha a gente e trata a gente como mendigo". Ser comparado a mendigos é considerado uma ofensa pelos catadores, já que esse termo é comumente utilizado de forma pejorativa para rotular aqueles que não trabalham. Em contraposição à essa idéia e de acordo com a visão de 17% das respostas, os catadores ressaltam o seu perfil de trabalhadores dignos: "Eu não tenho vergonha de trabalhar, não. Tenho vergonha de roubar. Trabalhar em qualquer coisa pra mim é honra". (Luzineide).

A percepção dos alunos em relação ao trabalho dos catadores é que o mesmo é de grande importância, tanto para a sociedade, de um modo em geral, quanto para o meio ambiente – 40% das respostas. O trabalho do catador é também apontado como meio de sobrevivência por 4% das respostas e um trabalho digno, por 11%.

Na mesma questão, 16% das respostas detectam a falta de reconhecimento do trabalho do catador e 21% destacam as precárias condições em que ele é desenvolvido, consubstanciada em respostas que consideram esse trabalho: cansativo, degradante, explorador, inadequado, insalubre, marginalizador e nojento.

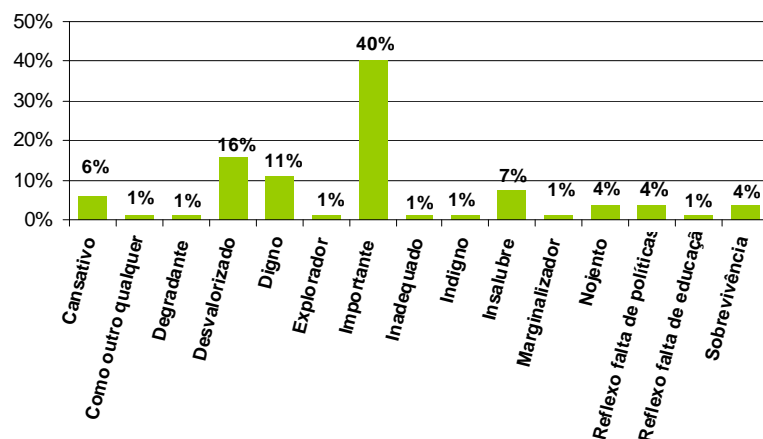


Gráfico 5. O que representa o trabalho do catador.

Sobre o cansaço do catador, apontado pelos estudantes, seu Hélio, ao falar sobre a imagem abaixo relata: “Essa aqui é uma sofrida igual a eu. É uma árvore do Cerrado, cansada, se entortou. Nós estamos igual”.



Imagem 67. Árvore do Cerrado.

Foto: Hélio de Souza

No gráfico anterior, 4% apontaram que o trabalho do catador é reflexo da falta de políticas públicas e 1% disse que é reflexo da falta de educação. Esses pontos foram apresentados também no gráfico a seguir, em uma questão que teve como finalidade identificar a percepção do grupo em relação à razão da presença de catadores nos grandes centros urbanos. Desemprego (11%), desigualdades sociais (21%), ausência de políticas públicas (21%) e efeitos do sistema capitalista (8%), abrangeram 61% das declarações realizadas.

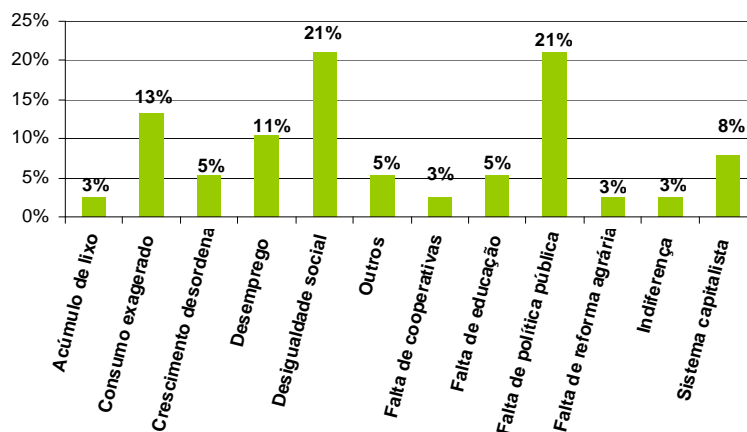


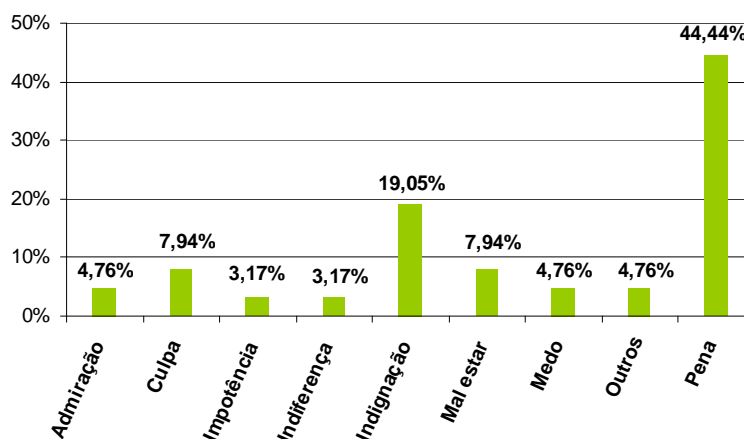
Gráfico 6. Razões da presença dos catadores nas grandes cidades.

A falta de reforma agrária também foi citada em 3% das respostas, já que as precárias condições no campo são apontadas pelos catadores como a razão principal de terem saído de suas cidades de origem.

Sobre a falta de políticas públicas Ronaldo, além de exaltar a falta de galpões de triagem para os catadores e de incentivos para a formação de cooperativas, ressalta na fala abaixo a falta de moradia:

Tanto tempo que a gente tá aqui, o governo era pra olhar as pessoas que tem muito tempo, que vive trabalhando, que quer sobreviver, não vive dando prejuízo pra eles. Deveria falar: “Não, vamos ver essas família que precisam mesmo, vamos dar uma moradia”. Não dá, o que eles faz é tomar as coisas da gente. E depois que entrou nesse governo Arruda aí, ó... Não sei pros outros pessoal, não sei pros outros povos de classe média, mas pra nós que mora em invasão, isso aí piorou, porque eles não ajuda ninguém, não. Só quer acabar com a vida do pobre. Brincadeira moço, a pessoa ter o cavalo que cê trabalha, cê consegue alguma besteirinha com o cavalo, dá comida pros filhos, aí você toma esse cavalo meu aí, aí eu vou fazer o quê? Meus filhos: oh pai compra isso aqui pra mim? Não tem dinheiro, não. Aí as pessoas só vai pensar no errado, rapaz. (Ronaldo).

Quando perguntados sobre quais os sentimentos emergiam ao se deparar com um catador, culpa, impotência e indignação, responderam por 30,16% das afirmações dos estudantes. Porém, pena foi o sentimento que mais de destacou, contemplando 44,44% das respostas. Percepções como medo (4,76%), indiferença (3,17%) e mal-estar (7,94%) representaram um percentual de quase 16% das respostas apresentadas, como pode ser verificado no gráfico adiante.



**Gráfico 7. Sentimento em relação ao catador.**

Sobre a forma com que sente que é percebido e tratado pelos demais, Cleydson destaca:

Olham, têm medo, muitos correm, pensam que é assaltante, ladrão. Me sinto desgostoso. Tem muita gente aí que tem medo da pessoa, vê a pessoa num carroção e pensa que é fumador de droga, ladrão, porque tem muitos, né? De muitos você tira um. De mil você tira uma pessoa ali, uma pessoa honesta. Tem muita gente que pensa que a pessoa é ladrão, fumador de droga, assaltante... (Cleydson).

Segundo Rodrigues et al, (1993):

Em sua essência, o preconceito é uma atitude: uma pessoa preconceituosa pode desgostar de pessoas de certos grupos e comportar-se de maneira ofensiva para com eles, baseado em uma crença segundo a qual possuem características negativas. (RODRIGUES et. al., 1993, p.162).

Dentro dessa perspectiva, os catadores sofrem com ações preconceituosas, como pode ser observado na fala abaixo, em que Solange emocionada descreve as ofensas sofridas por ela e o marido: “Assim, às vezes já, quando eu vou mais meu esposo assim, sempre uns critica, outros fala palavrão e tudo, mais isso aí passa. Isso aí passa é por que eles não entendem mesmo. Sofre preconceito, sim”. (Solange).

Seu Hélio destaca o seu sofrimento e dos demais companheiros de profissão: “Muito preconceito. A gente é cansado de sofrer. Não só eu, como todos. Tô falando isso não é só em meu nome, é em nome de todos os catadores”. (Hélio). Ele relata como se sente diante de tanto preconceito:

Humilhado, né? Humilhado, a gente só se sente humilhado em não poder se defender, porque a gente vive aqui dentro do Plano. Se você levar isso à



tona, como isso não sei se vai sair a público (riso), né? Mas se isso aí, chegar à tona, eu te garanto que vem alguém aqui falar comigo sobre isso e não é pra me defender, não, é pra me atacar mais. (Hélio).

Ronaldo Adriano, por sua vez, conta que já se acostumou a ser tratado de forma preconceituosa e destaca que também existem pessoas que os ajudam:

A gente sempre já acostumou com isso. Porque sempre tem isso. Todo dia, as vez cê sai, o pessoal fala essas coisas assim. Outros já pára, já ajuda a gente, dá alguma coisa pra gente trazer pra comer pras crianças. Mas é a vida, a gente tem que se conformar, né? Uns fala mal, outros já ajuda. A gente vai levando a vida.

Sawaia (2006) destaca o papel das relações sociais para a compreensão do sofrimento ético-político identificado na fala dos catadores:

[...] o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões socialmente dominantes em cada época histórica [...] (SAWAIA, 2006, p.104).

Percebe-se que, dentre o grupo de estudantes pesquisados, há uma predominância do reconhecimento: da importância do catador tanto para a sociedade quanto para o meio ambiente, e da precariedade em que o seu trabalho é realizado. No entanto, em outros momentos fica claro que a figura do catador está rodeada de estereótipos que impedem que eles sejam vistos em sua inteireza:

[...] estereotipar pode levar a generalizações incorretas e indevidas, principalmente quando você não consegue “ver” um indivíduo com suas idiossincrasias e traços pessoais, por trás do véu aglutinador do estereótipo. (RODRIGUES et. al, 1993, p.153).

Na tentativa de ressaltar as diversas dimensões do ser humano que se encontra por trás da catação foi pensada a exposição Realidade Revelada, descrita a seguir.

### 6.3. Exposição Realidade Revelada: momento de encontro entre os catadores e a comunidade acadêmica.

Ao se dedicar ao trabalho fotográfico, cada catador passou a observar de forma diferenciada e mais consciente o seu cotidiano. Essa consciência foi intensificada, tornando-se mais nítida, pelo falar sobre cada fotografia. O olhar de observador, necessário nesse momento, desvela o que passa despercebido no dia à dia e permite uma percepção mais fina acerca da sua própria realidade.

Ao final do trabalho com a fotografia os catadores falaram da importância que atribuem a esse recurso:

É importante pra você lembrar do seu sofrimento, mostrar pra alguém como é que você vive aqui. Porque tem muita gente lá onde eu morava, em Brazilinha que não sabe o que é o sofrimento. Você trabalha, passa 5 mês aqui correndo do Governo, tentando salvar as coisas pra levar pra lá pra dá pra quem não trabalha. Então, eu vou levar essas fotos pra mim amostrar como é minha vida aqui. Eles acham que aqui é fácil, que eu vivo aqui só esperando o pessoal vim me dar. Aqui é difícil, a gente vive porque é o jeito. Não tem nada melhor, né? Com a ajuda de Deus e do pessoal que ajuda a gente. (Luzineide).

A fotografia permite a apreensão de momentos únicos da vida de cada um, que poderão ser mostrados para outras pessoas que não os vivenciaram. Além disso, é um recurso que pode ser utilizado como legitimador da fala, como fica claro no discurso de dona Luzineide. A esse respeito Neiva Júnior acrescenta: “A fotografia transforma em cena o que vivemos. A eficácia social da foto é tanta que passamos a conduzir nossas vidas na lembrança da representação, como se fôssemos legitimados pelo registro do acontecimento”. (1994, p.64).

Ainda sobre a fotografia seu Hélio destaca:

É muito importante, porque aqui eu sei. Quando meus filhos, meus netos, esses que estão aqui, vai ver e falar assim: essas fotos aqui foram tiradas de mim quando pequeno. É muito importante a gente ver o dia da gente no passado, pra ver o que a gente era e o que a gente é hoje.

Em sua fala, seu Hélio ressalta o papel do registro para a percepção das transformações ocorridas na vida de cada um. Para ele, a compreensão do presente está associada ao passado e à fotografia, que é um meio de trazer esse passado à tona.

Ronaldo Adriano também comenta a importância que atribui à fotografia:

É muito importante as fotos, porque fica de recordação de onde a gente trabalhou. A convivência da vida da gente. É muito bom, porque sempre a gente nunca teve oportunidade assim de tirar umas fotos, ver como é a família. É muito importante a gente ter uma recordação.

Ao falar que na foto ele pôde “ver como é a família”, Ronaldo Adriano desvela a tomada de consciência sobre a sua própria realidade, permitida pela observação da imagem.

As fotografias, de autoria dos catadores, culminaram na exposição Realidade Revelada, cuja abertura, ocorrida no dia 30 de setembro de 2009, contou com a participação dos catadores e seus familiares, professores, estudantes e funcionários da UnB.

As imagens que compõem a exposição, acompanhadas da fala dos catadores – transcritas na íntegra –, retratam a realidade a partir do olhar desses trabalhadores e desvendam as diversas dimensões da vida do ser humano que se encontra por trás da catação de material reciclável: o lazer; a alimentação; as condições de moradia; os instrumentos de trabalho; a separação dos materiais; a relação consigo mesmo, com a família, com os vizinhos, com a UnB, com o governo; e o papel que a educação tem em suas vidas.

A abertura da exposição proporcionou um encontro entre a comunidade acadêmica, que ali compareceu para apreciar o retrato da vida daqueles que, muitas vezes, não são enxergados no dia-a-dia: os catadores. Foi um momento também de aproximação entre os próprios catadores, que por meio das imagens e da fala dos colegas, puderam conhecer um pouco mais de cada um, assim como trocar experiências.

Um dos momentos mais especiais foi o da leitura de todos os banners para os catadores, que riram e se emocionaram com as suas próprias histórias e se identificaram com as de seus companheiros, que compartilham do mesmo sofrimento.



Imagem 68. Exposição “Realidade Revelada”.



Imagem 69. Exposição “Realidade Revelada”.

A convite do Núcleo da Agenda Ambiental da UnB, a exposição Realidade Revelada percorreu o *Campus* em diversos eventos relacionados à temática ambiental. Os visitantes, que passaram pela exposição, tiveram a oportunidade de deixar, espontaneamente, relatos sobre o que ali presenciaram:

Triste realidade revelada, que país de contrastes. Parabéns pela exposição.

É a realidade brasileira! Cidadãos, trabalhadores em busca de um amanhã mais tranqüilo.

É muito bonito o trabalho dessas duas mulheres, elas mostraram uma visão diferente da qual temos da realidade brasileira. É bastante chocante os relatos das pessoas, do sofrimento que elas passam. Nós podemos imaginar como é a vida destas pessoas, mas não podemos saber como é, porque nunca vivenciamos.

Um belo trabalho. Revela realidades, contrastes, emociona e livra de vários preconceitos. O mais incrível é a realidade mostrada pelos olhos de quem de fato a vive. Parabéns.

Extremamente sensibilizador! Estes e estas são verdadeiros agentes ambientais. Persistem na peleja diariamente mesmo com as políticas que são empreendidas para marginalizá-los e torná-los invisíveis aos olhos dos “nobres”. Parabéns pelo trabalho!

Ótimo trabalho, com a capacidade de mostrar bem a realidade de milhões de brasileiros. Parabéns pela coerência do trabalho.

Emocionante e educativo. Tenho certeza de que sairei daqui diferente de quando entrei.

Além dos professores e estudantes, os funcionários também comentaram a exposição. Um deles, inclusive, identificou-se com a situação dos catadores:

Se tudo é trabalho, isso mostra que a vida é muito mais. Eu também tive uma vida assim.

A fala desse funcionário é muito interessante, pois destaca a vida além do trabalho. E foi justamente esse o intuito da exposição: apresentar o que está além do trabalho com o lixo e o que está por trás do ser humano que ali se encontra. Buscou também, dar visibilidade aos catadores que coletam resíduos no *Campus* há vários anos, muitas vezes, de forma invisível.



**Imagem 70. Fotografia dos catadores integrantes da pesquisa, seus familiares e da pesquisadora, no dia da exposição.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das informações provenientes da presente pesquisa, pode-se depreender que há um longo caminho a ser percorrido rumo à implantação de um sistema de Coleta Seletiva que contemple a inclusão dos catadores informais de materiais recicláveis, que trabalham no interior do *Campus* Darcy Ribeiro. O trabalho demonstra a imensa distância que há entre a Universidade de Brasília e esses trabalhadores, configurada pela ausência de qualquer relação formal com a UnB, apesar desses atores realizarem a coleta de resíduos há diversos anos na Instituição. Além disso, o contato informal realizado por estudantes, professores ou funcionários é muito raro, como pode ser observado na fala dos catadores e na dos estudantes, cuja maioria nunca havia percebido esses trabalhadores no *Campus*.

Desvelar a realidade desses catadores foi o primeiro passo para que a Universidade possa dialogar e construir um projeto comum de transformação e melhoria social com esses trabalhadores. A urgência em revelar essa realidade deve-se, também, às exigências do Decreto 5.940/2006, que determinam que os resíduos das instituições federais sejam destinados às cooperativas e associações, e ao fato dos catadores informais que trabalham no *Campus*, serem excluídos desse processo. Desse modo, ao apresentar a realidade desses catadores e a sua relação com a Universidade, busca-se contribuir para que haja uma aproximação entre a Instituição e os catadores em prol da implementação de uma Coleta Seletiva inclusiva.

A fotografia, enquanto instrumento de pesquisa, teve destaque dentro do processo de construção desse diagnóstico. Observou-se que a utilização desse instrumento foi muito rica, uma vez que permitiu o acesso à subjetividade do sujeito da pesquisa de uma forma que dificilmente seria alcançada por outro meio, em razão das fotos por eles tiradas possuírem um significado especial em suas vidas, que somente eles poderiam declarar, além de ter sido uma inesgotável fonte de motivação. Quando há envolvimento emocional, a expressão da subjetividade ocorre de uma maneira mais espontânea, uma vez que o sujeito vê sentido no que está realizando. Ao comentar cada cena, o catador desvelou partes de sua história, sentimentos e emoções. Além disso, o trabalho com a imagem promoveu uma maior tomada de consciência dos catadores acerca de sua

própria realidade, a partir do momento que exerceram o papel de observadores de suas próprias vidas.

A partir das informações obtidas por meio da fotografia e das entrevistas realizadas, foram revelados, com um grau de riqueza muito grande, os diversos aspectos que envolvem a vida dos catadores. Emergiram, no entanto, três categorias que merecem destaque. São elas: família, trabalho e reconhecimento. Todas estão interligadas, o que justifica o fato de estarem imbricadas no decorrer desta dissertação.

Na primeira delas, destaca-se a importância que a família possui para esses trabalhadores. Os familiares são, quase sempre, a única referência na Capital Federal e são neles, e por eles, que encontram força para continuar lutando pela sobrevivência. A união tem destaque nessa relação familiar, assim como a preocupação que os pais possuem com o futuro dos filhos, o que se reflete no fato de todos estarem matriculados na escola. Nas falas de Solange e dona Luzineide, apesar do pouco acesso que tiveram à educação formal, fica explícito o desejo de que os filhos estudem e obtenham melhores oportunidades do que elas. Além disso, por serem oriundos de áreas onde o trabalho no campo ocorria prioritariamente pela organização familiar, reproduzem essa forma no seu dia-a-dia, na rotina de catação e no processo de separação do lixo coletado. Esse tipo de organização proporciona maior autonomia e controle sobre o trabalho e os ganhos auferidos, sendo um dos principais motivos que os fazem rejeitar o cooperativismo ou o associativismo.

A segunda categoria, relaciona-se ao trabalho árduo e arriscado desenvolvido por esses trabalhadores, que percorrem as ruas em busca dos materiais recicláveis, que representam a sua sobrevivência e de sua família. A separação desses materiais é realizada nas próprias invasões. O fato de viverem nesses espaços, no entanto, gera uma instabilidade muito grande na vida dessas pessoas, uma vez que lidam frequentemente com ações de remoção do Governo e apreensões de bens e instrumentos de trabalho. Desse modo, estão sempre buscando se reerguer e, apesar de tanto trabalharem, não encontram condições de deixar o “Cerrado”. Esse é o reflexo da falta de políticas públicas adequadas para esses trabalhadores, que garantam condições dignas de trabalho e moradia, assim como, o respeito às suas particularidades.

A venda dos materiais recicláveis é realizada no próprio local de trabalho, onde atravessadores ou intermediários passam ali frequentemente para comprá-los. Por não estarem organizados coletivamente, vendem em menores quantidades e se sujeitam aos baixos preços impostos pelos compradores, que costumam reduzi-los ao máximo alegando baixa qualidade dos materiais.

Com relação ao reconhecimento, ele se deu em várias esferas, que estão no nível da subjetividade, e foram reveladas no decorrer da pesquisa: o reconhecimento de si, do outro e do modo como se é reconhecido. O reconhecimento de si, tornou-se possível, principalmente, pelo resgate da memória dos catadores, ocorrido por meio das entrevistas acerca das histórias de vida de cada um, e da análise das fotografias, que incitaram as lembranças remotas a virem à tona.

Por meio do questionário aplicado junto aos estudantes da Universidade, pode-se perceber que, apesar desses alunos estarem inseridos em uma prática de ensino voltada para as questões ambientais, algumas posturas revelaram que os catadores são, muitas vezes, percebidos através de uma camada permeada por preconceitos que não os deixam enxergar o ser humano que se encontra por trás da catação. Apesar disso, a maioria atribuiu grande importância ao trabalho desenvolvido por esses trabalhadores. Por sua vez, os catadores relatam que são, frequentemente, vítimas de preconceitos e que se sentem menosprezados, como fica claro em suas falas ao longo do trabalho.

A Universidade surge, então, como um espaço muito importante para os catadores. Em primeiro lugar, por sua localização próxima às invasões em que os catadores residem. Em segundo, por apresentar uma quantidade muito grande de materiais, em especial, o papel e o papelão.

A exposição fotográfica “Realidade Revelada” proporcionou um primeiro contato formal entre os catadores e a comunidade acadêmica, assim como contribuiu para introdução da discussão do trabalho desses catadores no interior do *Campus*. No entanto, esse foi apenas um pequeno passo diante do longo caminho a ser percorrido, uma vez que muito precisa ser feito para que haja uma aproximação entre Universidade e catadores, para que juntos possam pensar em um modelo de Coleta Seletiva inclusiva e que gere renda para esses trabalhadores.



Ao término desse estudo, por meio do diagnóstico realizado acerca da realidade dos catadores informais, pode-se perceber que essa categoria, pelas próprias características do seu trabalho, se constitui no elo mais frágil da cadeia da reciclagem, sendo constante vítima de exploração - recebem a menor fatia dos lucros gerados pela cadeia -, e vivem em condições precárias.

Esses catadores encontram-se na zona de vulnerabilidade, apontada por Castel (1997), na qual a precariedade marca a sua atividade laboral e a fragilidade envolve as suas relações. Os integrantes dessa zona, ainda segundo o autor, vivenciam uma frágil condição, na qual estão no limiar da “desfiliação”, termo utilizado para referir-se a uma situação de duplo desligamento.

As políticas públicas que visam à implantação de Coleta Seletiva e as melhorias para o setor, são normalmente direcionadas aos catadores que já se encontram organizados. Esse fato pode incorrer em um perverso processo de “exclusão da exclusão”, uma vez que, ao desconsiderar os catadores autônomos dessas propostas e ao não se pensar em meios de incluí-los, esses trabalhadores são cada vez mais empurrados rumo à marginalização.

Desse modo, fica evidente a frágil e instável situação desses catadores, que não participam de Programas Governamentais, por não terem endereço fixo e, em alguns casos, documento. Trabalham de forma autônoma e por não estarem organizados coletivamente, sentem-se fracos no momento de lutar pelos seus direitos.

O sentimento de abandono e a espera por ajuda, marcam o seu cotidiano. A Universidade, espaço de trabalho desses catadores, enquanto instituição que possui amplo papel social pode contribuir para que esses catadores tenham acesso, no mínimo, à informação acerca do que é o cooperativismo, para que possam optar conscientemente se desejam ou não participar desse tipo de organização. Além disso, pode contribuir, por meio de um processo coletivo e participativo, na construção de estratégias, para que os catadores possam ser incluídos formalmente no âmbito da Universidade. Nesse sentido, seguem abaixo algumas recomendações.

## Recomendações

O presente trabalho sugere que o processo de implantação da Coleta Seletiva, no Campus da Universidade de Brasília, contemple a participação dos catadores informais de materiais recicláveis que atualmente sobrevivem dos resíduos gerados pela UnB. A partir desse entendimento, se faz necessária a elaboração de uma estratégia de aproximação junto a esses trabalhadores para que, de forma participativa, se pense em alternativas que permitam sua inclusão por meio de um processo de adaptação lento e amplo, respeitando-se os tempos de compreensão e avaliação desses atores.

Há claramente a necessidade de um maior contato entre a Universidade e esses catadores. Esses trabalhadores não têm conhecimento do que se passa no *Campus*, nem de que lá será implantado um processo de Coleta Seletiva, a partir do qual teriam que deixar de coletar resíduos na UnB. A fala de Ronaldo Adriano, ao ser informado pela pesquisadora sobre os galpões de triagem no *Campus*, demonstra a receptividade desse catador à possibilidade de aderir à uma cooperativa e trabalhar nesse espaço: “Aí era bom eu trabalhar lá. Eu até alugava uma casinha na Vila e ia de bicicleta pra UnB.”

Desse modo, recomenda-se uma aproximação, na qual se esclareça a esses trabalhadores os projetos e as propostas que serão implementados no *Campus*, bem como se buscar, de forma participativa, uma maneira de inseri-los nesse processo, se esse for o desejo dos catadores. Criadas essas condições mínimas, uma alternativa natural de inclusão passaria por suas vinculações às cooperativas ou associações que serão contempladas pelo projeto de Coleta Seletiva da Universidade, em cumprimento ao Decreto Federal 5.940/06.

Sugere-se, também, que esses catadores sejam incluídos nos programas de formação previstos pelo Grupo de Trabalho - Gestão Compartilhada de Resíduos, da Agenda Ambiental da UnB, assim como participem de eventuais formações para esse segmento, que venham a ser disponibilizadas pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico - CDT.

## APÊNDICE

---

**APÊNDICE N° 1****ROTEIRO DE ENTREVISTA – IDENTIFICAÇÃO PRELIMINAR****CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS****1) Identificação**

- a) Nome
- b) Idade
- c) Qual a sua cidade natal
- d) Quais as características da última cidade/local onde morou?
- e) Tem filhos?
  - a. Se sim, quantos?
  - b. Estudam?
    - i. Se sim, onde?

**2) Formação**

- a) Sabe ler?
- b) Sabe escrever?
- c) Estuda ou estudou até que série?

**3) Condições de vida**

- a) Onde mora? Há quanto tempo?
- b) De onde vem a água que utiliza?
- c) Como você considera as condições de higiene do local onde vive?
- d) Onde toma banho?
- e) Onde lava as roupas?
- f) Já foi retirado do local em que vive alguma vez?
  - a. Se sim, de onde?
  - b. Por quem?
  - c. Por quê?
- g) Qual o seu lazer?

**4) Relação com a Universidade de Brasília**

- a) Há quanto tempo recolhe os resíduos na UnB?

- b) Já foi impedido de recolher os resíduos na UnB?
- c) Coleta os resíduos de qual setor da UnB?
- d) Já teve algum contato formal com a Universidade?
  - i. Se sim, qual?
- e) Porque escolheu a UnB para realizar a Coleta?
- f) Já teve algum contato com os:
  - i. Alunos da UnB?
  - ii. Professores da UnB?
  - iii. Funcionários da UnB?
    - 1. Se sim, que tipo de contato?
- g) Já sofreu algum tipo de discriminação dentro do *Campus* da Universidade de Brasília?
  - i. Se sim, que tipo de discriminação?
    - 1. Como você se sentiu?

## 5) Renda

- a) É cooperado?
  - i. Se não, por quê?
    - 1. Gostaria de ser cooperado?
      - a. Por quê?
  - ii. Se sim, integra qual cooperativa?
- b) Acha importante ser cooperado?
  - i. Por quê?
- c) Conhecem alguma cooperativa?
- d) Conhece a CENTCOOP?
- e) Para onde vendem os resíduos?
- f) Quanto ganha por mês?

## 6) Condições de trabalho

- a) Já sofreu algum acidente durante o trabalho?
- b) Utiliza material de segurança?
- c) Já teve alguma doença em virtude do seu trabalho?
  - i. Se sim, qual/quais?
- d) O que você mais gosta no seu trabalho?

e) O que você menos gosta?

**7) Perspectivas para o futuro**

- a) Qual o seu sonho?
- b) Pretende continuar morando neste local?
  - i. Por quê?
- c) Pretende mudar de profissão?
  - i. Por quê?
- d) Gostaria de deixar alguma mensagem para a Universidade de Brasília?

**APÊNDICE N° 2**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – HISTÓRIA DE VIDA  
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

1. Onde seus pais nasceram?
2. Em que os seus pais trabalhavam?
3. Quantos irmãos você tem? Em que eles trabalham?
4. É casado?
5. Em que sua esposa/marido trabalha?
6. Como era o local em que morou quando criança?
7. Como foi a sua infância?
8. Quando criança sonhava trabalhar em que?
9. Como e porque vieram para Brasília?
10. Estudou? Até que série? Se não, por quê?
11. Começou a trabalhar com que idade? Em que?
12. Já trabalhou em que?
13. Quando começou a coletar resíduos sólidos?
14. Porque escolheu este trabalho?
15. Pode nos contar como e porque veio morar neste local?
16. Há quanto tempo mora aqui?

17. Como considera o local onde mora?
18. Você muda de moradia com frequência? Onde já morou?
19. Qual a causa disso?
20. Como você e sua família se sentem em relação a isso?
21. Qual o fato mais marcante que já aconteceu durante o seu trabalho de catador?
22. Qual o pior fato que já lhe aconteceu durante o trabalho?
23. Quais os pontos positivos da profissão?
24. Quais os negativos?
25. Já sofreu algum tipo de preconceito?
26. Já sofreu algum acidente durante o trabalho? Como foi?
27. Já teve alguma doença em decorrência do lixo? E sua família?
28. Quais os principais problemas de saúde da família? Como faz para tratar?
29. Tem acesso a hospitais ou a postos de saúde?
30. O que mudou na sua vida após esta profissão? Melhorou ou piorou?
31. Qual o melhor lixo que já encontrou? E o pior?
32. Gostaria de ter outro emprego, por quê?
33. Porque escolheu a UnB para realizar parte de sua coleta?
34. Como é sua rotina de trabalho?
35. Quais produtos você coleta?
36. Como faz a separação?
37. Qual produto contribui mais com o seu sustento?
38. A quem você vende os produtos coletados?
39. Qual sua relação com essa empresa ou pessoa?
40. Qual a sua relação com outros catadores?
41. Você tem amigos catadores?
42. Você está vinculado a alguma associação ou cooperativa?
43. Você já ouvir falar nas cooperativas de catadores de material reciclável?
44. Você conhece esse modelo de trabalho (em cooperativa)?
45. Qual a sua impressão sobre o cooperativismo?
46. Qual a sua renda mensal?
47. Se você fosse um cooperado sua renda seria maior ou menor?
48. Como a sua família se diverte?
49. Qual o seu sonho?
50. O trabalho que você desempenha é importante? Para quem? Por quê?

**APÊNDICE N° 3****QUESTIONÁRIO - ESTUDANTES**

Curso: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) F ( ) M

1. Com base nas fotos apresentadas responda as perguntas abaixo:

a) Com que frequência você vê estas cenas?

( ) Nunca ( ) Raramente ( ) Às vezes ( ) Quase sempre ( ) Sempre

b) Onde você costuma ver ou já viu estas cenas?

---

---

---

2. Complete as frases abaixo:

a) Quando vejo um catador sinto

---

---

b) O catador lembra

---

---

c) O trabalho realizado pelo catador é

---

---

d) A presença dos catadores de materiais recicláveis nas grandes cidades é consequência

---

---

3) Marque uma única alternativa para responder a próxima questão e, caso deseje, utilize as linhas abaixo para comentar a sua resposta.

a) Qual a relevância socioambiental do trabalho do catador para a sociedade?

( ) Nenhuma ( ) Baixa ( ) Média ( ) Alta

---

---

---



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO GUARÁ. Barracos são removidos da invasão do Grêmio do Guará. Disponível em: <[http://www.guara.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=67913](http://www.guara.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=67913)>. Acesso em: 20 dezembro 2008.

ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ANDRÉ, Marli Eliza. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005. 70 p.

ARAÚJO, Carlos Henrique; BURSZTYN, Marcel. **Da utopia à exclusão vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond. Brasília: codeplan. 1997.

BARBOZA, Daiani; ZANELLA, Andréa Vieira. O movimento de potência/impotência de ação de catadores de material reciclável: o diálogo com a assessoria. **Pro-Posições**, v. 18, n. 2(53) – maio/ago, p. 147-166, 2007.

BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Decreto nº 5.940, de 25 de outubro de 2006. **Diário Oficial da União**. Art. 84, inciso VI, alínea “a” da Constituição Federativa do Brasil.

BUARQUE, Cristovam. Olhar a (da) rua. In: BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 7-10.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: ARAÚJO, Carlos Henrique; BURSZTYN, Marcel. **Da utopia à exclusão vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond. Brasília: codeplan. 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é apartação – o apartheid social no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993. 93p.

BURSZTYN, Marcel. In: ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacellar. **As sobras da modernidade**. Porto Alegre: Corag, 2006. p. 147-149.

\_\_\_\_\_. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. In: Bursztyn, Marcel et al. **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003a. cap 1, p.27-55.

\_\_\_\_\_. Vira-mundos e “rola-bostas”. In: Bursztyn, Marcel et al. **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003b. cap. 8, p.230-258.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. 4 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004a. 256 p.

\_\_\_\_\_. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYTARGUES, Philippe Pomier (org). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004b. p.13-24.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação**. Caderno CRH, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez., 1997.

CEMPRE. **Guia da Coleta Seletiva de lixo**. São Paulo: CEMPRE, 1999.

CIDIN, Renata da Costa Pereira Jannes; SILVA, Ricardo Siloto da. Pegada Ecológica: Instrumento de Avaliação dos Impactos Antrópicos no Meio Natural. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 43-52, 2004.

DECLARAÇÃO do Seminário Gestão Socioambiental para Unb em debate. In: SEMINÁRIO GESTÃO SOCIOAMBIENTAL PARA UNB, 2009, Brasília. **Declaração...** Brasília: Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.unb.br/extensao/downloads/declaracao\\_seminario.pdf](http://www.unb.br/extensao/downloads/declaracao_seminario.pdf)>. Acesso em: 5 julho 2009.

DECLARAÇÃO de Talloires: university presidents for a sustainable future. Disponível em: <<http://www.iisd.org/educate/declarat/tallore.htm>>. Acesso em: 1 julho 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

FREITAS, Maria Vany. **Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. 299 p.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GENTIL, Valéria Almeida. **Pessoas Residuais e os Resíduos das Pessoas: uma análise do desenvolvimento mercadológico do Distrito Federal**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. 177 p.

GOMES, William Barbosa. **A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente**. Psicologia USP, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 305-336, 1997.

GUARESCHI, P.A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 141-156.

GUARESCHI, P. Alteridade e Relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, Ângela (org). **Representando a alteridade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 149-161.

GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo et al. (orgs.). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006. p.15-29.

\_\_\_\_\_. Educação Ambiental Crítica. In: \_\_\_\_\_ (org). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-34.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2000. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb/pnsb.pdf>>.  
Acesso em: 7 agosto 2009.

INSTITUTO ETHOS. **Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos**. São Paulo. 2007.

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada; TEM - Ministério do Trabalho e Emprego (orgs.). **Boletim Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise. n. 41, nov. 2009.

JAPIASSU, Hilton. **As paixões da ciência**. 1 ed. São Paulo: Letras & Letras, 1991. 340 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Do Ecodesenvolvimento ao Desenvolvimento Sustentável: evolução de um conceito? 2008. Disponível em: <[http://material.nerea-investiga.org/publicacoes/user\\_35/FICH\\_PT\\_32.pdf](http://material.nerea-investiga.org/publicacoes/user_35/FICH_PT_32.pdf)>. Acesso em: 05 julho 2008.

\_\_\_\_\_. O cinismo da Reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo et al. (orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.179-219.

\_\_\_\_\_. O cinismo da Reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. São Paulo: Cortez, p. 179-220. 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e Dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1473-1494, Set./Dez. 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação**. Brasília: Liber Livro, 2006.

MAGERA, Márcio. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. 2 ed. São Paulo: Átomo. 2005.

MANDARINO, Adriana Sobral Barbosa. **Gestão de resíduos sólidos domiciliares: legislação e práticas no distrito federal**. 2000. 108 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. Paulus, 1997.

MATURANA, Humberto. Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade. In: **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000. p. 83-114.

MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACÊDO, Kátia Barbosa. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 3, n. 2, p. 72-94, mai./ago. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE (org.). **A implantação da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília: Coordenação de Educação Ambiental, 1998.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2001.

\_\_\_\_\_. **O Método 1. A Natureza da Natureza**. 3 ed. Portugal: Publicações Europa América, 1997.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: Bursztyn, Marcel. **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

NEIVA JÚNIOR, Eduardo. **A imagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994. 96 p.

NICOLESCU, Basarab. Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso. In: **Educação e Transdisciplinaridade II**, São Paulo: Triom, 2002. p. 45-71.

\_\_\_\_\_. Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade. In: **Educação e Transdisciplinaridade**, Brasília: UNESCO, 2000. p. 13-29.

\_\_\_\_\_. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999. 167 p.

**O TRECHEIRO**: notícias do povo da rua, São Paulo, n. 174, ano XIX, fev. 2009.

PAUGAN, S. O Enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 67-86.

SINGER, Paul. Economia Solidária “explodiu” nos últimos seis anos. *Revista do Brasil*, São Paulo, 40. ed., out. 2009.

PEREIRA, Camila. **Rua sem saída**: um estudo sobre a relação entre o Estado e a população de rua de Brasília. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade de Brasília, Brasília.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 205 p.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes. 1993.

SÁ, Laís Maria Borges de Mourão. Ciência e Sociedade: a educação em tempos de fronteiras paradigmáticas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 23, p. 217- 228, jul/dez. 2006.

SAITO, Carlos Hiroo *et al.* Sou UnB jogo limpo: investigação-ação como fundamento de uma prática de educação ambiental e gestão de resíduos sólidos que integra trabalho, ensino, pesquisa e extensão. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, v. especial, p.305-317, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 120 p.

\_\_\_\_\_. Os modos de produção do poder, do direito e do senso comum, In: **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001. p. 261-327.

SANTOS, Tania Steren dos. Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital. **Sociologias**, Porto Alegre, jul./dec., n. 6, p.170-198, 2001.

SAWAIA, Bader Burihan (org.). **As Artimanhas da Exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes. 2006.

SIQUEIRA, Leandro de Castro. Produção de Resíduos no Restaurante Universitário: diagnósticos para ações de Educação Ambiental no Programa Agenda 21 da Universidade de Brasília. 2002. 116 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia), Universidade de Brasília, Brasília.

SOARES, Luiz Carlos (org). **Da Revolução Científica à Big (Business) Science**. São Paulo: HUCITEC – EDUFF, 2001.

SUDESA. Invasão - Operação retira moradores de rua e remove lixões em áreas nobres do Distrito Federal. Disponível em: [http://www.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=56153](http://www.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=56153). Acesso em: 3 Novembro 2008.

SUDESA. Sudesas comemora um ano de existência em defesa do meio-ambiente. Disponível em: [http://www.ssp.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=62741](http://www.ssp.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=62741). Acesso em: 10 Novembro 2008.

SZMRECSÁNYI, T.J.M.K. Esboços de história econômica da ciência e da tecnologia. In: SOARES, Luiz Carlos (Org). **Da Revolução Científica à Big (Business) Science: Cinco Ensaios de História da Ciência e da Tecnologia**. São Paulo: Hucitec, Niterói: EdUFF, 2001.

TISSI, Maria Cristina. Deficiência e trabalho no setor informal: considerações sobre processos de inclusão e exclusão social. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 9, n. 1-2, p. 77-86, jan./dez. 2000.

VELEDA, Raphael. A vida ao relento. **Correio Braziliense**, Brasília, 7 jul. 2008.

WANDERLEI, Mariângela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 16-26.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, 2009.

WWF International; Zoologic Society of London Global; Global Footprint Network (orgs.). **Relatório Living Planet Report 2006**. Gland, Suíça, 2006. 45 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacellar. O processo de educação ambiental para gestão de resíduos sólidos na UnB, DF. **Revista Recaminho**, Brasília, p. 20-21, 2009.

ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacellar. **As sobras da modernidade**. Porto Alegre: Corag, 2006.

ZANETI, I.C.B.B; Mourão, L.M; Gentil, V. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 173-192, jan./abr. 2009.

## ANEXO

---



## Presidência da República Casa Civil

### Subchefia para Assuntos Jurídicos

#### DECRETO Nº 5.940, DE 25 DE OUTUBRO DE 2006.

Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

#### **DECRETA:**

Art. 1º A separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis são reguladas pelas disposições deste Decreto.

Art. 2º Para fins do disposto neste Decreto, considera-se:

I - coleta seletiva solidária: coleta dos resíduos recicláveis descartados, separados na fonte geradora, para destinação às associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis; e

II - resíduos recicláveis descartados: materiais passíveis de retorno ao seu ciclo produtivo, rejeitados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta.

Art. 3º Estarão habilitadas a coletar os resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta as associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis que atenderem aos seguintes requisitos:

I - estejam formal e exclusivamente constituídas por catadores de materiais recicláveis que tenham a catação como única fonte de renda;

II - não possuam fins lucrativos;



III - possuam infra-estrutura para realizar a triagem e a classificação dos resíduos recicláveis descartados; e

IV - apresentem o sistema de rateio entre os associados e cooperados.

Parágrafo único. A comprovação dos incisos I e II será feita mediante a apresentação do estatuto ou contrato social e dos incisos III e IV, por meio de declaração das respectivas associações e cooperativas.

Art. 4º As associações e cooperativas habilitadas poderão firmar acordo, perante a Comissão para a Coleta Seletiva Solidária, a que se refere ao art. 5º, para partilha dos resíduos recicláveis descartados.

§ 1º Caso não haja consenso, a Comissão para a Coleta Seletiva Solidária realizará sorteio, em sessão pública, entre as respectivas associações e cooperativas devidamente habilitadas, que firmarão termo de compromisso com o órgão ou entidade, com o qual foi realizado o sorteio, para efetuar a coleta dos resíduos recicláveis descartados regularmente.

§ 2º Na hipótese do § 1º, deverão ser sorteadas até quatro associações ou cooperativas, sendo que cada uma realizará a coleta, nos termos definidos neste Decreto, por um período consecutivo de seis meses, quando outra associação ou cooperativa assumirá a responsabilidade, seguida a ordem do sorteio.

§ 3º Concluído o prazo de seis meses do termo de compromisso da última associação ou cooperativa sorteada, um novo processo de habilitação será aberto.

Art. 5º Será constituída uma Comissão para a Coleta Seletiva Solidária, no âmbito de cada órgão e entidade da administração pública federal direta e indireta, no prazo de noventa dias, a contar da publicação deste Decreto.

§ 1º A Comissão para a Coleta Seletiva Solidária será composta por, no mínimo, três servidores designados pelos respectivos titulares de órgãos e entidades públicas.

§ 2º A Comissão para a Coleta Seletiva Solidária deverá implantar e supervisionar a separação dos resíduos recicláveis descartados, na fonte geradora, bem como a sua destinação para as associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis, conforme dispõe este Decreto.

§ 3º A Comissão para a Coleta Seletiva Solidária de cada órgão ou entidade da administração pública federal direta e indireta apresentará, semestralmente, ao Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo, criado pelo [Decreto de 11 de setembro de 2003](#), avaliação do processo de separação dos resíduos recicláveis descartados, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis.

Art. 6º Os órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta deverão implantar, no prazo de cento e oitenta dias, a contar da publicação deste Decreto, a separação dos resíduos recicláveis descartados, na fonte geradora, destinando-os para a coleta seletiva solidária, devendo adotar as medidas necessárias ao cumprimento do disposto neste Decreto.

Parágrafo único. Deverão ser implementadas ações de publicidade de utilidade pública, que assegurem a lisura e igualdade de participação das associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis no processo de habilitação.

Art. 7º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de outubro de 2006; 185º da Independência e 118º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Patrus Ananias*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 26.10.2006

Fonte:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5940.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5940.htm)